



*Significado da capa da Antologia Moderna Angolana*

“Muyinda” – Mascarado munido de andas, personagem importante do “Zemba” ou “Mungonge” (ritual de iniciação de carácter secreto).

Todos Os Sonhos  
Antologia da Poesia  
Moderna Angolana

Copyright © 2008, by Vários Autores, Adriano Botelho de Vasconcelos & UEA

**Ensaio**

Seomara Santos

**Capa**

Desenhos na areia

Cokwe/Sonia

**Revisão**

Ana Lúcia Lopes de Sá

**Design Gráfico e Impressão**

Zoomgraf-k Ltda

Depósito Legal n.º 2729/08

**Tiragem**

1.000 Exemplares

2.ª Edição: Luanda, 2008

Colecção «Guaches da Vida» N.º 40

Todos os direitos desta edição à UEA

Email: [uea@uea-angola.org](mailto:uea@uea-angola.org)/ [uniaoea@yahoo.com.br](mailto:uniaoea@yahoo.com.br)

Site: [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org)

Tel.: 222 -322421/323202 Fax: 222 -323205

E-mail do organizador: [vasconcelosab@yahoo.com.br](mailto:vasconcelosab@yahoo.com.br)

ADRIANO BOTELHO DE VASCONCELOS

Todos os Sonhos  
Antologia da Poesia  
Moderna Angolana



União dos Escritores Angolanos  
«Guaches da Vida»



# Índice e Datações da Antologia

2ª Edição

UEA - 2008





ÍNDICE E DATAÇÕES DA ANTOLOGIA DA POESIA ANGOLANA

**Abreu Paxe (1969)**

Do Livro:

«A Chave no Repouso da Porta»

Edição/INIC

(2003)

Talvez dobrado azul..... 61

Da Revista Internacional de Poesia:

«Dimensão»

Uberaba/Brasil

(2000)

A noite I ..... 61

A boca ..... 61

Instantes oblíquos ..... 62

«Inéditos»

Castelo mural ..... 62

No pé da cidade ..... 62

**Adriano Botelho de Vasconcelos (1955)**

Do Livro:

«Células de Ilusão Armada»

Edição/INALD

(1983)

Confissão ..... 65

Do Livro:

«Abismo de Silêncio»

Edição /UEA

(1996)

Kalunga Luigi, só os naufragos sabem (...) ..... 68

Tentativa de continuação do canto de Neruda (...) ..... 69

Abra-se a cortina de coisas passadas (...) ..... 70

Só os barcos no mar descobrem a planície (...) ..... 71

Do Livro:  
 «Tábua» : Grande Prémio Sonangol de Literatura 2003  
 Edição/UEA  
 (2004)

Luz. E tudo parece uma dança que (...) .....	72
Luz. Eu vi cair o que o herói não conseguira (...) .....	73
Luz. O mar pode um dia trazer uma cidade (...) .....	74
Luz. Só o coração sabe enganar mesmo (...) .....	75
Luz. O que posso descobrir no corpo de (...) .....	77

**Alexandre do Nascimento (1925)**

Do livro:  
 «Livro de Ritmos»  
 (1994)

Senhora da Muxima .....	81
Mendiga E Criança .....	83
Mãe de Angola .....	84
O Sol Agoniza Dentro de Mim .....	85
O Nosso Mar .....	86
Senhora do Meu Lar .....	88
Vestido De Nossa Senhora .....	89
Fontes de Nazaré .....	90
O Menino E As Nuvens .....	92
Irmã Dos Muceques .....	94

**Alice Palmira (1940)**

«Mulemba da Saudade»  
 Edição/UEA  
 (2004)

Cabeça Rapada .....	99
Minha Poesia .....	99
A mulemba da Esperança .....	100

**Amélia Dalomba (1961)**

Do livro:  
 «Noites Ditas à Chuva»  
 Edição/UEA  
 (2005)

A Canção do Silêncio .....	103
Na Milésima de Tempo .....	103
Frases Feitas .....	103
Herança de Morte .....	104
Mãos .....	104

**Ana de Santana (1960)**

Do Livro:  
«Sabores Odores & Sonho»  
Cadernos L&O  
Edição/UEA  
(1985)

Música sanguínea (...) .....	106
Núpcias (...) .....	107
Canção para uma mulher (...) .....	107
Barco aberto (...) .....	108
Com alma (...) .....	108

**Ana Branco (1967)**

Do Livro Inédito  
«O Bico da Cegonha»

Primeiro Poema .....	113
Sétimo Poema .....	115
Chovia simplesmente .....	116
Décimo VIIº Poema .....	117

Do Livro:  
«A Despedida de Mim»  
Edição/UEA  
(2004)

Finalmente a Verdade .....	119
O Livro .....	120

**Armindo J. Gomes (1962)**

Do Livro:  
«Noites Por Dia»  
Edição/INALD  
(1998)

Assimetria .....	125
Penitência .....	125
Promissão .....	125
Desejo Divagar .....	126
Florescência .....	126

### **Antero Abreu (1927)**

Do Livro:  
«Poesia Intermitente»  
Edição/UEA  
(1987)

Coisas Lilases .....	129
Música .....	129
À Força de Um Abraço .....	130
O Sentimento .....	130
Ernesto Lara Filho .....	131

### **António Cardoso (1933-2006)**

Do Livro:  
“21 Poemas na Cadeia»  
Cadernos L&O  
Edição/UEA  
(1979)

O mar visto da cadeia .....	135
A flor .....	136
Poesia .....	137
Aviso .....	138
Poema Panfletário .....	138

### **António Pompílio (1964)**

Do Livro:  
«Simetrias»  
Edição/UEA  
(2003)

Limite (...) .....	141
Caminhada (...) .....	141
Mergulho (...) .....	141
A sina da pátria (...) .....	142

O seio do castigo (...)	142
Confissão (...)	142
Cegueira (...)	143

## «Inéditos»

Mudança (...)	143
Intemporalidades (...)	143
Decomposição (...)	144

**Anny Pereira (1951)**

## Do Livro:

«14 Poemas em Abril»

Edição /UEA

(1999)

Identidade .....	147
Domingo em Alvalade .....	148
(Poema de) Alforria .....	148
Posse .....	149

## «Jornal de Angola»

(2000)

O Meu pé de maracujá .....	150
----------------------------	-----

## «Inéditos»

O Meu amor .....	151
Soneto ao mar .....	152

**António Gonçalves (1960)**

## Do Livro:

«Buscando o Homem»

Edição/Kilombelombe

(2000)

Experimentando experimento .....	155
Intervalo com jindungu kabombo .....	155
Piando Poesia .....	156
3 Momentos .....	156
Lírica visão erótica .....	157

«Inéditos»

A África que observo com os dedos .....	158
1ª Transparência (Monólogo) .....	159
2ª Transparência (Falando do amor) .....	160
6ª Transparência (O beijo) .....	161
Quarto Poema Sem Título .....	162

**António Panguila (1963)**

Do Livro:  
«Amor Mendigo»  
Edição/Autor  
(1997)

Cidade Morta .....	165
Encante a Gaivota .....	165
Quando o sol for sol .....	165

Do Livro:  
«O Vento do Parto»  
Edição/Autor  
(1997)

A vaca que arrasta o tempo .....	166
Cabeça ao culto da fecundidade .....	167
Mukonda dia uanga .....	168

**António Azzevas (1958)**

Do Livro:  
«Nu Clima de Mangas»  
Edição/UEA  
(2006)

Canção para a Minga .....	189
Tranças .....	189
Mila .....	189

**Arnaldo Santos (1935)**

Do Livro:  
«Poemas no tempo»  
Edição/UEA

(1988)

Poemas da Redes .....	171
<i>Luanda - 1965</i>	
Poemas ao Sol .....	173
<i>Luanda - Fev. 1976</i>	
Poemas da Esperança .....	174
<i>Uije - Julho/58</i>	
Ilha dos Pescadores .....	174
<i>Luanda - 1965</i>	
Amanhecer na Katumbela .....	176
<i>Katumbela - 1970</i>	

Do Livro:

«Nova Memória da Terra e dos Homens»

Edição/UEA

(1987)

Canto A Um Homem Que Não Era Árvore .....	177
<i>(1979)</i>	
A Lavra Grande .....	179
<i>Luanda - 1986</i>	
As Acácias em Outubro .....	180
<i>Luanda - 18.10.1986</i>	

Do Livro:

«A Casa Velha das Margens»

Edição/Chá de Caxinde

(1999)

Desterro do Ambaquista .....	181
As Belas de Sangandombe .....	182

### **Arlindo Barbeitos**

Do Livro:

«Fiapos de Sonho»

Edição/UEA

(1992)

Roçando .....	189
Amada .....	189
Gira Gira Meu Irmão .....	190
Traço de Nuvem .....	190
Eu Te Magoei Sem Ver Que Era .....	190

**Akiz Neto (1959)**

Do Livro:  
 «No Umbigo da Palavra»  
 Edição/Brigada Jovem de Literatura de Angola  
 (2003)

No Umbigo da Palavra .....	189
Topografia da Metáfora .....	189
Fotopoema da Alma .....	190

**Beto Van-Dúnem (1935)**

«Inéditos»

Aquela Negra .....	193
Súplica .....	193
Cantiga da Mulata .....	194
Tristeza .....	196
Esperança .....	197
Despertar .....	197
Desilusão .....	198
Desolação .....	198

**Carla Queiroz (1968)**

Do Livro:  
 «Os Botões Pequenos Sonham com o mel»  
 Edição/INIC  
 (2001)

Beijos da Flor .....	200
Extremo .....	200
Declaração .....	201

**Carlos Ferreira (1960)**

Do Livro:  
 «Ressaca»  
 Edição/Chá de Caxinde  
 (2000)

Poema Cinco .....	205
Poema Dez .....	205



Poema vinte e sete .....	205
Poema Setenta e Seis .....	206

## «Inéditos»

Eu Fico( . . . ) .....	207
Derrote .....	208
Os Heróis dos Meus 15 anos .....	209
Estrangeiro .....	209

**Carlos Pimentel (1944)**

## Do Livro:

«Cadernos de Sol»  
Edição/Chá de Caxinde  
(2001)

Sementes .....	213
Pioneiro Vencedor .....	213
Salphabetizando .....	214

**Cecília Ndanhakukua (1975)**

## Do Livro:

«Insónias Líricas»  
Edição/Nzila  
(2002)

Amor de Mãe .....	217
Desejo de Amar .....	217
Solidão .....	218
Reconciliação .....	218
Destino .....	219

**Chô do Gury (1958)**

## «Inéditos»

Ó poesia! .....	223
Inocência .....	223
Batam Palmas .....	225
Pedinte .....	226
Vida Dura/Dura Vida .....	227
Continuam a Xinguilar .....	229

**Conceição Cristóvão (1962)**

Do Livro:

«A Voz dos Passos Silenciosos»

Edição/BJLA

(1990)

Perigosas núpcias ..... 233

Do Livro:

«Amores Elípticos»

Edição/BJLA

(1996)

Idade da Pedra ..... 234

Ritos ..... 234

Imagem vadia ..... 235

Do Livro :

«A Idade Digital do Verso»

Edição/INIC

(2002)

Metalinguar a palavra ..... 235

Respiração das Folhas ..... 236

Construtores de Utopias ..... 237

«Inéditos»

Geografia Erótica ..... 238

Sol e Pálpebras ..... 241

O Fundo da Palavra ..... 241

**Costa Andrade (1935)**

Do Livro:

«Poesia com Armas»

Edição/UEA

(1975)

Poema quarto de um canto de acusação ..... 241

*De «Canto de Acusação» Perugia-Itália 1962*

Realização ..... 242

*De «Flores Armadas» Lumbala 1970*

Do Livro Inédito: «Gotas de pele» 1977/Luanda	
Terceira gota .....	243
Do Livro Inédito: «Antúrios de naufrago» 1984/Luanda	
Amor entre forrolhos .....	244
Do Livro: «Ontem e Depois» Edição/UEA (1985)	
O velho Sangamuamua conta histórias .....	245
Do Livro: «Os Sentidos da Pedra» Edição/UEA (1989)	
10. Um dendém maduro .....	245
Do Livro Inédito: «Loro Sae» 1999/Luanda	
Poema 20 .....	246
Do Livro: «Terra Gretada» Edição/Chá de Caxinde (2000)	
Cabinda .....	247
«Inéditos»	
Tardio despertar .....	248
Conheci-te .....	248
<i>Rio/1994</i>	

**Cristóvão Neto (1964)**

Do Livro:  
«Sinos D'Alma»  
Edição/UEA  
(1994)

Sinos d'alma .....	253
O porvir? Eu não sei... (...)	253

Do livro:  
«Pausa»  
Edição/UEA  
(1998)

Pausa (...)	254
A voz transcendente da voz (...)	255
Eremita das trevas (...)	256

«Inéditos»

E a noite está vazia (...)	257
Se da poesia nascessem (...)	257
Foge da foz, ó homem	258
Soneto Circular	259
Pus flores no horto desta língua (...)	260

**Curry Duvall (1966)**

«Inéditos»

Na Piroga do Xinguilamento I.II.	263
In Gratidão Austral I.II.III.	264

**Décio Bettencourt Mateus (1967)**

Do Livro:  
«A Fúria do Mar»  
Edição/NZILA  
(2003)

A Minha Casa .....	269
O candongueiro .....	271
Casei-me com a poesia .....	273
Não Digas Depois .....	275
De Novo Recomeçar .....	276

**Domingos Florentino (1953)**

Do Livro:

«Raízes do Porvir»

Edição/Clíper Editora

(1997)

Raízes do Porvir .....	281
<i>Luanda - 1979</i>	
Sonho de Amor .....	282
<i>Luanda - 1979</i>	
Uma Planta Plantando Sonhos .....	283

Do Livro:

«A Luz Alfabetizada das Palavras»

Edição/NZILA

(2002)

Seio .....	283
<i>Luanda - Kuito 1987</i>	
Ondas .....	283

**E. Bonavena (1955)**

Do Livro:

«Ulcerado de Míngua Luz»

Cadernos L&amp;O

Edição/UEA

(1987)

Goteja .....	287
Digo no gesto das hastes .....	287

Do Livro:

«Os Limites da Luz»

Edição/IN-CM

(2003)

Dos ventos da lona .....	289
O amanhecer das águas .....	291
Prisioneiro da saudade .....	292

Inéditos

Os muros da escuridão .....	293
-----------------------------	-----

Mulheres com rosto .....	293
O meu tempo é outro .....	294

### **Euclides Mariano (1962)**

Do Livro:

«O Cântico de Sobrevivência»

Edição/Autor

(1994)

Geografia do Tempo .....	297
Voragem .....	297
O Vento do Verão .....	298
O Homem Lendário .....	298
O Cântico da Terra .....	299
As Gerações .....	300
Zambeze Meu Amor .....	300

### **Eugénia Neto (1935)**

Do Livro:

«Foi Esperança e Foi Certeza»

Edição/UEA

(1979)

Porque me vem este odor forte .....	305
As Asas dos Confins do Meu Sonho .....	305

Do Livro:

«O Soar dos Quissanges»

Editorial Nzila

(2002)

Companheira de Caminhada .....	306
Angola .....	307
Senhor .....	308
Poesia .....	309

### **Fernando Kafukeno (1962)**

Do Livro:

«Sobre o Grafite da Cera»

Edição/Kilombelombe

(2000)

Olhos – mar I (...)	313
O Relógio da intenção (...)	313
No baloiço (...)	314
A doçura dos teus lábios (...)	315
Barbudo e aterrador (...)	315

Do Livro:  
«Beijo de Lábios»  
Edição/UEA  
(2006)

Mulher I	313
Mulher II	313
Mulher III	314

### Flas Ndombe (1959)

Do livro:  
«Risos Deluídos»  
Edição/Mindes  
(1994)

Louca Simbiose	319
----------------	-----

Do livro:  
«Postal Erótico»  
Edição/Mindes  
(1995)

À Entrada	319
-----------	-----

Do livro:  
«Para Frazeeando Cristo»  
Edição/Sopol  
(2005)

.....	319
-------	-----

### Fragata de Morais (1965)

Do livro:  
«Sumáuma»  
Edição/UEA  
(2005)

Elefantíase .....	319
Rugas .....	319
O mar .....	320
Flores .....	321

**Frederico Ningi (1959)**

Do Livro:  
«Títulos de Areia»  
Edição/Nzila  
(2003)

Títulos de areia .....	325
Borges .....	326
A morte incinerada .....	326
Entre os seios nus .....	327

**Garcia Bires (1944)**

Do Livro:  
«Olhadelando»  
Edição /Autor  
(2000)

Te de Kaxexemente.....	331
Minha Musa .....	332
No próximo encontro .....	332
Nas algas .....	333
Deixa-me .....	334
Recordando .....	334
Quarto Canto .....	335

**Henrique Guerra (1937)**

Do Livro:  
«Cadernos Sol»  
Edição/Chá de Caxinde  
(2001)

O Moringue .....	339
Entardecer .....	339

Do Livro:  
«Quando Me Acontece Poesia»  
Edição/Autor



Soneto do Tractor .....	340
Negras .....	341
Evocação Poética do Cacimbo .....	341
Quintal de Muceque .....	342
Canto de Prisão .....	343

### Isabel Ferreira (1960)

Do Livro:  
«Nirvana»  
Edição/Kilombelombe  
(2004)

Desilusão .....	347
Olhos do Vento .....	347
De Lírios .....	348
Redimido .....	348
Sentar à janela .....	348
Sensações .....	349

### Ismael Mateus (1965)

Do livro:  
«Experiência do Sentir»  
Edição/UEA  
2005

Cidade Negra .....	353
Mágoa Calada .....	354
A Vida é Cada Momento .....	355
Quando Chega o Amanhã? .....	356

### Jimmy Rufino

Do Livro:  
«Pecados do Silêncio»  
Edição/UEA  
(2006)

Talismã Perdido.....	361
Entre Dois Mundos .....	361
Ao Largo do Sonho .....	361

**João Maria Vila-Nova**

Do Livro:

«Mar da Minha Terra & Outros Poemas»

Edição/Kilombelombe

(2004)

Umm Al-Marik ou Bagdad em Baixo de Fogo .....	361
Colombo no Caribe .....	362
Kimbo Solitário Coxilando Sob o Lado Oculto da Lua .....	364
O Poeta Vestido a Rigor .....	365

**João Melo (1955)**

Do Livro:

«Fabulema»

Cadernos L&O

Edição/UEA

(1986)

O Mocho (...) .....	369
---------------------	-----

Do Livro:

«Canção do Nosso Tempo e Outros Poemas»

Edição/UEA

(1988)

Arte poética 88 .....	369
O que diria Deus se fizesse auto-crítica .....	370
O Outro lado das coisas .....	370
O Crime perfeito (...) .....	371

**João Maimona (1955)**

Do Livro:

«Quando se Ouvir o Sino das Sementes»

Edição/UEA

(1993)

Poema para Carlos Drumond de Andrade .....	375
O Poema da Sentinela .....	376
As muralhas da noite .....	377

Do Livro:

«Trajectória Obliterada»

Edição/INIC

(2001)

As moscas do horizonte .....	377
Ramos de grito .....	378
Do Livro: «Festa da Monarquia» Edição/Kilombelombe (2001)	
Acalmia ruidosa. Em quatro sinos .....	378
Só .....	380
Do Livro: «Lugar e Origem da Beleza» Edição/Kilombelombe (2003)	
Surpresa dos lábios .....	380
Do Livro: «No Útero da Noite» Edição/Nzila (2001)	
Pastoral das Meninas em repartidas estradas falantes .....	381
Instante da Luz .....	382
<b>João Tala (1959)</b>	
Do Livro: «A Forma dos Desejos II» Edição/Chá de Caxinde (2003)	
Fonema D'orvalhos .....	387
Colheitas uterinas .....	387
A mulher é a Pátria do Homem .....	388
Além da Forma das Sementes .....	389
Dou à Escrita meus Tormentos .....	389
«Inéditos»	
Apenas palavras de redenção .....	390
A tradução do amor .....	390
E as pupilas ardem .....	391

**João Abel (1938)**

Do Livro:

«Cultura»

Edição/Autor

Alegoria ao Sol .....395

Do Livro:

«Bom Dia»

Cadernos L&O

Edição/UEA

(1982)

Bom Dia ..... 396

Apontamento .....399

Do Livro:

«Nome de Mulher»

Edição/Autor

Madrigal Sete .....400

Quando Eu Morrer .....400

Do Livro:

«Caderno Sol»

Edição/Chá de Caxinde

(2001)

Destempo .....401

Do Livro:

«Assim Palavra de Mim»

Edição/Autor

O mar não é só aquele interminável espaço .....402

Não tenho retratos amarelecidos .....402

Confesso-vos .....403

**Jorge NTyamba (1957)**

Do Livro:

«O Templo do Vôo »

Edição/UEA

(2006)

Náufragos.....	387
A Tristeza.....	387
Prisioneiras.....	387

### Jofre Rocha (1941)

«Inéditos»

Canção do Crepúsculo .....	407
Menino de Rua .....	407
Poema .....	408
Momento I .....	408
Momento II .....	409
Morrer na Madrugada .....	409
O preço .....	410
Madrigal para maria .....	410
Contra o apartheid .....	411
Nós .....	412

### John Bella (1967)

Do Livro:  
«Painéis Cozinharam Madrugadas»  
Edição/BJLA  
(2001)

Painéis Cozinharam Madrugadas .....	415
-------------------------------------	-----

Do Livro:  
«Água da Vida»  
Edição/BJLA  
(1995)

Meus Olhos Menstruam .....	415
Agora Sim... Não é Poesia .....	416

Do Livro:  
«Cântico Romântico»  
Edição/BJLA  
(2003)

Cheiro Azul .....	417
Embebedaram a Chuva .....	417

**Jorge Macedo (1941)**

Do Livro:  
«Voz de Tambarino»  
Edição/UEA  
(1980)

1. ardendo .....	421
1. 1 ao início virado .....	421
1. 2 o sentido .....	422
2. é o começo .....	422
3. o Abril .....	423
3. 1 o Abril .....	423
3. 2 é a idade .....	424

«Inéditos»

Tu És a Mais Nobre Angústia .....	424
Tu És Cataclítico .....	425
Tu És o mais Longo extenso .....	425
No Domingo do Ébrio .....	426
Na Tenda do Relaxe .....	426

**José Eduardo Agualusa (1960)**

Do Livro:  
«Coração dos Bosques»  
Edição/UEA  
(1991)

Marisela Benjamim Moloise .....	429
Nkosi Sikele África .....	429
Baía dos tigres .....	430
Herói Até aos Dentes .....	430

**José Luís Mendonça (1955)**

«Inéditos»

W.C. ....	433
Habitação .....	433
Destino de Tambor .....	433
Anoitece .....	434
De Gravata .....	434
Um Canto Para Mussuamba .....	435

Anjo Dialógico .....	435
Provérbio .....	436
Sangrantes Pedços de Metal .....	436
De Asas Sob a Terra .....	437

### **José Samwila Kakweji (1943)**

«Inéditos»

Grande Soba .....	441
Refeição de Katete .....	441
Sida .....	442
No Moxico .....	443

### **Juliana Pedro (1955)**

Do Livro:  
«Cumplicidades»  
Edição/Autores de Braga  
(2004)

Mãe África .....	447
Voltarei África .....	447
Rosto Virgem .....	447

### **Kanguimbo Ananaz (1958)**

«Inéditos»

Sob a Lua .....	447
A Mulher do Z .....	447
Casear a Palavra .....	448
No Leito da Onda .....	448
Corações de Infância .....	449
Véu Atmosférico .....	449
Esqueleto Sufocante da Alma .....	450

### **Kudijimbe (1955)**

Do Livro:  
«No Amanhecer da Curva»  
Edição/UEA  
(2003)

Na Hora .....	453
No Tempo .....	453
Março Mulher .....	453
Madiabo .....	454
Venham Ver .....	454
Sina Ruim .....	455
Roda Dentada .....	455

Do Livro:  
«O Fardado»  
Edição/BJLA  
1988

Os Sobreviventes depõem (...)	456
Perplexo (...)	457
Tambi (...)	458

### Leila dos Anjos (1981)

Do livro  
«Anjels»  
Edição/UEA  
2005

O Resto .....	463
Madrugada Á Dentro .....	464
O Acaso da Vida .....	465
O Outro Lado Escuro .....	466

### Lopito Feijó (1963)

Do Livro:  
«Doutrina»  
Caderno L&O»  
Edição/UEA  
(1987)

Um Canto do Candôndor .....	469
Testemunho .....	470
A Nona Brisa .....	471

«Inéditos»

Elegia a Um Homem Inve/tido .....	471
Na Rota de Banguí .....	472



Colmatando sombras que deveras/mente .....	472
1. 2 – Sua sombra nua .....	473
3. 4 – Muí dino muí dina .....	473
5. 6 – Gaivota verde gravata vaca .....	474
7. 8 – Construção de tecto .....	474

### Lúcio Assis (1968)

Inéditos:

Ela menstrua (...)	477
Meu amor do mato (...)	477
A ceia (...)	478
A luz da noite (...)	479

### Lúís Kandjimbo (1960)

Do Livro:

«De Vagares a Vestígios»

Edição/INIC

(2000)

A chave e a porta .....	483
Vagares da maré .....	484
Sob a lua .....	485
O aroma ervanário .....	485

### Lúís Rosa Lopes (1954)

«Inéditos»

Como Grilo .....	488
Era .....	489
Aviso a um Poeta .....	489
Intelectualidade .....	490

### Maria Celestina Fernandes (1945)

Do Livro:

«Poemas»

Edição/UEA

(1985)

A Coralina .....	493
Ventania .....	494
Canto do Amor .....	495
Roda das Flores .....	496

Gazeta Lavra & Oficina  
Edição/UEA  
(1999)

Aquele Rouxinol .....	497
-----------------------	-----

Do Livro:  
«Meu Canto»  
Edição/UEA  
(2004)

Tambores pela paz .....	498
A Catorzinha .....	498
O meu sorriso .....	500

### **Maria Fernanda Silva Baião (1961)**

Do Livro:  
«Minhas Lágrimas»  
Edição/BJLA  
(2003)

Ânsia .....	503
Hoje Sou .....	503
Quem .....	504
Finalmente .....	505

### **Maria Alexandre Dáskalos (1957)**

Do Livro:  
«Lágrimas e Laranjas»  
Edição/Nzila  
(2001)

O que nós não vimos .....	509
Um colar de platina .....	509
Busco o teu corpo .....	509

Fomos peregrinos de tantos lugares .....	510
Calar essa voz .....	510

**Manuel Rui Monteiro (1941)**

Do Livro:

«Cinco vezes onze  
poemas em Novembro»

Edição/UEA  
(1985)

Manhã de 11 de Novembro (...)	513
2. Desenhar (...)	513
Ideia para casa (...)	514
Sempre mar (...)	515
O Búzio (...)	516

Do Livro

«Onze Poemas Em Dezembro»

Edição/UEA  
(1988)

Retoque da Manhã .....	516
Memória 7. <sup>a</sup> .....	517
Brincadeiras Infantis .....	517
Idade Íntima .....	518
Praia da Ilha .....	519

**Manuel dos Santos Lima (1935)**

«Semanário Angolense»  
2004

Pioneiro com Espingarda de Pau .....	523
O Hóspede .....	524
Certeza .....	524

**Nok Nogueira (1983)**

Do Livro:

«Sinais de Sílabas »

Edição/INALD  
(2004)

Melodia .....	513
---------------	-----

Zungeira .....	513
Soneto para Uma Flor Oculta .....	513

Do Livro:  
«Tempo Africano»  
Edição/UEA  
(2006)

Acácia em Flor Africana - 4º Devaneio.....	529
--	-----

### Ondjaki (1977)

Do Livro:  
«Actu Sanguineu»  
Edição/INALD  
(2000)

De noite .....	529
Pomba .....	529
Era de noite .....	530

Do Livro:  
«Há Prendisajens com o Xão»  
Edição/NZILA  
(2002)

Denotações & algibeiras .....	530
Para vivenciar nada.....	531

### Paula Tavares (1952)

Do Livro:  
«Ritos de Passagem»  
Cadernos L&O  
Edição/UEA  
(1985)

Cerimónias de passagem (...)	535
A nêspera (...)	535
Circumnavegação (...)	535

**Roderick Nehone (1965)**

Do Livro:

«Génese»

Edição/INIC

(1997)

Aniversário .....	539
Sem Poesia .....	540
Uma Perna Perdida .....	540

Do Livro:

«Peugadas de Musa»

Edição/Nzila

(2001)

Concessão .....	543
Referências .....	543
Manhã de Praça .....	544
(Soneto shakespeariano)	

**Rosário Marcelino (1955)**

Do Livro:

«Ibundos Vermelhos»

Edição/UEA

(1979)

Ibundus vermelhos .....	547
Assim .....	547
Mulher angolana I .....	548
Reviravolta .....	548

**Rui Augusto (1958)**

Do Livro:

«O Colar de Maldições»

Edição/Autor

(1994)

Flor oculta (...) .....	553
As minhas águas (...) .....	554
Fala baixo coração (...) .....	555
Se o amor voltasse (...) .....	556
Talismã (...) .....	557

**Ruy Duarte de Carvalho (1941)**

Do Livro:

«A Decisão da Idade»

Edição/UEA

(1976)

II. Do alto da falésia .....561

Do Livro:

«Ondula Savana Branca»

Edição/UEA

(1980)

Nu Sentado (...) ..... 561

A Aranha (...) ..... 562

9. A imprevista graça de um soluço infante ..... 562

Do Livro:

«Lavra Paralela»

Edição/UEA

(1987)

Segunda tirada .....563

**Samuel de Sousa (1927)**

Do Livro

«Poesia, 1972»

Cadernos L&O

Edição/UEA

(1978)

I. Os garotos (...) .....569

II. Na memória do sol (...) .....570

VII. Luanda à noite (...) .....571

IX. E ela chegou (...) .....572

XI. O sol tremendamente africano (...) .....573

**Sapyruka (1962)**

Do Livro:

«Quando O Sol Nascer Comum»

Edição/INALD

(1995)

Aritmética Elementar .....	577
Estratagema .....	577

Do Livro:  
«A Erosão do Fogo»  
Edição/UEA  
(2002)

A Psicanálise dos Céus (...)	577
Sobre a Velhice da Idade da Pedra (...)	578
A Arte de Ser Poeta (...)	578

«Inéditos»

Flores Penduradas .....	579
Máscara de Natal .....	580
Génese .....	581
Metabolismo .....	581
«Código Azul» .....	582

### Trajanno Nankhova Trajanno (1958)

Do Livro:  
«Pedestal de Argila»  
Edição/INIC  
(2001)

1ª balada para devaneio das sementes .....	585
2ª canção fisiológica do tempo .....	586
Mitos & epopeias .....	587

Do Livro:  
«A Morte do Pão»  
Edição/Autor  
(1993)

Exílio interior .....	588
-----------------------	-----

Do Livro:  
«Fronteira da Lágrima»  
Edição/Autor  
(2001)

Ventre lúcido de luz .....	589
----------------------------	-----

«Inéditos»

Universalidade do gesto da ave .....	5	9	0
Retrato onírico de meu rosto .....			590
Ingresso do verso na prancha da alva .....			591
Na pele das coisas boas .....			592
Realidade exótica da idade da âncora .....			593

**Tomás Jorge (1928)**

Do Livro:

«Talamungongo!...Olha o Mundo!...»

Edição/Kilombelombe

(2006)

Duas Idades Iguais .....			585
Manga, manguinha... ..			585
História .....			585







## ESCOLHAS ÍNTIMAS...



A nossa antologia segue uma metodologia diferente das demais, porque representa uma escolha muito íntima e dá-nos uma visão do que cada um dos poetas achou ser mais interessante mostrar como grande marca dos seus percursos estilísticos e urgências temáticas.

A presente obra, depois de *Noites Grávidas de Punhais* (1975), edição do Ministério da Cultura, divulgará de forma muito abrangente a poética angolana pós-independência, um projecto editorial, evidentemente corporativista, mas muito íntimo, já que, em cada um dos poemas, vislumbraremos a utopia de um «outro» que não podemos ser no verbo e muito menos na sua singularidade espiritual.

O esplendor da nossa poesia está não só na sua especificidade, o lado telúrico, o fantástico, o ritmo, como também nos rasgos, metáforas, eticidades, e tendências, traços que enriquecem a plástica da língua portuguesa, um somatório de valores que corporizam as novidades estéticas e conteudísticas que vão marcar a história da nossa literatura.

Muitas vezes reflecti se teríamos um antologizador que fosse capaz de fazer as suas eleições sem interferências acentuadas dos seus deleites, influências de grupo e escolas literárias ou que tivesse um conhecimento de todas as «rostos e vozes poéticas», mas, olhando para as poucas antologias ou projectos inacabados, podemos concluir, com o devido agrado, que aqui só está excluído(a) quem não quis partilhar com outros seus confrades tão importante projecto.

Haverá, evidentemente, algumas lacunas informativas causadas pelas ausências, mas tal debilidade deve ser imputada aos escritores que se escusaram de fazer as *suas eleições* que permitissem enriquecer ainda mais o acervo sistematizado da poesia angolana contemporânea.

Aos poetas falecidos – e a terra que lhes seja leve –, apesar de merecerem por mérito fazerem parte de qualquer selecção, interessou-

nos, e só, valorizar o lado que corresponde ao grande desafio de cada um dos escritores vivos poder oferecer a sua verdadeira «idade poética», porque o processo de eleição pressupõe que o crivo da nossa auto-avaliação determine as prioridades de visibilidade poética.

Enquanto Secretário-Geral da UEA, pude defender os princípios de gestão desses objectivos traçados pelos Órgãos Sociais (biénio Nov. 2001/Nov. 2003), e aqui estão os cerca de dez poemas por confrade, um acervo que vai, certamente, contribuir para que os estudiosos, estudantes e amigos da poesia tenham em mãos uma obra que permite que se conheça o imaginário poético da alma angolana, sua multiplicidade, génio e força pictórica.

Adriano Botelho de Vasconcelos

DADOS NECESSÁRIOS PARA QUE SE  
CONHEÇAM OS FACTOS E DIVERSOS  
PERCURSOS DA POESIA ANGOLANA  
(1945-2004)

---

*Nota introdutória:*

*Este texto é uma recolha e sistematização de dados apresentados por diversos autores sobre a poesia angolana, não se pretendendo a originalidade ensaística. Portanto, sempre que se apresentar relevante, citarei, ainda que de forma longa, os autores em cujas obras me baseei para esta síntese.*





## 1945/1974

Este é o período do “nascimento de uma nova consciência ligada à terra”, como tão bem identificou Mário Pinto de Andrade, mais dizendo que os poetas procuraram “um equilíbrio de linguagem”, enriqueceram “a língua da *dominação*”, exprimiram “um novo valor ao canto popular” e veicularam “a sua mensagem com um conteúdo social”.

Para Mário Pinto de Andrade, sociólogo angolano e principal organizador de antologias da poesia dos Países Africanos de Expressão Portuguesa durante o período colonial, “a vocação própria do intelectual é de situar os problemas essenciais que orientam os destinos do público do seu tempo. Os acontecimentos do século em que vivemos são de tal modo rápidos e apaixonantes que a consciência de cada intelectual se encontra dia a dia engajada em definir uma posição. Acontecimentos que se colocam no plano humano, social ou político – três aspectos da cultura. Daí o sentimento de responsabilidade actuante de todos nós que manejamos uma pena”<sup>1</sup>.

Agostinho Neto, primeiro Presidente da República de Angola, numa palestra proferida em 18 de Novembro de 1959, na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, tece as seguintes considerações:

---

<sup>1</sup>Andrade, Mário Pinto, *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, Paris, 1958.

“É mais triste que espantoso que uma grande parte de nós, os chamados assimilados, não sabe falar ou entender qualquer das nossas línguas! E isto é tanto mais dramático quanto é certo que pais há que proibem os filhos de falar a língua dos seus avós. É claro, quem conhece o ambiente social em que estes fenómenos se produzem e vê no dia a dia o desenvolvimento impiedoso do processo de “coisificação” não se admirará de tanta falta de coragem. Este desconhecimento das línguas que impede a aproximação do intelectual junto do povo cava um fosso bem profundo entre os grupos chamados assimilados e indígena”. E confessa que “a maior parte dos poetas tem sido capaz de manter um contacto mínimo com as populações do seu meio e identificar-se, traduzir a vida desses homens nos seus poemas. (...) A poesia que neste momento podemos conhecer é moldada nos mesmos quadros estéticos da poesia portuguesa, acompanhando esta na sua evolução e sendo quase sempre poesia de compromisso. O poema angolano quase sempre toma uma posição perante a realidade social. Vemo-lo revoltado, ansioso, rejubilante por contribuir para a construção de uma vida harmoniosa entre os homens”. Sobre as questões estéticas, é peremptório ao afirmar que “os poetas formalistas são raros entre nós”<sup>2</sup>, uma corrente (escola) que só conheceria o seu apogeu no fim do ano de 1999.

Em contexto colonial, e a respeito da política de assimilação, Mário Pinto de Andrade, sociólogo angolano que muito dedicou os seus estudos a essas problemáticas, assume que a “assimilação traduz-se sempre na prática por uma destruturação social dos quadros negro-africanos e pela criação em número reduzido da elite assimilada. No caso português, a assimilação apresenta-se como uma receita (a única) que permite fazer sair o indígena, o negro-africano,

---

<sup>2</sup> Neto, Agostinho, dissertação inserida na revista Mensagem, ano III, n.º 5-6 (1959).

“das trevas da sua ignorância” para entrar no “santuário do saber”. Uma forma da passagem do não-ser ao ser cultural, para empregar a linguagem de Hegel”. E continua, numa citação imprescindível: “O problema hoje é de saber como vai reagir o homem assimilado nessa situação artificial, parasitária de desenraizado. Como se vai afirmar? Fugindo do convívio com o indígena? Perdendo-se ao contacto com “as luzes brilhantes da civilização”? Aceitando e aprofundando a sua pseudo-condição de “mestiço cultural”?”. Não deixou de responder às inquietações históricas de então: “Uma tarefa se impõe, a meu ver, no momento histórico que atravessamos, para responder justamente a essas interrogações, que é a de retomar, esquadriñar no nosso passado as correntes de afirmação, da tomada de consciência, através de atitudes individuais e dos movimentos culturais que se foram desenvolvendo, diante do problema da cultura negro-africana e da assimilação”<sup>3</sup>.

O sociólogo dá-nos ainda conta das correntes de formação duma consciência “que as velhas gerações disseram nativa, a partir de nomes como os de Cordeiro da Matta, Tadeu Bastos, Silvério Ferreira, Paixão Franco, Assis Júnior (para Angola), os irmãos Albasini e Estácio Dias (para Moçambique). Curioso que nestes dois países o jornalismo tenha fornecido ocasião a uma plêiade de homens, de se fazerem eco das reivindicações das massas populares da época, de serem intérpretes duma consciência cultural em vias de renovação e de lançarem as bases duma nova personalidade angolana ou moçambicana. *O Angolense, O Direito, A Verdade, O Farol do Povo, O Brado Africano* – marcos do nosso passado cultural. Não foi por acaso que a nova geração angolana do pós-guerra, inspirando-se na leitura dos jornais locais do início do século, lançou em Luanda, pelos anos 48, um movimento cultural sob o nome de “*Vamos Descobrir Angola*”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Ervedosa, Carlos, *Roteiro da Literatura Angolana*, UEA, 1979, pp. 101.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

“Vamos Descobrir Angola” é o mote político-cultural que é lançado em 1948 pelos “rapazes, negros, brancos e mestiços que se tornavam homens”, conta Carlos Ervedosa<sup>5</sup>. Mário de Andrade, no texto que temos vindo a tirar extractos, escreve que o movimento “incitava os jovens a descobrir Angola em todos os seus aspectos”.

O capital literário desse período é caracterizado pelo sociólogo pelas seguintes cambiantes estéticas, que passamos a enumerar: a) “A riqueza e disponibilidade do vocabulário das línguas negro-africanas serviu ao florescimento duma literatura oral: mitos e lendas, contos, provérbios, enigmas, poemas” (para Angola, Mário de Andrade fala das obras de Castro Soromenho, Óscar Ribas); b) Sendo de expressão inglesa, francesa ou portuguesa, os novos poetas negro-africanos orientam-se no sentido duma pesquisa literária “autenticamente negra” e duma reivindicação “do orgulho escandaloso da qualidade de ser negro”; c) “Todos, com maior ou menor felicidade, se alimentam dum só tema: a noite de opressão colonial. Donde o engajamento político, revolucionário desta poesia que fere a sensibilidade de tanto esteta ocidental...”<sup>6</sup>.

Em termos de publicações, interessa referir que, em 1951, é publicado o boletim literário angolano *Mensagem*, sob a responsabilidade do departamento cultural da ANANGOLA e, em Coimbra, é publicado um boletim similar, denominado *Meridiano*. São páginas copiografadas onde “uma grande parte da nova geração literária angolana vai prosseguir a sua caminhada depois dos primeiros passos dados em *O Estudante e Padrão*, jornais do Liceu de Luanda e do Lubango”<sup>7</sup>, em conclusões de Carlos Ervedosa. O ensaísta vai mais longe na identificação das influências: “Grande parte deles fortemente impressionados pelas correntes neo-realistas da literatura,

<sup>5</sup> Ervedosa, Carlos, *Roteiro da Literatura Angolana*, UEA, 1979, pp. 101.

<sup>6</sup> Andrade, Mário Pinto, *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, Paris, Pierre Jean Oswald, 1958, pp. XII-XVI.

<sup>7</sup> Ervedosa, Carlos, *Roteiro da Literatura Angolana*, UEA, 1979, 101-130.

do cinema e da pintura, triunfantes no pós-guerra, e mais tarde não só pela descoberta da negritude que desde 1935 vinha sendo propugnada por Senghor e Césaire, mas também pelo exemplo dos escritores negros norte-americanos, como Richard Wright, Contee Cullen e Langston Hughes, e do Cubano Nicolas Guillén<sup>8</sup>. Só em Outubro de 1952, sai novamente a revista *Mensagem*, n.ºs 2-4.

A revista literária *Mensagem* foi um dos mais emblemáticos projectos da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), uma organização saída da cisão no seio da Liga Nacional Africana. Viriato da Cruz e Mário Alcântara Monteiro (1952-1953), por esta altura, dirigiam o departamento cultural e lançaram a corrente cultural “Novos Intelectuais de Angola”, nacionalistas que mais tarde abandonam a ANANGOLA por não concordarem com as suas estratégias políticas<sup>9</sup>.

A Liga Nacional Africana (LNA) surgiu de um plano gizado por Gervásio Ferreira Viana e o seu mentor pretendia “reunir os africanos do Cabo ao Cairo”<sup>10</sup>. A data de 29 de Julho de 1930 corresponde ao dia da legalização da Liga, publicada no *Boletim Oficial*, II Série. No quadro de fundadores da LNA, devemos incluir os nomes de José Cristiano Pinto de Andrade, Manuel Inácio Torres Vieira e Sebastião José da Costa.

Na década de 50, um grupo de estudantes e intelectuais oriundos das colónias portuguesas fundou um Centro de Estudos Africanos (CEA) (1950-1954). São seus fundadores Agostinho Neto, Francisco-José Tenreiro, Alda do Espírito Santo, Noémia de Sousa, Amílcar Cabral e Mário de Andrade. Para citar Mário de Andrade,

---

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> Dados patentes na obra do médico Edmundo Rocha intitulada *Angola – Contribuição ao Estudo da Génese do Nascimento Moderno Angolano*, p. 87.

<sup>10</sup> Rocha, Edmundo, *Angola: Contribuição ao Estudo do Nacionalismo Moderno Angolano (período de 1950-1964)*, Volume I., pp. 80-108.

os objectivos do Centro de Estudos Africanos eram “racionalizar os sentimentos de se pertencer a um mundo de opressão e despertar a consciência nacional através de uma análise dos fundamentos culturais do continente”<sup>11</sup>.

Havia também reuniões informais entre diversos intelectuais africanos “fora do quadro da Casa dos Estudantes do Império, no início da década de 50, de Outubro de 1951 a fins de 1954 – até se fixarem nos salões literários da Tia Andreza, Dília Espírito Santo, no 37 da Rua Actor Vale, em Lisboa. Era um espaço de intercâmbio de ideias, de discussão, de conversa, de papo, de apresentação daquilo que cada um sabia, palestras, poemas, estudos, e que «permitiu a aproximação de gerações e a transmissão de um caldo de cultura em vias de se perder»”. Edmundo Rocha, que venho citando, mais adianta no seu estudo que “este processo de redescoberta do eu, de regresso às fontes, de reafirmação, que alguns apelidaram «negritude», era a continuação de uma busca idêntica, no princípio do século XX, realizada também por intelectuais africanos, em Lisboa, a que se chamou «nativismo»”<sup>12</sup>.

Portanto, outra organização que teve uma grande influência nos processos de criação dos ambientes literários foi a Casa dos Estudantes do Império (CEI), criada em 1944 dentro do espírito do regime.

Para o médico ensaísta, “foram várias as gerações que imprimiram um cunho histórico à Casa dos Estudantes do Império (CEI), um oásis de democracia e de liberdade numa sociedade obscurantista e repressiva”<sup>13</sup>. No seu ensaio, que vem servindo de documento fundamental da minha pesquisa, Edmundo Rocha fala de duas gerações: “a geração dos «mais velhos», que chegou à metrópole nos anos de 48-50, compreendeu nomes prestigiosos como Amílcar

<sup>11</sup> Andrade, Mário Pinto, in *la poesie africaine d'expression portugaise*, 1969.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

Cabral, Agostinho Neto, Mário de Andrade, Francisco José Tenreiro, Lúcio Lara, Marcelino dos Santos.”<sup>14</sup>, e a geração dos mais novos, que, a partir de 1954, surge na CEI, “uma nova geração de estudantes africanos, angolanos na sua maioria, a nova vaga, que iria imprimir um espectacular dinamismo às actividades sócio-culturais e um carácter vincadamente nacionalista e progressista à acção de mobilização política, recusando a militância nos partidos e movimentos da Oposição portuguesa”<sup>15</sup>. Mais concretamente sobre o impulso que prestou em relação aos projectos culturais, interessa registar que, impulsionados por Carlos Ervedosa, Fernando Costa Andrade, António Tomás Medeiros e Fernando Mourão, levaram a cabo “a publicação de obras de escritores e de poetas originários das colónias portuguesas como Agostinho Neto, Alda Lara, Corsino Fortes, Ernesto Lara Filho, Manuela Margarido, Pepetela, Gabriel Mariano, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e outros, obras clássicas de Mário António, Luandino Vieira, José Craveirinha, Alexandre Dáskalos e Ovídio Martins (...), obras que representam um repositório das literaturas africanas de expressão portuguesa, de grande importância histórica e constituíram mensagens determinantes para a tomada de consciência nacionalista da juventude africana em Portugal e nas colónias”<sup>16</sup>.

Em 1957, surge no panorama literário a revista *Cultura*, projecto editorial que como considerou António Jacinto, poeta e político, no texto intitulado *Átrio*, surge no momento que fecharam as portas da ANANGOLA, um projecto editorial que permitiu o “desenvolvimento futuro” do nacionalismo. António Jacinto destaca como grande artífice desse processo de abertura da revista o advogado Eugénio Ferreira, que chega à presidência da *Cultura*, e na figura de editor inclui na sua publicação vários textos dos jovens António

---

<sup>14</sup>Ibidem.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Ibidem.

Cardoso, Henrique Abranches, Henrique Guerra e José Luandino Vieira.

Em termos de publicação de livros, é de realçar que, em 1949, é publicado o romance *Terra Morta* de Castro Soromenho. Em 1953, os escritores Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro compilam a primeira *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* e são incluídos três poetas angolanos. Em 1956, Mário António publica o volume intitulado *Poesia*; graças a ele, o jornal *O Brado Africano* (1952-53) faz sair o primeiro artigo sobre o político e poeta Agostinho Neto. Um outro grande *boom* editorial acontece nos anos de 1968 com *Tempo de Munhongo* de Arnaldo Santos, de 1969 com *As Idades de Pedra* de Cândido da Velha e de 1971 com *Vinte Canções para Ximinha* de João Maria Vilanova e *Bom Dia* de João Abel, os três últimos de poemas.

Em termos editoriais, pode dizer-se que 1968-74 é um período cuja dinâmica cultural e política, com a distribuição de panfletos nos grandes centros urbanos, anunciava a pré-independência.

Em 1970, a 4.<sup>a</sup> Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos concedeu a Agostinho Neto o Prémio Lótus em reconhecimento do grande lugar ocupado pela sua poesia na literatura mundial, especificamente no que se entendeu designar de *bloco de esquerda*.

Poetas que mais se destacaram neste período: Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto, António Cardoso, Costa Andrade (Ndunduma), Arnaldo Santos, Henrique Guerra, Manuel Lima, Henrique Abranches, Aires de Almeida Santos, Alda Lara, Mário António, João Maria Vilanova, João Abel, Alexandre Dáskalos e tantos outros.



## 1974/1980

Período das exaltações patrióticas, de anulação do “outro”, de cultura panfletária perante as realidades sociais, de valorização das línguas nacionais e linguagens populares dominadas pela cultura dos musseques de Luanda.

A estética desse período é de grande exaltação patriótica. Inocência Mata, professora de literatura africanas, traça com pormenor os contornos desse período, que passo a citar:

“Amadurecida que estava a tradição literária nacionalista, através da construção da (utopia da) nação, a escrita, confrontada com o presente em desmoronamento no sentido da Pasárgada – destaca-se, doravante numa (re)escrita questionante da História. Uma (re)escrita que releva de uma inquirição sobre (o percurso de) um projecto nacional e sobre o perfil da pátria angolana, depois de um período bastante conturbado: o colonial e o imediatamente pós-colonial – e isso através:

- 5 do diálogo dialéctico entre consciência individual e a história.
- 5 da recusa dos constrangimentos da História que se impunham na fase de construção da ideia da nação.
- 5 da desconstrução crítica dos modelos literários de forte radicação político-ideológica e intenção pragmática.
- 5 da elaboração do sentido da identidade pátria (mais do que identidade nacional).

Vive-se, pois, um período e um processo de canibalização dos signos e símbolos literários construtores de um passado histórico de contaminação épica contrariando o que então se passou mesmo depois da independência, nos primeiros anos, em que a palavra literária continuou a erigir-se como veículo da revolução: doravante, ela funcionará como escrita regeneradora e catártica em relação à construção de uma História épica<sup>17</sup>.

Para Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, professora de literatura africana, nesse período, “a poesia se torna «cantalutista». A independência, em 1975, gera a euforia que dura mais uns dois ou três anos. A poesia, então, celebra a certeza da liberdade e busca a recuperação da nacionalidade, procurando reconstruir a pátria dilacerada. Há um projecto poético de resgate da língua literária, aproveitada em suas virtudes intrínsecas e universais, mas há ainda referências circunstanciais e o comprometimento ético com as marcas linguísticas locais, as quais caracterizam a poesia dos anos 50 e 60”<sup>18</sup>.

Durante esse longo período de anulação institucional das diversas correntes literárias contrárias ao figurino ideológico, próprios dos regimes de partido único, Cármen Silva, analista e jornalista que fez parte da revista *Angolê – Artes e Letras*, publicada em Lisboa, garante que “não se pode destacar uma publicação que tenha tido o papel de divulgação de outras escolas literárias, de divulgação de outras visões mais plurais sobre a vida e a sociedade, foi um longo período de deserto espiritual”.

Um grande encontro no Norte de Portugal, concretamente na cidade do Porto, o *1.º Simpósio Internacional sobre Literatura Angolana*, realizado em 1989 e que teve como mentor e organizador

<sup>17</sup> Mata, Inocência, *Literatura Angolana: Silêncios e Falas de uma Voz Inquieta*, Além Mar, 2000, p. 25.

<sup>18</sup> Secco, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro, *Antologia do Mar na Poesia Africana... - Angola*, Kilombelombe, 2000, p. 78.

Adriano Botelho de Vasconcelos, foi um dos raros e grandes eventos que aglutinou, pela primeira vez, mais de duas centenas de ensaístas das diversas partes do mundo que tiveram, até então, um papel importante de promoção da literatura angolana, mas ainda sem uma visão global das criações e de todos os “actores” angolanos, devido aos factores de comunicação. “Foi um grande evento marcado pelo pluralismo de ideias, de troca de informação bibliográfica, que permitiu que os ensaístas tivessem uma ideia mais abrangente dos escritores e suas propostas. Estiveram presentes mais de vinte cinco escritores, foi um sucesso”, contou o organizador.

Com o mesmo propósito de partilha e de divulgação de ideias, nas *makas à 4.ª feira*, a União dos Escritores Angolanos, de forma tímida, dá início ao pluralismo de ideias através da organização de debates abertos e sem constrangimentos visíveis, uma tradição que se mantém até aos dias de hoje.

Surge também, “com relativo valor estético” – a apreciação é de Pires Laranjeira<sup>19</sup> – o movimento “brigadista” (Brigada Jovem de Literatura). Estamos no ano de 1981 e, para profusão das suas ideias, publica-se a revista *Aspiração*, mas o espectro “administrativo” da poesia fez com que se tenham desse período poucas certezas ou marcas sobre a sua influência no panorama literário, a não ser o que tem que ver com os processos restritos de convivência e afectos entre confrades que comungavam os mesmos interesses.

Pires Laranjeira, sobre esse período, diz o seguinte: “Numa primeira fase, ainda no rescaldo ufanista e apologético, a Brigada praticou um discurso de nítido pendor militante, em que escasseavam os talentos. Os próprios textos proclamativos e programáticos não deixavam dúvidas quanto ao alinhamento pelas teses da literatura

---

<sup>19</sup> Laranjeira, Pires, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Universidade Aberta, 1995, pp. 161-173.

de propaganda, exaltação e expressão emocional”<sup>20</sup>. Mais acrescenta que “o peso da tradição literária angolana dos anos 50 (do Neorealismo e da Negritude) continuou a exercer a sua força e fascínio sobre o novo discurso herdado directamente do primeiro espírito da Brigada Jovem”. Para o professor de literaturas africanas, só em 1985 “começa a ganhar expressão o labor pós-modernista que vinha fermentando nos meios da nova «geração» (...). Passada a época em que a política se imiscuía determinantemente no texto, essa novíssima geração entrou a trilhar vias entretanto abertas pelas principais figuras da geração dos anos 70, continuando com o seu labor nos anos mais recentes, numa linha de alguma contenção, em que não será descabido anotar a lição de Jofre Rocha e Jorge Macedo, para os cultores da poética do enraizamento, e de David Mestre e Ruy Duarte de Carvalho, para os simpatizantes da simbolização utopicamente universalista”<sup>21</sup>.

Poetas que mais se destacam no primeiro quinquénio do pós-independência: Jofre Rocha, Samuel de Sousa, Jorge Macedo, Ruy Duarte de Carvalho, Adriano Botelho de Vasconcelos, Costa Andrade, Manuel Rui, Arlindo Barbeitos, António Cardoso, David Mestre, João Melo, Garcia Bires.

---

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Laranjeira, Pires, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Universidade Aberta, 1995, p. 171.

1980/2004

Geração de novas inventividades poéticas, liberdades linguísticas, renovações temáticas, dos estados de alma e ontológicos.

Carmen Lúcia Tindó Secco, mestre em Letras, sobre a fase de maiores influências cosmopolitas e de maior diversidade temática, cogita o seguinte: “A geração da poesia dos anos 80 (...), e também dos anos 90, tem como traço constante a temática da desilusão e da angústia diante da situação de Angola, que, até ao momento presente, não resolveu a questão da fome, da miséria, das guerras internas – as dúvidas em relação ao futuro fecham, actualmente, as possibilidades entreabertas pelas utopias revolucionárias dos anos 60 e início dos 70. A poesia surgida da década de 80 não vai, na maioria das vezes, se ater explicitamente as questões sociais”<sup>22</sup>.

Inocência Mata, que no pretérito ano fez o seu doutoramento em literaturas africanas, no ensaio intitulado “Pepetela e as (novas) margens da nação angolana”, considera que uma das marcas “mais intrigantes, diria até mesmo emblemáticas, das actuais literaturas africanas de língua portuguesa, e da angolana particularmente, é o larvar trabalho de desconstrução (temática, discursiva e ideológica) e simultânea reconstituição do discurso sobre o corpo da nação, a partir de identidades da margem e consequente desestabilização do local da cultura (erigido como) nacional pelo discurso (literário) anti-colonial”. Mas a ensaísta vai mais longe na leitura que faz do virar de mais um ciclo de tendências: “A ideia de *nação* não esteve, portanto, então, intrinsecamente ligada à de Cultura, como substância aglutinadora e congregadora, mas antes como vivência (*saber-sentir*) consolidada sob a condição colonial. E hoje não me parece arbitrário dizer que o processo de libertação nacional, de que a literatura foi subsidiária, não evoluiu para além dos termos da percepção do binómio Estado-Nação, para incluir também o termo em que perpassa o individual, o da cidadania. Ao fazê-lo, uma tácita apologia da diversidade e progressiva

---

<sup>22</sup> Secco, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro, *Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do Século XX*, Kilombelombe, 2000, p. 53.

<sup>23</sup> Mata, Inocência, *Literatura Angolana: Silêncios e Falas de uma Voz Inquieta*, Além Mar.

integração dessa diversidade num todo plural, estar-se-ia a propor no exercício quotidiano da pessoa individual (o cidadão) e colectiva (o Estado). Doravante, assim, em situação pós-colonial, o indivíduo vai-se definindo por uma consciência crítica, com intervenção activa na construção de um colectivo em que participa livremente na base de uma convenção, de um contrato e não numa base orgânica – ideológica, étnica, rácica ou linguística”<sup>23</sup>.

Poetas que mais se destacaram: Jorge Macedo, Adriano Botelho de Vasconcelos, João Melo, João Maimona, José Luís Mendonça, J. A. S. Lopito Feijó K., António Pompílio, António Gonçalves, João Tala, Fernando Kafukeno, Amélia da Lomba, Abreu Paxe, Ruy Duarte de Carvalho, Carlos Ferreira, Paula Tavares, Ana Santana, Conceição Cristóvão, Celestina Fernandes, Sapyruka.

Pesquisa de:  
Seomara Santos  
(UEA-Digital)

## ABREU PAXE\*

---

\*Abreu Castelo Vieira dos Paxe nasceu no Uíge aos 19 de Outubro de 1969. Obras Publicadas: «A Chave no Repouso da Porta» (2003), Prémio António Jacinto e «O Vento Fede de Luz» (2007).





## Talvez dobrado azul

não é verdade talvez me esqueça velhíssimo do cansaço  
debaixo do pé um sinal revés no cimo a boca  
só a boca a alcançar a porta morta nas luzes tristes destes lábios

## A noite I

A cicatriz nocturna  
saúda o olhar  
da voz  
nos jazigos do quintal  
anoitece trevas  
ao observar o ocaso despontar  
órbita diluindo dia indefeso

Beijo as cercanias do quintal

## A boca

Na pureza da lama  
mesmo que se abra  
não alcança  
os cristais do vocábulo  
a boca  
no gargalho da cabaça

Vazia cospe ao mundo  
a boca do vocábulo sequiosa

A boca do dia  
são areias pisoteadas  
nas pétalas da cidade

## Instantes oblíquos

A dimensão molda domínio  
 alarga rios, incertezas, colinas e vales.  
 do pão ejacula noites de orgia  
 duende atado faz desfilar discursos vazios  
 crateras aromáticas gerações de poços lendários  
 os dias todos num peito juntos horizontes  
 ínfimos instantes oblíquos

## Castelo mural

levo quase tudo castelo  
 quase tudo  
 embora o pâncreas reproduza cansaços maiores  
 todos os dias recomeço  
 num corpo evidente esta travessia  
 soube olhar aqui alegres escombros  
 e a trajectória outro corpo intacto  
 incessante escurece parede os dédalos

## No pé da cidade

aritmética esta idade cadáveres à luz  
 encham à janela vive o pastor na hipotenusa epílogo  
 de chuvas, capim e passos férteis entregues ao pasto  
 húmidas dunas semelhantes as flores acolhem artérias  
 as máscaras enraizadas no sangue, sem travessia  
 penetram na cartilagem do silêncio sílabas iluminadas  
 cristalizam o pé da cidade como se fosse de homem

## ADRIANO BOTELHO DE VASCONCELOS \*

---

\*Adriano Botelho de Vasconcelos nasceu em Malange aos 8 de Setembro de 1955. Obras Publicadas: «Voz da Terra» (1974), «Vidas de Só Revoltar» (1975), «Células de Ilusão Armada» (1983), «Anamnese» (1984), «Emoções» (1988), «Abismos de Silêncio» (1992), «Tábua», Grande Prémio Sonangol de Literatura – Ex-aequo (2003), «Boneca de Pano: Colectânea do Conto Infantil Angolano» (2005), «Caçadores de Sonhos: Antologia do Conto Angolano» (2005), «Todos Os Sonhos: Antologia da Poesia Moderna Angolana» (2005), «Olímias» (2005), editou os jornais «Unidade e Luta» (1974), «Angolê-Artes e Letras» (1984), «Maioria Falante» (R.J), concebeu Webdesign do Site da UEA: [www.uea-angola.org](http://www.uea-angola.org), e «Luanary» (2007).



## Confissão

ah, desconsolação por não poder  
pedir-me em  
s.o.s!

não sei se sou sinceramente quem peregrina  
nas estrofes das confissões em saber quens  
ou o que resta de real em  
meu ser.

Podes crer que muitas vezes  
verteremos o nosso ser em avessos  
de dúvidas, querendo ser outros  
querendo ser nada  
violentando-nos  
com espadas.

Ah, os dias saltam sem esperarem  
por mim, tudo se adia em amarelecimentos  
e fico sem saber em que lugar  
ficar, sem ter  
em que verdade  
me ouvir  
e dar.

Sou um alvo, tenho procurado  
atingir-me dizem-me os dias ajoelhados nos  
degraus.

Confissão  
é ter que percorrer os húmidos escolhos  
de meu ser, despedir-me do “eu”  
crescido no teatro  
da vida, despedir-me

de identidades estranhas  
que moldaram o meu  
rosto.

Não sei de que mortes fala o meu ser  
cansado de tanto tropeçar na calçada  
das decepções. Fulmino com dor  
o corpo que tenho e estou  
sempre à procura  
de me agarrar em pedaços  
e achar a ordem das minhas idades.

Era o vazio distante de um abismo  
denso de muitas noites sobre as manhãs  
e eu dizia em delírio branco  
que era a terra desadubada  
no silêncio da  
loucura! (havia ainda  
fragmentos de luz pálida de sombra  
nas portas de meus  
olhos).

Quero sentir-me como as plantas  
que no interior das casas esticam o pescoço  
dos seus corpos à procura da luz

há muito que estou  
atrás dos biombo das sombras em conflitos  
que desconfiguram ainda mais  
o meu rosto! Necessito de lentes  
de luz para conhecer  
a miopia do  
meu ser!

Além de tanta tempestade, o que resta  
se não simplesmente a recordação  
de que por aqui passei em  
castigos íntimos.

Ai escutem já não posso guardar-me  
nas esteiras das noites que levantam os morcegos  
da minha alma mirrada  
em não se conhecer.

Quero confessar-me, num só dia permitir  
que minhas mãos percorram os labirintos  
do meu corpo... por isso  
preciso de chaves que abram  
as janelas da minha  
existência.

Dicção de angústias que fendem  
o mármore das quimeras em minhas mãos.  
Esvaziou-me de ante os olhos a existência  
nada em mim está além do agora  
o ir sem saber em que lugar  
sair. Os olhos espiritualizados na voz  
não descodificam o sintagma dos passos  
que hermetizam o castiçal  
do meu corpo.

Oh, deus destino, sentir vivo  
quando me interrogo e me invade a infância  
em ofertas de balões, mas se penso  
espessa solidão me desperta  
em culpas e confina-me  
no beco trivial  
da vida.

Estarei na praça pública

sem fantasias estranhas  
para dizer que vivo, sob penas  
de castigos em não me  
aceitar. Não me acudirei  
quero que vossos olhares atinjam  
com pedras o meu masturbante silêncio  
e que preguem em meu corpo cartazes  
com dizeres que degredem  
o meu ser.

Caros amigos, meus pés tenho-os rede  
em mares amantizados de luas e barcos que me têm  
inumado em luzes mansas de ouro  
à seguir o que me é  
olvidado, por não  
me dar a  
viver.

**Kalunga Luigi, só os náufragos sabem dos  
templos que seguram o leito dos rios  
para manterem compreensível a língua  
da sanzala**

da água nasce a língua da tribo, espelho  
claro de música libertando a imagem  
sob calcanhares que mantêm aleijados  
os pássaros. Há um som de flauta que faz  
as mulheres oferecerem-nos uma esteira  
e mel. Quando se morre seca sempre um rio  
apertado no fundo da terra. Eis um sino  
e um martelo de falsos comícios que lançaram  
de modo cínico estéreis utopias. Reúnam



os homens para resolverem a unidade da tribo  
 porque se as águas se apartam em turvas errâncias  
 veremos germinar raízes de pedra e áscuas nas praças  
 triunfo da cinza anulando a hidrografia dos mitos.  
 Só a liberdade poderá ainda que desapossada  
 revelar a beleza da água  
 como uma lua potente que ensaia o peixe  
 e deixar uma renda à volta do namoro  
 para que nenhum gesto de pêsames aconselhe  
 o valor doentio e pobre do luto que se consolida  
 com molduras de silêncio.

Tentativa de continuação do canto de Neruda  
 que passeia devagar com cabeleira de jardins  
 que fazem esquecer  
 a morte

em nós o ouvido que sabe do vento  
 a dobra do destino como à pakaça sabe  
 das planícies os rios que o silêncio  
 encruzilhou na bainha dos caçadores  
 e os pássaros e o segredo da noite  
 que penetra seus cavalos nas árvores  
 até as sanzalas ficarem imóveis  
 agarradas aos castiçais do medo  
 até os kimbandas espalharem a coragem  
 com o incenso dos ngomas. Há mudança.  
 As arestas que fecharam a mão dura  
 de nocturnidades suspeitas minando  
 a felicidade já não impedem a esperança  
 de invadir com ilusões de um segredo  
 acolhedor as entranhas do sangue, até o homem

ser fiel à morada de uma infância  
 que não teve necessidade de ensaiar  
 cinzeiros de angústias  
 sonâmbula lagoa que arrasta  
 o céu para a carícia dos  
 pássaros.

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

abra-se a cortina de coisas passadas e  
 sem o artifício de nenhum segredo  
 sem essa falta de lugar para a terra do nosso panfleto  
 reclamando imagens de gaivotas recolham-se  
 nossos bens antigos nos estuários subterrâneos  
 onde desaguam os veios da nossa memória  
 onde tudo se vive sem se descobrir a solidão.

Pode ser outro modo de em nosso estar só  
 acumularmos na curiosidade da tela como divertimento  
 toda a suspeita do destino, a sua caótica  
 e vigilante insónia. Ninguém nomeia  
 a sua realidade porque de nada valeria  
 ignorar o lugar do abismo. O destino existe  
 porque a dor dos outros iniciada na activa  
 nódoa das pálpebras não deu para cuidarmos  
 de dividir o nosso sonho. Por isso sofremos  
 como medida vingadora o que outros  
 há muito viveram sem ambulâncias.  
 Paredes caídas até desconcertar a alegria.  
 Se calhar o sonho só existe porque a dor  
 foi o único meio capaz de inventar  
 com perfeição de lenços as pálpebras.  
 O homem necessita de uma insónia  
 por onde se perca em viagem com bússolas,  
 do momento oblíquo da despedida, de um

mundo de inúmeras fugas na mais secreta  
direcção da música.

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

só os barcos no mar descobrem a planície  
do silêncio? Será que o corpo da nação nos distraiu  
dos lugares do amor? A lâmina  
contra a ilusão valoriza o silêncio.  
Dizem que foram os ferreiros que tornaram  
tão rápida a morte, tão farta como uma  
inauguração... antigamente era como contar  
as folhas caídas que em sua queda  
em nossos rostos acentuavam as rugas.  
Usai a mestria do coração: sonhar.  
O velho Kilolu sonhou descobrir  
o sonho no seu início de aguarelas  
a retocar o verão. Sonhou saber,  
entre tantas sombras crispadas  
de miopias, como se destaca em traçado  
aflitivo o futuro. E sonhando transporta consigo uma cidade  
por ofertar com um excesso de fogo  
a atear-se em alegria. Cidade que vive  
de uma única manhã que não conta ferida  
nem hospitais a conspirar em vínculo  
caótico e secreto com a ilusão. O velho descobre  
que o seu sonho como coisa desentranhada  
do marfim domina o cavalo da sua morte  
e não precisa sequer de pensar em estátua  
refúgio aflito do seu medo atroz  
de cair no escuro da terra. Toda a morte  
é um olhar distraído sobre o dia de ontem.

Luz. E tudo parece uma dança que muda secretamente  
 o que se descobre nas fissuras de algo que foi procurado  
 numa noite de luto. Uma mão pode fazer a duração do sonho  
 se tiver no seu barro o que se pode adiantar  
 como preço dos erros de Deus quando o trigo não fazia  
 ainda sorrir a terra e separe do seu húmus  
 os mortos que fazem ouvir  
 as queixas.

Oh! luz, se inteira vem como foi seu dever  
 fazer a feição sair dos dedos de Deus quando pela pressa  
 tirou-nos da lama. São os olhos que cobrem com ramelas  
 o que a sombra esconde para que não se entenda  
 o que os jornais anunciam como a próxima  
 guerra. Tudo o que se perde desfaz numa ardósia a ordem  
 da utopia. A luz não pode ter o preço de uma dança  
 que atravessa a morte dos cavalos que fazem a vaidade  
 da vitória. E por muito que tentes usar o biombo  
 a luz fica mais perto das tuas trevas e nem mesmo podes  
 viver numa cama que aproxime a lua até à hierarquia  
 dos adjectivos que assanham num caule da manga  
 as tuas ancas. E tudo parece uma dança que muda secretamente  
 o que se descobre nas fissuras, por esse buraco  
 de agulha se pode ver num só olho o que se vai perder  
 na direcção que o diabo mantém em recta na sua mão  
 que salvou a inveja. Toda mão se engana no fim do sonho  
 porque o barro tem a sua ordem e o seu sopro de milagre.  
 Só temos o sino na linha que segue a pureza que adjectiva  
 com todas as sombras a tua escolha como se nos tocasse na alma  
 igual susto. Toda a mão se engana no fim do sonho  
 porque o barro é quem mais serve na sua vaidade  
 as aguarelas que seguram na tela  
 a utopia.

Luz. Eu vi cair o que o herói não conseguira fazer durar  
 mais que uma noite, e o que veio daí em espanto  
 e muita vergonha foi saber que fui  
 o seu melhor discípulo. Em cada boca existe a delicada  
 palavra que vem de um nó que foi parte da confusão  
 dos deuses e pode parecer uma nave  
 que cintila no próprio  
 fogo.

Oh! luz que veio marcar a existência da tristeza  
 por não podermos ser uma só coisa  
 tem-se os lábios depois dos versos  
 mas não se pode esconder o sal das lágrimas, tem-se a flor  
 na primavera mas o esquife é só o seu verbo.  
 E o rebanho de ovelhas fica marcado pela loucura  
 que faz viver numa prova de lutos a memória  
 de Caim. Eu vi cair com a luz de todas as glórias  
 o que o herói não conseguira guardar  
 no ensaio da sua própria vida, e o que veio daí em espanto  
 foi saber que fui seu discípulo. Como um gesto pode enganar  
 o coração e não se salva uma aurora para os filhos?  
 Os corpos dos dançarinos de Koffi Olomidé e Oliver Mtukudzi  
 arrastaram-se tão próximos da terra como se aí  
 estivesse a origem da música, talvez por isso a morte  
 apareça tão próxima da dança que vai  
 trocando os palcos para o desespero dos heróis e nos kombas  
 parecem ser os mesmos: máscaras.  
 Foi através da luz que refiz os signos para que as palavras  
 que nos guiam através das fístulas e feiras  
 mantenham as partes finais que celebram nos cristais  
 o sono que se descobre nas salivas das cobras.  
 A flauta recolhe a pele na nota que inventa um cálice  
 para o teu sonho por estar perto o medo.  
 Não pode ser breve a dor que chega antes das arestas

já que persiste a noção que inaugura  
a psiquiatria quando toda a manhã já não pode ser  
o que o terço permite viver.

Oh, luz, por debaixo da porta entras sem que por  
tua guia e lição encontres os itinerários da minha fuga  
e pelas persianas levantas o planeta numa agulha sem  
sombras e as mães choram, de outro parto não podem fazer a vida  
porque depois de uma alegria é sempre o que nos vem em lágrima  
que faz desaparecer através do mofo  
das cortinas a tarde de todos  
os desafios.

Luz. O mar pode um dia trazer uma cidade habitada  
de velas e só pela sua paisagem se possa escrever o nome  
do país. Entre a fúria de uma verdade e a boca da sombra  
pode uma mão salvar numa catedral os mortos.  
Por mais violento que seja o silêncio em não se podendo  
escolher o teu túmulo como uma folha que caiba  
num país e se perca numa espécie de canto atrasado  
a utopia. Permaneça, entretanto, o excesso da verdade  
para que se compareça perante o passado e dure  
a pergunta.

Oh! luz que foi descansar na lagoa para fazer o espelho  
dos enganos, vê-se por tua inteira bênção o que nos chega  
em muito medo como um garrote feito  
de naufrágios. Entre a fúria de uma verdade e a pedra  
de uma sombra e desfeitos os pássaros no altar  
onde a luz não se pode fragmentar pode um homem  
deixar que seja indicada a sua vítima. A torre ocupa o espaço  
onde se podia vislumbrar a baixa de Kassange e o rio Kuanza  
que levou para o mar os corpos dos homens que foram  
violados. O mar pode um dia trazer uma cidade habitada

de velas e panfletos que fazem a importância da igreja. O vinho é queimado pelos nomes que só o coração sabe pronunciar para que um sopro lance uma gaivota que deixe o chão pronto para receber a semente e não se tenha pálpebras para guardar o choro. A mão que lança o vinho conhece a seda que pode aproximar os mortos da terra. Oh, luz, queremos-te já quando temos a noite por vigília, a última leitura, contornos, abraços e a limpeza da casa mortuária. Contigo aprendemos a contar os escombros da nossa vida como se não nos chegasse a bondade do coração. As corujas nas árvores mais altas e antigas vão em canto longo e com muito uso das portas que se fecham cobrindo os anjos com túnicas pretas para que o sol não seja primeiro no arrumar das coisas do mundo.

Luz. Só o coração sabe enganar mesmo estando tudo perdido e só por isso se vem perpetuando a aurora. A preciosidade da aldeia só dura intacta no luando que ocupa numa só lua a nossa insónia. O que resta das linhas onde demora a perfeição como se o homem não fosse capaz de olhar para as coisas que se vão tombado após cada conta da vida... não podemos responder já que abandonamos em tanta sombra a paixão. Ah, se tudo pudesse ser recomeçado no mesmo ponto que se marca o incidente numa só vontade em escolher o show da comoção quando se nasce pronto para seguir a pista desenganada da nossa própria morte.

Oh! luz que obedece o ciclo do trigo até a lua  
impedir o pasto das hienas. Tudo se resume a essa cor verde  
da couve, podemos por este engano dos lavradores  
ver coisas que só o coração sabe enganar mesmo estando tudo  
fora dos seus lugares. A preciosidade da terra só dura  
no corpo de Joana e vem daí essa febre em querer trocar  
pelo amor o que conseguira mudar  
no lençol da minha  
paixão.

Ah! se tudo pudesse ser recomeçado no mesmo barro  
que fez toda a tua infância e se pudesse ouvir  
o murmúrio das mães que são quem mais sentem nos olhos  
os sinais dos destinos que por vezes ganham forma de esquiife  
numa simples chávena de café. E vamos deixando mais  
desconfianças e ciladas para que não se ame os irmãos  
que estiveram sentados à mesa do mesmo soba.  
Não podemos comparar as realidades cada vez mais  
tudo parece um ensaio e não se pode saber se o que se diz  
faz parte de uma belo engano. Não é fácil preferir  
o interior de nós mesmos. Os espelhos ocupam os espaços  
e toda a figura já foi um avesso ou o mais perfeito disfarce.  
Faltou-nos um pincel para deixar os sinais nas paredes  
como fizeram os apóstolos de todas as  
tragédias. Não se pode virar pelo contentamento uma página  
sem que lhe acompanhe em vergonha o sangue  
e uma pressa em querer que a amnésia solte a piedade.  
Pelo coração se pode perdoar assim como no pasto no Humby  
quem mais envelhece são as cabras que comeram  
as pedras e puderam no lugar da luz e da sua higiene levar  
os homens para a calçada em madeira antiga  
que fizeram a nave  
dos mares.



Luz. O que posso descobrir no corpo de Joana perto de uma lamparina? Pude à noite saber que só da minha ideia eu salvara a forma que vingou no violão das nossas núpcias. Hoje, vou rodar a luz à volta de teu corpo e não me impeçam de inclinar a terra no momento que te prender na minha cintura.

Oh! luz que veio por detrás do teu corpo como uma língua da minha sede. Um pêndulo na sua humidades até ganhares como parte da tua pele toda a ideia que confunde o fogo. Pude usar os teus gestos para salvar a minha metáfora retocada na presença de um anjo e voltados para a superfície do mármore que faz durar em nossas pálpebras todo o vigor da lenha dentro de tua casa. Posso escrever sobre o amor porque é impossível alcançá-lo na cama embora alerte tantas humidades como a melhor forma de descobrir a asfixia da morte. A porta permanece aberta porque os gestos são quem mais podem viver das palavras num incêndio fechado no poder que afasta as tuas lágrimas que tiveram o seu início no teu ventre. Não desviei o meu olhar porque toda a luz só poderia ter como suas margens as rosas que numa só sessão se tornaram altas nos teus joelhos. É de uma anemia que nasce a decisão em saber que de ti já não pode partir um outro corpo que consiga ter o meu berço todo agarrado à uma paisagem que mais parece o leão à frente de um espelho. Em cada palavra toda utilidade se perde na sombra que se valoriza no arco da lua que torna intacto o que por enquanto não

podes nomear. Uma palavra que se possa entender  
só depois do lençol cair onde os teus pés mais nus  
recebem um jardim. A água prepara a sereia  
quando escorre pelos teus seios e ombros.  
Foi no brinco do teu umbigo que o mar se fez em mais  
que uma mala ou um lugar para pensar em quantos naufrágios  
se faz uma insónia que pudesse trazer-nos à terra  
descalços e sem roupa para sentirmos numa só fogueira  
a ideia que outros pudessem ter através  
da invasão dos quartos.  
Oh! luz, só contigo entendo o corpo de Ximinha  
e olho-o demoradamente como quem pega da música  
toda vontade afiada nos diversos filmes  
que foram enganando com holofotes  
a temperatura  
do sangue.

## ALEXANDRE DO NASCIMENTO\*

---

\* Cardeal Alexandre do Nascimento, nasceu em Malanje, em 1925. Alguns versos vieram a público, discretamente, no jornal O Apostolado e na Revista de Angola... Existe um volume que abrange quase toda a sua produção poética: «Livro de Ritmos» (1994).



## Senhora da Muxima

Fui à Muxima  
Bater à porta,  
à porta do coração  
Fui à Muxima  
à procura  
Do coração de pomba  
- essa mansidão que não finge

Bati à porta  
e Nossa Senhora  
lá dentro,  
de olhar do Calvário  
reparou em mim!

Aquela que recebeu de Deus  
o coração de pomba,  
e do arco-íris  
o anil que tinge  
os sonhos das crianças...

Fui à Muxima  
E falei a Senhora!  
- “Minha Mãe,  
mais uma vez...

Fez-se o espaço mais denso,  
Despontaria a manhã, se fora noite...

“Minha Mãe...

E Ela olhou mais atenta para mim.

“Minha Mãe...”

E esses olhos de madrugada,  
Que por muito que vivam  
nunca se habituarão, nunca,  
à luz crua da desgraça humana,  
palpitaram  
como lume astral,  
na etérea harmonia das esferas.

“Minha Mãe...”

... No olhar da Virgem, de novo cansado  
olhar do Calvário,  
lutavam  
a justiça de Deus  
e a ternura de Mãe;  
frente a frente, - Jesus morto  
e Caim arrependido.

“Minha Mãe...”

E Aquela que recebeu de Deus  
O coração de pomba  
e do arco-íris  
o anil que tinge  
nossos sonhos de criança  
sorriu, triste e magoada:  
- “Vamos ver, filho,  
que se pode fazer...”

... Chorei, agradecido.

## Mendiga E Criança

Saía eu de casa, quando te vi parada,  
Criança e ... já tão pobre.  
Que imensa ternura e quanta mágoa  
no meu peito,  
quando te imaginei depois,  
caminhando entre abrolhos,  
- tu, gota de orvalho na manhã tardia!

Filha de Rei que te desconheces,  
olha que foi como vassalo teu,  
que para ti eu me atrevi sorrir.  
E tu modesta, e tu assombrada,  
Voltaste a carinha para trás,  
- à procura da pessoa a quem eu sorria!

Escuta: tu não sabes quanto vales.  
Teus pés arroxeados devera eu beijar,  
como beijei os do Menino no Presépio.  
Não te merecem os olhos meus,  
nem olhos nenhuns na terra  
vez alguma te mereceram.  
Mendiga e criança, a ti  
fitam-te, cheios de pranto,  
os olhos do próprio Deus.

## Mãe de Angola

Ajoelhem junto de Ti, a Teus pés  
Os mais altos Anjos:  
Nós, de pequeninos que somos,  
pretendemos muito mais:  
sentar-nos sobre os teus joelhos,  
e encostar a cabeça cansada,  
cansada e sonolenta,  
sobre o lado onde forte bate  
Teu coração de Mãe.

Mãe de Angola: Tu fizeste da Muxima,  
desde tempos que já ninguém lembra,  
a casa onde nos esperas,  
a casa onde Te encontramos  
meiga, carinhosa, milagrosa;  
Mãe de Angola: desde o Maiombe das airosas lianas  
Até às distantes savanas  
“das terras do fim do mundo”.

Mãe de Angola:  
Recebe toda esta terra, que é Tua.  
Recolhe-a na concha da Tua mão direita,  
E apertando-a contra o Teu coração de Mãe,  
Diz-lhe de uma vez para sempre:  
“Aqui tens a Paz.  
Jesus é quem a faz.”



## O Sol Agoniza Dentro de Mim

O sol agoniza dentro de mim, como só acontece  
nas terras de Malanje.

Acorrem solícitos os sentimentos  
que há anos, toda a minha vida,  
acompanharam este adeus de fogo, no céu que se apaga:  
adeus do Sol que me vem da infância.

Oh, minha terra- lugares,  
Onde para mim ronda ainda o sorriso  
Que não morre, o sorriso de criança  
O sorriso que é preciso não esquecer.

Vanvala, Zela, Catombe, Maxinde:  
boa noite!

Oh! Terras, como não há  
Nem pode haver outras (para mim).

Vede: estou em Londres,  
E é de vós que me lembro...

No meio desta trama imensa que é Londres  
- “palavras d`honra” “salvação de Cristo e “pela luz divina” -  
sinto-me milionário,  
porque vos tenho comigo  
recordações da minha infância.

Tenho o sol a morrer em mim,  
Tenho a luz doentia, a luz da chuva, a luz do cazumbi;  
Tenho em mim o luar a nascer dos lados da Canâmbua.  
... obrigado, Cardeal Newman, mestre amado  
o primeiro vivo que me recebeu  
na cidade onde nasceste.

Nesta minha solidão,  
reconciliaste-me,  
Com a tua cidade.  
Bem vista, mais que uma grande cidade,

mais do que grande metrópole  
Londres foi a capela para mim  
Londres foi a igrejinha,  
onde escondido Alguém  
te acompanhou no sofrimento, na purificação;  
e nos acompanha,  
dando sentido ao caos  
dentro e fora de nós.  
Escutai, Malanjinos - vós que não pagais renda!-  
partes de Vanvala e de Catombe... terras  
pequenas da minha grande terra - Angola!  
No mundo há grandezas,  
Mas quem as mede todas  
É o coração...  
Maxinde, meu bairro, boa noite!  
É de Londres que te falo.

## O Nosso Mar

O nosso mar,  
O mar africano,  
Não se parece com os outros mares.  
Terá o mesmo corpo,  
Talvez...  
A alma, porém é como os palmares:  
Tem a energia, tem o dolência  
A vida e a morte na sua essência,  
Tocadas do mistério africano.

Sua linguagem é toda nossa:  
Não a percebe quem nos ignora,  
Não comove a quem não comove

O nosso drama, que é noite e aurora.

Não conhece quem não conhece  
O seu murmúrio, que é nosso pranto  
Sua revolta, nosso protesto,  
- nossas vozes semelham-se tanto!

O seu silêncio tão resignado  
Cheio de unção, de paz e perdão,  
Lembra o olhar manso do desgraçado  
Levado longe dos seus queridos.

A sua espuma, essa branca espuma,  
vem-lhe da graça, vem da inocência,  
de mil crianças de tez escura,  
de olhar de luz, sem concupiscência.

Cheio de graça, cheio de força,  
como se agita o mar africano!  
Negro e feroz está a lembrar  
braços hercúleos, trabalho insano.

Mar africano,  
não te conhece quem não conhece  
a alma africana,  
que o mar e a terra irmana:  
Num só abraço fazendo um  
o longe e o perto, a dor e a esperança,  
tal como o riso e o choro em criança.

## Senhora do Meu Lar

(A uma Imagem da virgem, em terracota,  
que me acompanhou durante o exílio em Portugal)

Nessa Tua augusta calma, que Te envolve em doçura,  
Nesse barro cor de chama, que Te dá corpo,  
Tenho-Te, Senhora, diante dos meus olhos,  
Que ficas quando saio e me sorris quando volto  
Nessa Tua augusta calma...

Vejo-te a cada instante de mãos postas - orando;  
E de olhos baixos... corando:  
Rezas por mim, piedosa,  
Coras por mim, Imaculada,  
Nessa Tua augusta calma...

Oiço Tua voz sem fala,  
Meigo murmúrio que me diz:  
“ Então, não chores, cá me tens...”

Senhora de meigo jeito, vê que eu sofro e me fere  
Ver-te que sofres sem queixas,  
De mãos postas e olhar baixo.

Tu sofres por mim (não negues!)  
Tu sofres por mim  
o que não sofreste  
por Jesus e por João...

Trazes-me ainda no seio  
(oh longa e intérmina gestação!)  
Só quando morrer, me terás dado à luz,

ó Senhora de mãos postas - orante  
 Senhora de olhos baixos - Imaculada  
 Mãe de Misericórdia, fonte de Ternura,  
 Maria!

## Vestido De Nossa Senhora

Vem-me, às vezes, à mente  
 um pensamento louco,  
 estranho e barroco,  
 minha Nossa Senhora.  
 Penso, às vezes, que é Tua veste de gala,  
 toda a gala florida da vegetação inteira,  
 ondulando nos plainos, nas vertentes e nos altos,  
 numa tarde de sol, como hoje,  
 nesta planície de Castela.

Penso que é veste Tua,  
 o azul profundo do mar  
 e o azul escuro da noite,  
 quando há luar e quando há estrelas.

Mas quando vejo a noite escura,  
 Já sem luar e sem estrelas,  
 Então já me não lembra, não,  
 a tua veste de Rainha:  
 Lembra-me o Teu vulto humano,  
 de quando vivias entre nós,  
 obscura Senhora de Nazaré.

Quando foram Tuas todas as dores do mundo:  
 desde o olhar abatido, que é o olhar de mendigo,

até a dor e o queixume  
de criança ardendo em febre:  
Todo o sofrer atlântico do meu povo em cativeiro,  
ó Imperatriz das áfricas,  
ó Senhora d'aquem e d'além dor.

... Eis a tarde - o instante efémero das nuvens  
em vitral de núpcias com o sol poente!  
Melhor do que isto, só o cândido sorrir  
de quem sofre por amor, minha Nossa Senhora..

## Fontes de Nazaré

Fontes de Nazaré, caminhos da Galileia  
campos, flores, horizontes da Palestina;  
gentes - ricos e pobres  
crianças a brincar  
e velhos a lembrar,  
- dissei-me todos:  
Não se vos suspendia a respiração,  
das mãos não se vos caíam os brinquedos,  
não baixáveis o olhar, ó namorados,  
quando, passando, sorrindo ou falando  
a Virgem, no vosso mundo, tal qual vós,  
Vivia e se misturava à vossa lida?

E os montes da Judeia,  
e as fontes de Nazaré,  
e os lírios dos vales,  
e o pó dos caminhos  
quedaram suspensos, meditativos...

Mas uma pomba branca  
arrulhou em jeitos de responder:  
“Tivemos todos um pressentimento,  
vaga suspeita, diluída luz...”

Voltei-me então para as velhas  
de Nazaré “Maria- responderam-  
era tão boa... mas não se distinguia,  
não, de nós outras, raparigas  
quando alegres íamos à fonte,  
quando cismando, entrávamos na sinagoga  
Mas deixa, deixa que nos lembremos melhor...  
a não ser... a não ser...”  
E nada mais acrescentaram.

Dirigi-me então às moças de Nazaré,  
Bati à porta da noiva de Caná.  
Responderam-me, madrugando a alegria no rosto:  
“Oh, sim! Maria sorria  
um sorriso só dela...”  
Assim foi a vida da Virgem:  
Deus foi Zeloso e soube guardá-la,  
Como ainda hoje guarda as violetas...  
A glória do Senhor  
era graça oculta nela,  
Maria era só de Deus, toda de Deus,  
Não só a serva, a escrava de Javé,  
Mas a despercebida como as violetas:  
“apenas, apenas um pressentimento  
vaga suspeita, diluída luz...”

... Maria de Nazaré  
Mãe de Jesus, o carpinteiro,

o filho do carpinteiro José...

E foi assim que Deus começou o novo mundo.

## O Menino E As Nuvens

Encontrei há dias uma criança com quem me pus a conversar.  
Perguntei-lhe de quê mais gostava, neste vasto e variado mundo...  
Sorrindo, dedo na boca, torcendo-se todo, foi-me respondendo,  
Por entre os dentes frescos, ainda por cair:

“Gosto... eu gosto das nuvens?”

– “E porquê o menino gosta tanto das nuvens?”

Calou-se, para depois murmurar, quase imperceptível:

“Não sei...é porque são lindas.”

Nesse preciso instante, fitei-lhe os olhos  
e na cara da criança (pobre criança) vi o fatídico  
dom da Poesia,  
que afastava Virgílio, em pequeno, da turba irrequieta  
dos seus companheiros,  
e mais tarde o fazia preferir ao convívio de Augusto,  
senhor do mundo,  
a sua aldeia nativa, perto de Mântua...

Nuvens... voam tão alto, não se arrastam pelo chão.  
E se choram por algum desgosto,  
Seu pranto fecunda a terra,  
Onde brotam flores e cantantes, esquivos regatos.

Não mo disse o pequeno, mas nos seus olhos,  
Vi fundidos num só olhar, o olhar fundo das águias  
E a mansidão das pombas...



Vejo-o debruçado na relva, fitando o poente...

Que espectáculo não veria ele?  
 Viajando solitário, nesse vasto império, descobriria  
 Toda a pomba de Ofir, Nelson vencendo em Trafalgar,  
 E a derrocada de impérios seculares...  
 Com passo de gigante, saltaria de Continente em continente;  
 Atravessaria a nado o azul distante de um Oceano,  
 e, em luta singular com um monstro,  
 salvar-se-ia, no último instante, de mortal arremetida, voando.

Mais tarde, entraria em museus famosos  
 (o Louvre, El Prado, Sistina Ermitage...)  
 e tudo o que visse, te-lo-ia visto mais belo,  
 em exposição de colossal grandeza:  
 as nuvens coloridas pelo Sol...

Acordou-me a voz da criança, impaciente:  
 “E tu não gostas das nuvens?”  
 Refugiei-me num sorriso.  
 “... tão frágeis, tão passageiras,  
 são antes a imagem da vida presente,  
 que é escura, que é dolorosa,  
 se lhe não dá o Sol de Deus...”

Em voz alta respondi:  
 “sim, gosto das nuvens,  
 mas muito mais de ti, meu filho.  
 Tu pertences a um outro mundo.  
 A ti, aos que são como tu.  
 prometeu Jesus o seu Reino.

## Irmã Dos Muceques

(Lembrando Irmã Auxiliadora, dominicana do Rosário)

De costas voltadas para a rumorosa cidade,  
vi-a de pé,  
frente ao mar, além baía.  
Tinha o olhar de quem lê Deus,  
na tremulina das ondas,  
na luz doirada do sol poente,  
além baía de Luanda.

Distraía-me com o voar feliz  
das grandes aves que alegram a orla do mar.  
Por longos instantes mantive-me assim à distância,  
Como Moisés diante da sarça ardente.  
Vi-a, depois, como quem acorda de doce sonho,  
Sorrir-me: “Ainda bem que o tenho aqui:  
É a si, padre, que vou dizer o que dizer tanto me custa:  
- o sonho que sonhei – ou o que me foi dado ver.  
... Encontrei-me, não sei como,  
no meio de quatro ou cinco raparigas,  
(que eu nunca vira,  
mas não duvido que as conhecesse).  
Tão belas, tão pouco deste mundo:  
todas radiantes (cristal iluminado por dentro!)  
- (Eu) “Estou a ver, e até posso dizer-lhe os nomes:  
Perpétua e Felicidade, Inês e Luzia... Anastácia”  
(Ela) “sim, agora vejo: são aquelas  
que na missa o celebrante lembra,  
da nossa inúmera família do céu,  
que nos espera!

“Pois bem, iam todas ataviadas  
 levando braçadas de flores odorosas.  
 Nem sei como, mas vi-me caminhando com elas:  
 Tão gentis, tão castamente alegres, tão minhas irmãs  
 (*Parando e Cismando um pouco*) “Sim, o céu é mesmo isso:  
 essa gloriosa humilde,  
 feita de luz e de leveza,  
 que sem vaidade nem soberba  
 se reconhece grande e posta nas alturas,  
 por puro querer de Deus, nossa ventura...”  
 (*Olhando para mim, retomando o pensamento*)  
 “Tive nova surpresa: vi-me com elas  
 diante da Virgem, que uma a uma nos recebia.  
 Que olhar! que ternura! que afecto!  
 Banhava-nos em Deus o olhar da Virgem!  
 As minhas companheiras, primeiro elas,  
 Com gracioso aceno e um sorrir de estrelas,  
 Cada qual deixava, no regaço da Senhora,  
 Um ramo de flores divinas,  
 até que chegou a minha vez.  
 Foi quando me vi... de mãos vazias!  
 Enevoou-se-me então o olhar,  
 Ia eu a desatar em pranto desfeito,  
 Quando ouvi a voz que sempre agrada a Deus:  
 “Vem, minha filha, não te aflijas:  
 Eu quero-te assim, de mãos vazias,  
 Mãos prontas a ajudar...  
 E, maternal, pondo-me a mão no ombro:  
 “- Vai, filha, eu te mando  
 Volta por algum tempo ainda,  
 Junto de meus filhos, nos Muceques:  
 Serás como eu: Auxiliadora!”

Foi assim que essa filha do céu  
Viveu, entre nós, sorridente e pensativa,  
Irmã de todas e mãe de muitas almas.  
Até que um dia...

Dizem que um camião da tropa  
a atropelou. Sim, a verdade por fora foi assim.  
Por dentro...  
O que eu sei é que ela voltou  
ao pé das suas companheiras  
- Perpétua e Felicidade, Inês e Luzia...

Vejo-a agora,  
Já não lendo Deus na tremulina  
das ondas da baía de Luanda,  
mas atenta, com o meigo olhar  
seguindo do alto  
as crianças e as velhas dos Muceques:  
Maria Auxiliadora - Irmã dos Muceques!

## ALICE PALMIRA (DÚDÚ)\*

---

\*Alice Palmira nasceu em Brazzaville (R.Congo) aos 7 de Setembro de 1944. Obra Publicada: «A Mulemba da Saudade» (2004).



## Cabeça rapada

Irei a África  
Os meus olhos lembram-se  
O mufete com mandioca e  
Feijão de óleo de palma

Irei cumprimentar a rainha  
De cabeça rapada de joelhos  
A África é um fogo de mata que conheço  
Como os segundos dos meus minutos esfaimados

Não tenho, agora, de comum com África  
O fogo que habita África, berço do meu ombro.

## Minha Poesia

Dá-me a tua luz  
A verdade do olhar  
Não é mal nenhum escrever meu nome  
Não é mal nenhum escrever poesia  
Não é mal nenhum escrever teu nome  
Não é mal nenhum escrever teu gozo  
Não é mal nenhum escrever liberdade  
A paz  
O amor  
A bondade  
A mansidão  
A temperança  
Dá-me a tua luz  
A verdade do teu olhar  
Onde vai a poesia?

Onde pára a poesia?  
Se a sinceridade e a poesia dói, isto é  
Escrever um poema.

## A Mulemba da Esperança

A mulemba do Huambo  
É também a mulemba de renascer  
E vim replantar o meu sentido ao pé de ti  
Havemos de nos encontrar um dia para nos perdoar

A mulemba da saudade  
É também a mulemba do nosso ponto de encontro semanal  
O homem vale o que vale pelas suas armas  
Havemos de nos encontrar um dia para dar-nos kandandu

A mulemba da esperança  
É também a mulemba do regresso ao país, da qual nos  
Sentamos a contemplar a paisagem para escrever a  
Literatura e o jornalismo da nossa terra Angola  
Havemos de nos encontrar um dia para dar-nos kandandu



## AMÉLIA DALOMBA\*

---

\* Maria Amélia Dalomba nasceu em Cabinda aos 23 de Novembro de 1961. Obras Publicadas: «Ânsia» (1995), «Sacrossanto Refúgio» (1996), «Espigas do Sahel» (2004) e «Noites Ditas à Chuva» (2005).



## A Canção do silêncio

A canção do silêncio é um poema ao suspiro  
Mergulhado  
Na profundidade do Índigo

O olhar de uma santa de barro

A linha do equador à deriva do pensamento  
Gelo e sal e larva e mel

A canção do silêncio

## Na milésima de tempo

A inversão do mundo nos cabelos do infinito  
Uma lua apagada de prazer  
A razão é um jardim florido pela ilusão  
Na milésima de tempo de uma entrega

## Frases feitas

Difícil é cantar comum pensamento  
Sombras em frases feitas onde nada é tão antigo  
Como chegar e partir

## Herança de morte

Lírios em mãos de carrascos  
Pombal à porta de ladrões  
Filho de mulher à boca do lixo  
Feridas gangrenadas sobre pontes quebradas  
Assim construímos África nos cursos de herança e morte  
Quando a crosta romper os beijos da terra  
O vento ditará a sentença aos deserdados  
Um feixe de luz constante na paginação da história  
Cada ser um dever e um direito  
Na voz ferida todos os abismos deglutidos pela esperança

## Mãos

Mãos desenham raízes dos cânticos da terra  
Geram vida na identidade da flor entre o espírito da letra  
Engendram salmos na inserção da cruz às preces das dores  
Mãos são séculos de páginas aos joelhos de Fátima  
São lágrimas ao altar do desespero

## ANA DE SANTANA\*

---

\* Ana Paula Santana nasceu no Kwanza Sul aos 20 de Outubro de 1941. Obra Publicada: «Sabores Odores & Sonho» (1985) Cadernos Lavra & Oficina n.º 53.

## Música sanguínea

No cimo do tambor  
continuar brincando, queria,  
mas não.  
Cantar o belo,  
mas as mãos, os olhos, a carne?  
(quanto sofre a carne inconformada)  
ter olhos passando tempo  
pelo imediato,  
eu passo  
por aqui, sempre  
(como não encontro o infinito)  
a angústia no caso  
que não há.  
Como romper, rasgar  
para essa lua entrar,  
que luz?  
Aonde o sol  
e o tempo para soltar a voz,  
a fórmula do amar  
à força de estar, quem entende?  
Oh, discreto riso,  
suave tristeza,  
olho molhado, olhando-se,  
amor fardado (falhado?)  
o que será dessa  
música sanguínea?

## Núpcias

Penetro  
 esse colchão de cristal,  
 e  
 um lençol de mar  
 me envolve  
 tecendo o meu vestido raro,  
 espuma e sal.

Interrompo estas núpcias com o coral,  
 vem-me o mavioso murmurar  
 das palmeiras pela brisa  
 será que não aprovam?

## Canção para uma mulher

Nunca me falaste  
 da tua música  
 estuprada à força do falo,  
 nem me contaste  
 das partículas que  
 pacientemente raspaste  
 ao sol para fecundar a terra.  
 Apenas dizes dos braços  
 cruzados à volta do filho  
 ou do milho a colher

Sempre espero, pacientemente,  
 tua boca liberta,  
 pelas mãos mostrando o sol

e  
pelos teus filhos contando-te  
da vida que semeaste.

## Barco aberto

Como um pão aberto  
assim te ofereço  
este rio em prata  
sorrindo

para que te embebedes  
da certeza de que  
os caminhos se fazem,

como este barco  
perseguido por pássaros  
enfeitiçados  
de todas as latitudes

salpicam da espuma  
as luzes da cidade  
mostrando-me como  
se rompem os contornos.

## Com alma

dos cantos da vida  
parte um véu  
cobrindo corpos  
e almas



um braço se estende  
tentando romper  
o véu

conseguirá  
porque o véu  
é frágil,

talvez não consiga  
talvez não tenha  
força para romper

talvez o véu  
não se rompa  
porque o braço demora  
demora

a esperança  
é depositada apenas  
na alma,

se a alma existir  
pode-se esperar  
que o braço  
rompa  
o véu

com a alma.



## ANA BRANCO \*

---

\* Ana Maria José Dias Branco nasceu na Lunda Norte aos 24 de Maio de 1967. Obras Publicadas: «Meu Rosto e Minhas Magoas» (1997) e «A Despedida de Mim» (2004).



## Primeiro poema

Senti entre o sono e a certeza uma ave desenxabida de cores  
 Lutando dentro de mim,  
 Esgrimindo com Deus e o Diabo...  
 Tentando esgueirar-se por algum orifício do ar que só ela sabia existir.

Estou com Deus dizia, estou com o Diabo sabia...

Não.

Estou com Deus menino  
 Neste largo desfiladeiro em que me encontro liso e escorregadio.  
 Escorregadio, tão desumanamente perdido no pólo Norte ou Sul,  
 Bêbedo do álcool que não mais importava,  
 Simplesmente sem que o vento soprasse,  
 Sentia essa ave lutando dentro de mim esquivando-se da vida...

Queria voar,  
 Mas tão longe estava o chão que de certeza me magoaria...  
 Queria gritar,  
 Mas a afonia ensurdecia os miseráveis e os distraídos,  
 Queria chorar,  
 Mas a gota húmida do choro, a lágrima,  
 Caía em desalinho no solo,  
 Nas calças em xadrez de Accra,  
 Nas escadas que levavam ao inferno delicioso  
 Que todos tentam esquecer (ignorar)  
 E assim, as gotas húmidas das lágrimas;  
 Caíam no remoto e imenso calcanhar  
 Que um dia a ave possuía...

Queria pentear os cabelos...  
 Ah! Que engraçado...

Onde teriam eles os cabelos bonitos e os cachos ido parar?  
Sabia a ave desenxabida de cores que nunca mais sentiria os cabelos...  
Os anos passaram,

Os séculos despertaram  
E finalmente chegaram os milénios  
E a ave nunca mais sentiu os cabelos.

Sentiu sim,  
As mãos.  
Essas mãos lindas de Deus e desejadas pelo Diabo  
Que em vida tão amargamente nos queimam beatas de cigarro nos  
lábios.  
Sentia tão perto de si a ave,  
As mãos que puxando,  
Puxando...  
Iam torturando aquilo que outrora  
Tinha sido a ave graciosa em cores e sabores...

Queria amar,  
Mas não podia porque tristeza...  
Diziam os reflexos de mim ao espelho que já tinha amado.  
MEN-TI-RA..  
Tinha sim a ave limitando-se à fêmea  
Como o macho ao íman, nada mais, nada mais...

E lindos são eles os que ficaram  
As duas estrelas cadentes  
No céu que Deus e o Diabo  
Lembraram-se de me presentear  
No dia em que acordei com a certeza  
Que tinha sido o sono e vi que não morri.

Mas acreditem que realmente descansei por uns instantes...

## Sétimo Poema

Dormitei na noite coberta de frio  
Enquanto sonhava  
Com a tempestade que me cobria  
Quando subtilmente  
Entreabri os olhos  
E despertei sobressaltada  
Ouvindo uivos e ganidos do vento furioso a lamentar-se.

Subi os degraus da solidão  
E ouvi  
O vento chamar por mim,  
Como quem diz:  
– “Sai, Sai, procura os filhos que pariste perdidos algures pelas savanas  
distantes das praias ensolaradas africanas”.

O medo entranhou-se-me  
Nas veias ensanguentadas da carne  
Estremecendo a medula dos cérebros  
Que tão dificilmente carrego.  
O vento estava furioso comigo  
E a chuva castigava-me inocente.  
Estava tudo coberto e enevoadado,  
A água escorria e encobria  
Todas as portas dos vizinhos desconhecidos,  
Nenhum som era desenhado na terra figura da chuva forte.

## Chovia simplesmente

Saí...

E meu corpo sacudiu estonteante

Ao embate do vento

E da chuva na pele

Sangrava violentamente o espírito desesperado

Que lutava pelo escasso espaço a circular pelas artérias,

Lutava para me manter à tona.

Os pulmões vomitavam os sons lindos da morte.

Estava a morrer

Enquanto o mundo fugia devagar

Por toda aquela maré.

Já todos tinham ido embora,

Tinham todos fugido da chuva

E do vento

Gritando os nomes sonantes dos parentes

Já falecidos lá longe pelas velhas matas do Maiombe.

Estava a morrer,

Mas ecoei os ecos dos mortos

Enquanto lutava para chegar ao único sítio

Onde seria feliz

à sombra da minha árvore.

Despertei,

Não choveu

Eram as lágrimas de uma criança que me molhavam.



## Décimo VIIº poema

E,  
 O tempo que não passa para me trazer sorrisos,  
 Pois percorro-o à espera de chegue a hora  
 Em que possa apagar tudo para não sofrer mais...  
 Apagar o dia em que nasci em terras kiocas;  
 Apagar os primeiros anos;  
 Apagar as lembranças da infância perdida pelo capim,  
 Com os amigos das sanzalas vizinhas,  
 Apagar a primeira visita à cidade;  
 Apagar os sonhos sobre as pernas longas do Infante Henrique;  
 E os braços ondulantes do Príncipe Perfeito, tão lindo;  
 Apagar os anos na metrópole; o colégio de freiras;  
 As brincadeiras e risadas das crianças no pátio,  
 As missas de Domingo todas elas rezadas;  
 Os cânticos a que me forçava decorar,  
 As matinés do Sandokam e do Trinitá  
 A Cristina amiga de Santiago que nunca mais vi;  
 Apagar a perda de um lar;  
 Apagar a infância mal vivida,  
 O trabalho a que me obrigavam;  
 O sol que me queimava;  
 A enxada que me esfacelava as mãos;  
 As ervas daninhas e orvalhadas que cortava;  
 As vezes que meus pés as uvas frescas de Setembro esmagavam  
 As idas e vindas constantes ao alambique  
 As pedaladas a caminho da escola; tendo Zorba por companhia;  
 Ver o peso que carregava às costas do burro humano a que me chamavam;  
 Apagar o quarto frio e feio onde cresci;  
 O medo de morrer gelada durante o Inverno;  
 Os poucos beijos que a meu Pai dei enquanto crescia;  
 Apagar as fugas para os milharais;  
 O livro lido às escondidas;

A madrasta que não me via;  
O Pai que não me sentia;  
A mãe que me esquecia;  
As irmãs que de mim dependiam;  
Apagar o tempo que fugiu;  
A chegada ao outro lado do Atlântico;  
O primeiro amor;  
A grande paixão de 84  
O casamento falhado com as culturas de sangue dos ilhéus;  
Apagar o tempo;  
Apagar as dores de parto que tive;  
Apagar os filhos;  
Apagar os anos em terras shonas; onde vi as ruas cobertas de laranja,  
rosa, amarelo, violeta;  
E senti o cheiro do belo da decência;  
Apagar o tempo calmo em terras de Samora,  
Onde falei o ronga e visitei a beira;  
Apagar as alegrias, as tristezas, os sorrisos, os choros e as gargalhadas;  
Apagar as lágrimas;  
As mentiras que contei e as que ouvi  
O esforço do sustento;  
A fome; As Guerras, Os mares e os Oceanos;  
A necessidade;  
Apagar os amores;  
Os sonhos; as vezes que amei e fui amada;  
Apagar os amantes, os amigos, a família, os conhecidos;

Apagar os livros  
As histórias;  
A poesia;  
Os poetas;  
Apagar as luzes ir embora...

Apagar tudo para não sofrer mais!

## Finalmente a verdade

Estava linda e purpurina  
Saciando a fome e sede à solidão,  
Quando de entre as mãos sujas,  
Do Carteiro amarfanhado,  
Estremeci ao tocar na mensagem  
Vinda dos roseirais.

Mandaram-me os delírios da discórdia,  
Os insultos de paixões sovinas egoístas.  
Mandaram-me o corpo e  
A mulher negra tão amada.  
Mandaram-me o filho,  
Por mim mal parido.

Lágrimas correram ao ter nas mãos  
A mensagem que não tinha,  
O cheiro doce dos roseirais,  
Nem a cor mimosa das flores sensuais.

Continha, sim, finalmente a verdade;  
Das epopeias de um amor repudiado.

Faltava pouco amor,  
Para te encontrar então nas esquinas  
Mais queridas das cidades,  
Que em múltiplos orgasmos imorais,  
Naufragávamos juntos para além,  
Além dos roseirais...

## O Livro

Deitei-me a chorar com um livro aberto...  
Sem saber, porque chorava e o que lia.

Lia uma história de um amor, tão triste que me fazia chorar...  
Chorava e lia. Lia e chorava.

À primeira página os olhos arderam-me.  
À segunda ao choro já não podia ser eu.  
À terceira minha almofada transpirava de molhada.  
Que triste história de amor lia eu.

À quarta, quinta, sexta página...  
Quis morrer por sentimento,  
E dor de alguém que não conhecia.  
Amargurada não compreendia o porquê,  
Que eram tão sentidas e reais as minhas lágrimas.  
Os soluços mansos foram as mãos da asfixia.

Queria acordar, mas não era possível;  
Porque não dormia...  
O livro estava comigo, eu e a história.

Não fazia outra coisa que não fosse ler e chorar.  
Queria parar e não conseguia.  
Queria rasgar folha a folha daquele livro  
E não tinha forças,  
Porque a história era linda, triste, mas existia.

Continuei a desfolhar o livro só para saber,  
Se aquela história teria, porventura o final feliz.  
Queria conhecer a quem pertencia tão doentia e triste história.

Meus olhos estavam inchados quando  
Cheguei finalmente, à última página.

Mais desolada fiquei.  
O final não era feliz.  
Chorei tão alto que me acordei do sono que não dormi.  
O livro fora assinado por mim.  
A história de amor tão triste e que tanto me fez chorar,  
Era a minha. E a personagem principal da minha história,  
Era Eu...



## ARMINDO J. GOMES \*

---

\*Armindo Jaime Gomes nasceu no Kuito em 1962. Obra Publicada: «Noites por Dia» (1998), Prémio Literário António Jacinto.





## Assimetria

Se o norte  
é tão distante

o próximo  
irritante

como beijar  
a simetria vespertina  
da maré em chamas

## Penitência

De dia  
venço  
a partida  
fugida

De noite  
meço as distâncias  
entre as estrelas  
o mar e a brisa

## Promissão

Prendem os lábios  
as madrugadas  
prenhes de solidão  
e pesam tanto  
as mãos que abraçam  
o temporal enquanto

que as nuvens sem margens  
se afogam nos escombros  
dos olhos secos

Que promessa das noites é nestes dias promíscuos

## Desejo Divagar

Para acalantar  
o silêncio  
no leito escarpado  
desejo divagar

As saudades matam-me  
a Esperança  
Devagar fendem espaços submergidos  
devagarinho

## Florescência

Se o norte  
é ardente  
o sol  
presente

É porque a sorte  
é mais forte  
a rima é candente

## ANTERO ABREU\*

---

\* Antero Abreu nasceu em Luanda aos 22 de Fevereiro de 1927. Obras Publicadas: «Permanência» (1979) e «Poesia Intermitente» (1987).



## Coisas Lilases

As coisas lilases são as bonitas  
 E surpreendentes, embora haja coisas que  
 Também o são, e talvez mais.  
 Sonhos lilases (as flores), e vestidos lilases,  
 e as olheiras lilases das heroínas  
 dos romances românticos.  
 Lilás é bom. E doce. Entristece-nos e  
 Reconforta-nos. O meu pensamento,  
 Neste momento, é lilás.  
 Hei-de enviar-te um ramo de lilases,  
 Com um cartão escrito em tinta lilás.  
 Lê-lo-ás, ao cartão escrito em tinta lilás,  
 E aqui e ali rirás, sabe-se lá. Um riso  
 Lilás. Helàs!

## Música

Ó homem que trabalhas os sons e o silêncio  
 E trazes junto a mim  
 As florestas cabindas, as lavras de milho  
 E as armadilhas de prender o peixe.  
 Na curva do teu canto  
 Zunem o vento e a flecha  
 Os teus dedos metálicos  
 Levantam grãos de areia do deserto  
 E fazem remexer as folhas das copas altas.  
 No côncavo da noite  
 As minhas pálpebras baixam pesadas:  
 Ao longe é um tropel de gazelas em fuga...

## À Força de um Abraço

À força de um braço que se curva  
De uma ideia colhida como à flor  
Como um estame extreme, como a ruga  
Como o labor intenso do temor

À deriva de ânsia, da procura  
Ao encontro de tudo como for  
Nesta fome que a todos nos subjuga  
A todos ou alguns, é de rigor,

Com a tranquilidade que se purga  
E o ardor sem limites do suor  
Seja na pedra escura ou na fuga

Aqui nos afirmamos sem horror  
Homens de cepa torta, torta e dura  
A pôr, dispor, compor, propor amor.

## O Sentimento

Existem flores azuis com rochedos  
E cantos de pássaros como redomas  
Busque o sentimento  
O hálito do mundo  
É um desabrochar de inusitadas coisas  
Uma mulher sem rosto  
Um rosto sem mares  
Um buraco no escuro

Um pente de dentes ao contrário  
O sentimento  
É um aparelho de rádio com a agulha doida  
A sintonizar emissoras caladas  
Porque o sentimento inventa  
O vento  
O sentimento  
Mente.

## Ernesto Lara Filho

Em cada vergôntea de Luanda  
Em cada luando de vergonha  
Ando-me e vergo-me  
Vejo-me  
E o rosto insone  
E a barba intensa  
Lembram-me que a vida  
Está passando ao lado  
E eu a desconsegui-lá.





## ANTÓNIO CARDOSO \*

---

\* António Dias Cardoso nasceu em Luanda aos 8 de Abril de 1933-2006. Obras Publicadas: «Poemas de Circunstância» (1961), «Panfleto» (1979), «21 Poemas da Cadeia» (1979), «Economia Política» (1979), «A Fortuna – Novela de Amor» (1980), «Baixa & Muceques» (1980), «A Casa de Mãezinha – Cinco Histórias Incompletas de Mulheres» (1980), «Lição de Coisa» (1980), «Nunca é Velha a Esperança» (1980), «Chão de Exílio» (1980) e «Poemas de Circunstâncias» (2003).



## O Mar visto da cadeia

O mar é largo  
E profundo.  
Tão largo e profundo,  
Que cabe todo inteiro  
E amargo, no fundo  
Do simples olhar que lhe deito...

Estendido e liso,  
Refeito como um ventre de mulher  
Apetecido sem aviso,  
Já teve sereias e monstros,  
Ossos a apodrecer,  
Para ser, agora,  
De um qualquer...

Desencanto a apodrecer-  
-me o canto, nesta hora?  
- Só se for nas areias  
Onde morre monótono,  
E nas marés-cheias  
De tanto luar e espanto  
Na memória...

Já o tive  
Insatisfeito,  
Na cova da mão,  
No búzio dos ouvidos,  
E no sonho que ainda vive  
De uma doce ilusão...

Inventei-lhe  
Desaparecidos ecos,  
Talvez reinos perdidos,  
Tesouros, conchas,  
Algas e palácios  
Encantados de mouros...

Depois ficou só mar  
Vulgar, indigesto,  
Azul, verde, prateado  
«Grande ... grande ...»,  
Com o resto afogado  
No coração ...

Chegou então a hora  
Do mar lúcido  
Sem papão,  
Apreendido,  
Económico,  
Assassino, embora,  
Mas também elo de ligação...

## A flor

Meu tão doce amor de mais ninguém,  
Imaginado neste deserto  
Destes dias, como único bem  
Do caminhante que segue incerto

– Onde o meu distante oásis te tem

Tão escondida, se foi desperto  
Que sempre andei nesta vida sem  
Nunca o encontrar para mim aberto?!...

Meu tão doce amor de mais ninguém,  
Construí-te na dura memória  
Como flor mais rara que se tem,

Como a flor mais doce e mais madura,  
Que jamais alguém um dia viu,  
Mas só amargura em mim floriu!...

## Poesia

Não faço mais nada!  
Estou farto de rima  
Fisgado  
Em cima, em baixo  
Ao lado.

Estou fatigado:  
Não há poema que valha  
Um raio de sol,  
Pão na toalha,  
E uma mulher no lençol!...

## Aviso

Não se iludam:  
Eu sou um gajo magro  
E até baixo  
Pouco para desfazer...  
Mas cuidado com o verde  
A nascer  
À superfície de mim  
Depois de enterrado.

## Poema Panfletário

Duras serão as pedras no chão que pisaremos.  
Por serem duras é que abandonei  
Os caminhos movediços  
Deste mundo em agonia...

Suaves serão as palavras que falaremos.  
Por serem suaves é que abandonei  
Os caminhos movediços  
Deste mundo em agonia...

Pedras e palavras: certas, necessárias  
Duras, suaves e seguras.  
E uma casa nova.  
E caminhos novos de alegria...

## ANTÓNIO POMPÍLIO \*

---

\* António Pompílio nasceu no Lobito aos 5 de Julho de 1964. Obras Publicadas: «O Sal dos Olhos» (1997), «Simetrias» (2003), «Mambelé o Engraxador» (2004) e «Mutudi: A Dama do Ventre de Fogo» (2006).





## Limite

Finalmente, eis-nos chegados ao limite: o novo e único caminho que havíamos navegado. Atravessá-lo-emos com palavras puras de rosas, o mesmo salgado da água onde remamos as orações do regresso.

## Caminhada

Ainda o grito das cubatas alegres do dia. O caminho onde comi as cores quentes e os frutos do rio à sombra da floresta: flor que resta nas mãos apodrecidas do tempo. (Foram belas aquelas vozes que profetizaram o destino das aldeias)

## Mergulho

Elevo-te para mergulhares a rua e seres o anjo, o Deus, para veres os bichos que mordem o alcatrão do asfalto. Seres o espírito caçador das almas para ofereceres o amor em mim negado. É preciso crescer sem ser madrugada, porque a noite roubou-me o dia e ensinou-me a verdade das estradas. A lição da morte só ensina o sorriso.

Elevo-te para esta nuvem para sentires a chuva e veres as dessimetrias da infância a colorir os jardins da dor. Quero-te arcanjo político mediador. Dissinto-te o silêncio. Qual raiva te revoluciona o olhar? Elevo-te para esta paisagem que te ensinou a crescer para veres as tetas da Pátria sem o leite do sorriso com o ontem do esquecimento. Elevo-te para recolheres a difusão do cloro. O instante do choro.

## A sina da Pátria

Sob a luta e o luto. O acordar do silêncio. A alva obscura na metrópole dos sentidos. Mar absorvido na retina do sonho. Sempre esta flor. Qual rosa escarlate coloriu de sangue na fronteira da mão a sina da Pátria?

## O Seio do castigo

Perdi as sangas do silêncio. O Lundular sal dos meus olhos. Sementes que amamento ao frio. Meu caminho roubado da planície adormeço à sombra do leite fecundo Cristalino castigo que amo. Sou a mãe da raiz do futuro no outro lado do sol maduro. Eu descanso com as rugas das tetas com o luvúvamo da morte à margem do rio.

## Confissão

Confesso-te. As ruas das poças salgadas as falanges estreitavam os passos dos sonhos. A festa da morte estava ali reunindo os sorrisos histéricos da manhã. Eu apenas silenciava a lira e segredava o acento da chuva. Confesso-te. As ruas conciliavam os recheios das catedrais: era a oração na oratória que impedia a bÍlis da manhã. Ainda sob a transparência do sol nascia nas paredes da manhã a minha última confissão: não fuziles a infância da manhã.

## Cegueira

Ninguém. Ninguém te pediu para observares a várzea do silêncio  
nem a lágrima límpida inversa do meu sorriso amarelo. Eu conheço  
a (in)visão das cores.

A cegueira é o sonho opaco da luz. Só te peço que oiças os gritos de  
mel da insónia e que durmas infinito sonho, os pesadelos da minha  
concreta visão.

## Mudança

Mudo o prefixo da mudança  
Não uso o mudo silêncio de estar  
A mudança é olhar do não ficar  
No abuso do uso da dança.

## Intemporalidades

Visionarás a tua eternidade nos silêncios das coisas. E na dimensão  
do sonho verás a intemporalidade. O que ilude a metafísica do olhar  
é julgar a verdade da fronteira.

## Decomposição

Bemvindo a porta da fronteira.

A entrada da luz do silêncio:

A metamorfose da cegueira

O primeiro estágio do tudo/nada.

Seja alegre ao ver(me) decomposição.

## ANNY PEREIRA\*

---

\* Anny Pereira nasceu no Bié aos 2 de Janeiro de 1951. Obras Publicadas: «Catorze Poemas em Abril» (1998), Menção Honrosa do Grande Prémio Sonangol de Literatura e «Uma Vez Só Não Basta» (1998), Prémio Literário António Jacinto.



## Identidade

Costumo definir-me a mim própria como a página cem de Gedeão, à procura da cento e vinte e sete.

Cresci e brinquei com Clarissa, sob um pé de laranja lima; fugia à escola para passear no rio Mazungue, numa canoa chamada Rosinha. Tive um cão que se chamava Corto Maltese e com ele percorri os Jardins Suspensos da Babilónia, à procura da árvore dos direitos humanos.

Aprendi a amar com Florbela Espanca e Alda Lara. Namorei com Viriato, fui mulher com Vinícius e descobri que o amor só é eterno enquanto dura; sofri amor e saudade com António Jacinto, em todas as cartas que não enviei.

Tornei-me “gente” com Manuel Bandeira, “Che”, Neruda e muitos mais. Com eles andei em busca da identidade perdida na infância, esquecida no casamento e mais tarde reencontrada na solidão do quotidiano.

E quando um dia tiver de ser pó, cinza e nada e não mais com Jorge Amado poder pastorear as noites e a vida, quero fazê-lo à Mário de Sá Carneiro e tal como ele ir de burro: a um morto nada se nega; assim que não me falte champagne e Albinoni, com muito violino à mistura (de Pagannini, ou até mesmo só aquele do telhado...).

## Domingo em Alvalade

Era domingo  
e o cheiro do dendém  
inundava a minha alma,  
misturando nela as essências  
do pecado que não cometi.

Era domingo  
e o gosto da kissângua  
lavava a minha mágoa,  
purificando as lágrimas  
do pranto que não derramei.

Era domingo,  
e tu não vieste.

## (Poema de) Alforria

(Para o «Nito», aquele que através  
da arte se foi libertando)

Eu deixarei  
que o dia amanheça o teu sorriso  
por entre os espaços marfínicos  
das tuas colinas desalinhadas.

Eu deixarei  
que o sol penetre os poros adormecidos  
das fronteiras escondidas  
nas lezírias do teu sentir.



Eu deixarei  
que o vento arraste areais desérticas  
e sobre ti as faça cair  
como nuvens de pérolas,  
que brilharão nos olhos da criança  
que continuarás a ser

Eu deixarei

## Posse

Deitei-me sobre o teu cansaço,  
na esperança de trazer-te o descanso  
que há tanto tempo em vão procuras.

Cobri teu corpo  
e tive-te, e perdi-te ao alvorecer,  
quando tudo se confunde  
e a noite é dia, e o dia é noite,  
e as estrelas são o instrumento  
dos nossos sonhos e dos nossos êxtases.

Encontrei-te depois,  
quando te perdeste e me encontraste também,  
e já o dia amanhecia outra vez...

## O meu pé de maracujá

no fundo do meu quintal  
nasce um pé de maracujá  
não fui eu quem plantou  
nem quem mandou plantar

no fundo do meu quintal  
cresce um pé de maracujá  
não fui eu quem plantou  
nem quem mandou plantar

batem crianças à porta  
e pedem-me para apanhar  
maracujás bem maduras  
que eu não sei como cresceram  
de um pé de maracujá  
que cresce no meu quintal  
não fui eu quem plantou  
nem quem mandou plantar

entram em alvoroço  
e comem-nas com tal prazer  
que nasce em mim a vontade  
de no fundo do meu quintal  
ir ou mandar plantar  
tantos pés de maracujá  
quantos puder semear

## O meu amor

num bairro pertinho do meu  
numa rua estreita e sem nome  
mora o homem dos meus sonhos  
com quem me hei-de um dia casar

a rua, que não tem nome,  
morre no largo junto à fonte  
onde também existe um banco  
onde com ele me hei-de sentar  
a casa onde mora é pequenina  
como a dos contos de encantar  
e tem uma janela amarela  
para podermos namorar

quando passo na sua rua  
o meu peito bate bem forte  
os meus ouvidos ficam alerta  
para o seu coração escutar

ele não sabe quem sou  
nem sequer como me chamo  
olha-me sem me ver  
e nem consegue imaginar  
que comigo se há-de casar  
por via de algum milagre  
ou tão somente e apenas  
sonho feito realidade

## Soneto ao mar

amanhã vou acordar cedinho  
para ver o sol raiar  
e iluminar o caminho  
que ao mar me há-de levar

de branco me vou vestir  
e minhas tranças soltar  
minhas tristezas despir  
pra com lágrimas me lavar

vou andar pelo caminho  
ao som de hinos e cantos  
que eu mesma irei entoar

irei muito de mansinho  
e, enfim, afogarei meus prantos  
no mar que os há-de levar

## ANTÓNIO GONÇALVES\*

---

\* António Domingos Gonçalves nasceu em Luanda aos 10 de Agosto de 1960. Obras Publicadas: «Gemido de Pedra» (1994), «Veros Libertinos» (1995), «Adobe Vermelho da Terra» (1996) «Buscando o Homem» (2002), «El Lenguaje de los Pájaros y de Los Sueños» (2004), «Transparências» (2004), «As Vozes do Caminho» (2005) e «El Séptimo Camino» (2006)



## Experimentando experimento

exprimo.

aprimo estética experimental

(poética)

ciência qual mimo

cimo da paciência

apetência de experiências

(várias)

experimentando sem perimir

não / perimétrica poesia experimental

experimento experimentando

poesia experimental.

## Intervalo com jindungu kabombo

(intervalo o tempo com palavras IN CULTAS gênese de saber

OCULTO, cultivo amor (com/sem) culpa formal, forma-se a

alma, desespirtualiza-se a matéria – oxalá cresçam pitangas

no papel!)

## Piando poesia

Sempre que o dia  
se debruça sobre a maré  
de bruços a escuridão invade  
va dia como a noite...

A aura da saudade  
idade do tempo  
envolve o vazio. No cio.

O auge da sensação encoberta  
descobre no drama do destino

o pino de uma andorinha  
piando poesia !

## 3 Momentos

1.º

ONTEM:      Se não existisse a poesia  
serias tu musa-poesia  
de todos os tempos de todos  
os poetas mendigos e irmãos do AMOR.



2.º

HOJE: Voltei do além com marcas  
frescas da pureza. O teu sorriso  
me acenou. Agora, não sei se o mais  
puro é a fonte de pureza que te dá origem  
ou o estado de pureza que do além trago.

3.º

AMANHÃ: Quando se inaugurar a cidade da poesia  
teu nome escrito com beijos de alecrim  
estará com bandeira ao vento saudando  
os casais felizes à entrada da cidade.

## Lírica visão erótica

Cabelos de sereia reluzentes ao luar  
Olhos amendoados olhos de embriagar.  
Lábios de pitanga lábios sabendo a mel.  
Seios como o fogo seios de enfeitiçar.  
Andar serpenteado andar farfalhando a vista.  
Ancas rebolando ancas à espera, à espera.

Serei eu o poeta ou serás tu a poesia ?

## A África que observo com os dedos

1. A África que observo com os dedos  
não é igual a àquela que os meus pés ouviram.  
Mas continua a produzir ancas secularmente  
piramidais, para pasto e repasto de abutres  
intemporais.
2. A África que observo com os dedos  
e transporte no olhar, já não usa sandálias  
de pele de jibóia, para encantar as kalumbas  
do meu tempo. Ela bóia diariamente  
em panos garridos de garras ocidentalizadas.
3. A África que observo com os dedos  
e nela pouso os meus lábios – Reparo  
que não sou eu que a sugo, quando  
a vejo gemer entre mãos expansionistas
4. A África que observo com os dedos  
deixa-me o cheiro do Nilo na epiderme  
e na derme o gosto a pirão azedo.  
Mas, ainda respiro as suas marcas púrpuras  
com déndém fresco...
5. A África que observo com os dedos  
quando acordo, deita uma luz abrasadora  
que me acaricia no início de cada jornada.  
(Aí o seu charme apaziguador, na dor diária  
dos meus irmãos famintos, como eu...)
6. A África que observo com os dedos  
África de N'Krumah, Lumumba e Cabral

foi nascente e será, foz, a réstia continental  
 que restará do holocausto da nossa  
 podridão mental. E renascerás, ó África!  
 Então, observar-te-ei não com os dedos  
 Mas com as mãos e o cérebro...

## 1.<sup>a</sup> Transparência (Monólogo)

1. Habita em mim uma força estranha  
 (meu ser é a sua lavra predilecta)  
 que majestosa indica o caminho perdido.  
 Há um brilho dourado que me chama  
 no Zenit está o meu porto. – Vês?
2. Ouço vozes cantando em surdina  
 canto misterioso que me acena com os pés.  
 Há uma harmonia transparente  
 fluxo e refluxo de energia criadora. – Ouves?
3. Sinto a deslocação permanente do tempo  
 meu espírito é essa pomba vítrea.  
 O passado, o presente e o futuro  
 são constelações da mesma clave! – Sentes?
4. É a eterna peregrinação do espírito  
 a reconquista do Éden perdido.  
 Como o da velha China  
 Há que descobrir o valor oculto das coisas. – Entendes?

## 2.<sup>a</sup> Transparência (falando do amor)

Falo do amor  
que te rouba e devolve o sangue  
que é guerra e paz contínua  
alívio e desgraça permanente  
falo do amor que não é sexo

falo do amor  
que se manifesta nas unhas  
que são suores e pelos em chamas  
sobrancelhas e tacto em ebulição  
falo do amor que não é carne

falo do amor  
poliglota, desconhecendo raça e crença  
que é um oceano de emoções  
que é cicatriz sem ter ferida  
falo desse amor que é sexo

falo do amor  
interplanetário e atómico  
(neutrões, prótons e iões em contradição aparente)  
naves e corações que descolam  
como transitam os símbolos no Zodíaco  
falo desse amor que não é carne

falo do amor  
que é renascimento  
como alguém que atirando pedras ao charco  
se vai banhando por dentro  
enquanto por fora  
o seu tamanho se confunde com o mundo

falo desse amor que não é sexo

falo do amor  
que não é língua  
mas a saliva  
abundante mãos  
falo desse amor que é carne...

## 6.<sup>a</sup> Transparência (o beijo)

E o beijo foi como  
uma viagem de um ano ao espaço  
de tal forma que  
quando regressados à Terra,  
ter-se-á passado apenas um dia.

## Quarto poema sem título

Como posso não amar-te

Arte de todas as artes  
Pedaço de paraíso  
Flor múltipla e multicolor  
Segredo que segreda em voz alta  
Aquário de búzios voadores  
Raiz, folha e árvore invisível  
Métrica perfeita de uma canção criada  
Fuga e regresso de emoções desconhecidas  
Salmo que se soletra pela manhã  
Alimento de matéria imaterial  
Casa sem portas, janelas e tecto.

Como posso não amar-te?

## ANTÓNIO PANGUILA \*

---

\* António Francisco Panguila nasceu em Luanda aos 15 de Julho de 1963. Obras Publicadas: «O Vento do Parto» (1993) e «Amor Mendigo» (1997).





## Cidade morta

agora que se comem sílabas  
o pólen morre ao despertar

agora que se mede a palavra  
o néctar morre ao entardecer

agora que se noiva o discurso  
a cidade morre discretamente

## Encante a gaivota

espermatize a estrada  
presa nas mãos alheias

apadrinhe o ditongo  
afogado no oceano de ânsia

encante a gaivota  
engaiolada no sermão.

## Quando o sol for sol

na doçura da idade:  
o sul chora no coito forçado  
o sexo sangra longe da ave-picasso  
a naufragar no bolso.

Na doçura da idade:  
a noite povoa o sexo da mocidade  
o mel foge dos lábios da mulher  
que procura escaldante beijo.

Quando o sol for sol  
despir-se-á todo  
para mostrar aos mortos  
as cicatrizes da respiração  
na doçura da idade.

## A vaca que arrasta o tempo

arrasta a tesão do ódio

a vaca que arrasta o tempo  
arrasta a natureza do amor

a que arrasta o tempo  
arrasta o teimoso peixe  
encanta o fogo das calemas

a vaca que arrasta o tempo  
arrasta o caudal da saudade  
enamora o suor da morte

a vaca que arrasta o tempo  
arrasta a bacia da felicidade

a vaca que arrasta o tempo  
arrasta a gargalhada do homem feliz na terra

## Cabeça ao culto da fecundidade

CABEÇA ao culto da fecundidade, ó muxima tatá  
afoga o nzumbi ia ngongo agora que o ngoma  
beija a caridade celestial da tua salvação

BRAÇO abraça a neblina do profeta que no fluido  
condimenta a coreografia geográfica do teu verbo

MÃO remexe as tetas da tua sanga agora que a mocidade das  
pálpebras procura o calórico  
zumbido da pulsação

PERNA a sensação de beleza que nos desperta  
entre o gastrorritmo da dicanza

PÉ QUE PALANGANA INDAGAÇÃO!!!...

## Mukonda dia uanga

cuspiu o suspirado  
viveiro a suspirar

Coro

o dia está a sangrar  
o dia está a sangrar  
o dia está a sangrar

mukonda dia nguzu  
parte do parto  
encanta a kizomba

Coro

o dia está a sangrar  
o dia está a sangrar  
o dia está a sangrar

mukonda dia umba  
xinguila a kissangua  
na noite enrugada

Coro

o dia está a sangrar  
o dia está a sangrar  
o dia está a sangrar.

ANTÓNIO AZZEVAS \*

---

\* António Azzevas nasceu em Malanje aos 02 de Junho de 1958. Obra Publicada:  
«Nu Clima de Mangas» (2006)



## Canção para a Minga

Esta mulher  
Retém o mar em seu olhar  
Quando quer.

Esta mulher desconhece  
Que eu adoro  
Os cozinhados que ela me oferece.

Ela simplesmente desaparece  
E sozinha

Na cozinha  
Trabalha e s'atrapalha na batalha  
De m'oferecer comida boa:

- Quiabos quentes com gimbôa  
ginguinga em artística trança  
um trago de walende  
e cacussos do Kwanza!

À noite  
Lhe ponho conversa  
Lúdica  
Mas ela reage na inversa  
E púdica  
Rejeita nudez somente de nós os dois  
E se refugia nas dobras dos lençóis.

Acordo com o canto do galo  
 Vou saindo pró salo  
 Jejum d'amor não feito  
 E raiva  
 De a deixar assim no leito.  
 Isto não é vida  
 E vai acabar em briga...

Mas, os meus poemas, Minga?  
 Os meus temas d'amor e desespero?  
 Caramba fala deles  
 Me critica  
 Me xinga se é coisa reles.

Ah...  
 Esta mulher  
 Retém o mar no olhar  
 Quando quer.

## Mila

dá-me os cheiros  
 mais íntimos  
 que teu corpo oferece

dá-me a leveza  
 mais urgente  
 que acalenta os sonhos  
 tua alma



dá-me este recanto      sol  
mais quente  
                 brota do teu sorrir  
                                 tons maduros      mangas

Dá-me o que palpita em nós  
– parece escapar –  
                 que os nossos sentidos  
cruzam num igual desmaiar

                 dar-te-ei  
a explosão colorida das nuvens  
  
estas mãos      diamantes      brilho oculto

Esperar-te-ei  
                 beijo longo que imita a mwamba  
                 rosa viçosa com as cores de Maio  
                 música quente      tambores de África  
                 este coração  
inchado da saborosas rimas.



## ARNALDO SANTOS \*

---

\* Arnaldo Moreira dos Santos nasceu em Luanda aos 14 de Março de 1935. Obras Publicadas: «Fuga» (1960), «Quinaxixi» (1965), «Tempo de Munhungo» (1968), «Poemas no Tempo» (1977), «Na Mbanza do Miranda Cesto de Katandu e Outros Contos» (1986), «Nova Memória da Terra e dos Homens» (1987), «A Casa Velha Das Margens» (1999), «Crónicas ao Sol e à Chuva» (2002), «A Boneca de Quilengues» (1992) e «As Histórias de Kuxixima» (2003).



## Poemas das redes

### I

Do polegar  
que faz o passo  
do rumo imóvel  
as redes crescem

Também de mim  
e dos meus rumos  
as redes entrelaço.

E as malhas  
nascem dos nossos dedos  
prisões de frutos  
que o mar nos nega.

### II

A lavra do mar era grande  
mas as malhas  
não tinham a largura dos seus grãos

Colhiam corpos  
que vinham à tona  
de um sonho hebo.

... Quando as mabangas  
prenderam os pés das redes

na lama do mar  
as redes d'água sentiram  
a espessura dos seus cabelos crespos.

### III

No arco de mar  
onde as redes se deitaram  
no seu luando de ondas  
túmido de cardumes

as redes não se entregaram  
dobradas  
sobre íntimas grades.

A quiijila da sereia  
apodrecera os velhos cabos de mateba  
e deixou-nos sózinhos na areia.

No peito da onda  
as redes carregavam  
nosso grito de fome  
quando se desfaziam na praia...  
- *Mauanda mabixila...!*

## Poemas ao sol

### Poema II

O sol da minha terra  
o seu tamanho  
entra em todos os olhos  
mesmo nas fundas cacimbas sem futuro  
é a única oferta

O sol da minha terra  
o seu calor  
arde em todos os peitos  
aquele fogo lento das massúfkas  
é o único alimento

O sol da minha terra  
acende em todas as coisas  
as cores do céu folhas musseque  
é a única pureza.

O sol da minha terra  
por vezes é também  
um relâmpago ao meio dia  
e queima as sombras dos homens.

O sol da minha terra!

O sol da minha terra!

## Poema da esperança

... os pássaros voarão  
e o mundo encher-se-á de suas penas.

Calados nos ouviremos  
segredando  
fazendo do horizonte uma linha longa

Tu tremerás  
receosa do infinito  
mas eu estarei junto de ti...

E será doce ou triste aquele poente...?

Porém, tu me dirás sorrindo:  
- Que importa? São tuas as linhas desta mão...

## Ilha dos Pescadores

O banco das gaivotas  
está deserto.  
É meio dia  
plasma de luz

o mar deitou as conchas  
e fez uma figura branca de sol na praia

Suspenso o céu  
olhei o azul com sal



nos olhos das crianças  
sem peixe  
e fui estender minha rede de desejos  
junto de outras malhas vazias.

Vagas sem vida  
davam-se aos olhos do pescador  
ele bebe o mar  
mas que não o tem.

Na larga praia  
de franjas de espuma  
uma quilamba louca  
retribuía acenos brancos  
que vinham nas ondas.

É meio dia  
não tenho pálpebras  
a ilha é morta  
um espanto de sol  
na areia branca.

Sombras de homens  
Ao meio dia  
Vagueiam.

## Amanhecer na Katumbela

*Ao João Maria Vilanova*

*- ao nosso reencontro (literário)*

Cuquiou o dia  
no canto de um passarinho do muxito  
Ouvi  
e sem depressa  
como quem sonha inda

Vi  
no Katumbela rio-sacarino  
minha mangonha  
canoa nas águas lentas  
a sensação de nenhum tempo  
Estar.

E olhei a planície o vale  
lugar onde o canavial é dono  
é posse  
o seu silêncio coisas homens  
numa canção de abandono

E não ouvi demais  
que o canto da madrugada  
tinha da sua voz  
o murmúrio de caxexe

Apenas e  
lentamente  
renascia em mim um novo sono

Então  
com de repente  
despertei.

## Canto a um homem que não era árvore

À memória do  
Camarada Agostinho Neto

Canto  
um Homem  
que não era árvore  
mas tinha raízes  
pela terra inteira

que não era ave  
e preenchia o espaço

que não era o fogo  
mas palpitava ledo  
em todas fogueiras

Canto  
um Homem  
que não era o vento  
mas guiava as vozes  
para o mesmo tempo

que não era a água  
mas dessedentava as ânsias

que não era a terra  
mas nutria os mitos  
do mesmo alimento.

Canto  
um Homem  
que não era o aço  
mas enrijava os músculos  
que manejavam maços

que não era o mar  
mas recolhia os rios

que não era o ar  
mas revigorava os filhos  
nos maiombes e chanas cunenes.

Canto  
um Homem  
que preenchia o espaço  
porque era ave  
que dominava o tempo  
porque era o vento  
que enrijava músculos  
porque era o aço  
que não era um mito  
porque era a terra  
que não era fogueira  
porque o próprio fogo  
e tinha raízes  
pela terra inteira

Canto  
um Homem  
que passou no Ebo  
e no Kifangondo  
que não se vergava  
tinha Bandeira

que não era árvore  
mas  
    um pau-de-imbondo.

## A lavra grande

Ainda  
não é esta a lavra  
que as espigas  
são leves  
    hastes de capim  
e as sementes  
os musungu-ua-ndongo as colhem.

Ainda  
não é esta a lavra  
que os atalhos  
estão juncados de minas  
e os corvos  
grasnam sobre os ramos.

Ainda  
não é esta a lavra.

As montanhas  
não se baixam  
e os rios  
seguem suas confluências.

E a lavra grande  
no tamanho  
da nossa fome de viver  
espera-nos inda  
na lonjura infinda  
que vamos rasgando  
passo a passo  
no gume dos hinos  
na ponta do aço.

Então  
mais ninguém  
nos negará os seus frutos.

## As acácias em outubro

Já reparaste  
que as acácias siras  
na desfolha  
são metálicas?

As vagens  
são de cobre dourado  
e fixam-se aos troncos  
com grampos do tamanho  
das sementes.

São elas  
que vemos depois  
estéreis no asfalto.

Talvez  
um dia  
também te fale  
do alarido entre as vagens  
ao cio do vento  
que as viola.

## Desterro do ambaquista

Escrevo de nenhures  
só  
de meu coração  
oiço as batidas.

É esse  
o meu único chão  
o pó  
em que existo  
e preces e sonhos  
tenho erguidas.

É esta  
a Ambaca antiga  
que carrego em mim  
nas palavras

e vidas  
com que os espíritos  
a lembrança lhe mitigam.

É este  
o meu solo  
materno pátrio  
no qual busco a cidade  
e me consolo.

## As Belas de Sangadombe

Debaixo do muriangombe  
vejo meus sonhos morrendo  
minhas penas vou sofrendo  
me tratam só de mucombe

Ai!  
Me tratam só de mucombe  
as belas de Sangadombe

Sou pássaro quilombelombe  
lhes vi de pamba e milongo  
nas feiras de Songo e Ndongo  
estavam nuas no rilombe

Ai!  
Estavam nuas no rilombe  
as belas de Sangadombe



Eram filhas de mundombe  
 cantavam mansos mucumbis  
 hoje são só aves do sundo  
 viraram mundele-ua-ndombe

Ai!  
 Viraram mundele-ua-ndombe  
 as belas de Sangadombe

“Maria Claudina”\* e gengibre  
 falam cafeife, - “*Gostamos...!*”  
 e nas gaioles de ritombe  
 dançam só kânda-ria-ngombe

Ai!  
 Dançam só kânda-ria-ngombe  
 as belas de Sangadombe

Gingam seus corpos de sanga  
 e minha sede não se esconde  
 trazem panos e fazem banga  
 caminham nos modos mussónde

Ai!  
 Caminham nos modos mussónde  
 as belas de Sangadombe

Vão no Casuno e Quibando  
 desprezam os sonhos e a Lemba  
 seus meneios de ricombe  
 vão-lhes marcando na semba

Ai!

Desprezam os sonhos e a Lemba  
as belas de Sangadombe

Meus jingondos não lhes vêm  
“*Cacos de vidro...!*, - me falam  
e reviram os olhos, malembe  
etu ngo kiéle-kia-mûndu...

Ai!

Viraram só mulheres-do-mundo  
as belas de Sangadombe

Minhas flores kafula-kombe  
vão com as águas da maré  
lhes atiram dos penicos  
nas pontes da Nazaré\*

Ai!

Não aceitam kafula-kombe  
as belas de Sangadombe

Seus lábios, doces dendéns  
amarguram a minha dor  
e me castigam com desdéns  
são minhas penas d'amor

Ai!

Me castigam com desdéns  
as belas de Sangadombe

M'insultaram de quingongo  
vassoureiro de muxima  
minha doença é do peito  
sou um mendigo da estima

Ai!  
M'insultaram de quingongo

\*Nos meados do séc. XIX em Loanda, os penicos eram despejados na baía, nas horas mortas, e para isso se fizeram pequenas pontes que entravam pelo mar adentro.

\* - “Maria Claudina” – vinho do Porto, muito apreciado na época.



## ARLINDO BARBEITOS \*

---

\*Arlindo Barbeitos nasceu em Catete aos 24 de Dezembro de 1940. Obras Publicadas: «Fiapos de Sonho» (1992), «Angola Angolê Angolema» (1976), «Nzaji» (1979) e «Sociedade, Estado: Sociedade Civil, Cidadão e Identidade em Angola» (2007).





[as imagens de todos os dias  
gira gira meu irmão  
em terra de luar e desencanto

quem dança mora com os deuses  
diz o poeta distante

em terra de luar e desencanto  
gira gira meu irmão

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

traços de nuvem  
em asa de pássaro vermelho

voando

mariposas do ocaso  
em teus lábios azuis

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

eu te magoei sem ver que era  
a mim que eu magoava

amada  
minha amada  
do teu jardim das delícias  
eu roubei para ti  
este buquê de sonhos



## AKIZ NETO\*

---

Akiz Neto nasceu em Luanda aos 07 de Agosto de 1959. Obras Publicadas: «No Crivo do Meu Sonho» (1988), «Na Trajectória da Serpente» (1995), «Cócegas e Despertar» (1996), «Horoscópio da Fragmentação» (1997), «Borboletas da Paz» (1999), «Raízes do Crivo» (1988), «Tangas de Pele» (1995), «Cânticos Isolados» (1997) e «A Construção Figurativa do Gesto» (2007).



## No Umbigo da Palavra

No sémen cristalino da palavra  
 nostalgia  
 umbigos semeiam  
 e a rapariga  
 rompe o soutien yò mbelo

Algemaram a noite de cetim d'amor  
 sensação menstruada no ovo do corpo  
 kisanji  
 luzes cristalinas  
 e as mulheres de trotinetes  
 no umbigo da palavra. dançam

kynguilas, zungueiras, mulheres outras  
 não usam bikini d'ouro  
 têm pistolas no lugar de Fátima  
 quando os olhos e os seios  
 trepam ledas as águas  
 dos rios límpidos da minha alma  
 no umbigo da palavra

## Topografia da Metáfora

Negra mãe África  
 cozes as luzes na palavra de barro  
 quando as cores se fundem  
 arco-irisadas no âmago da palavra

ventre coceguento da manhã teus olhos  
 ainda que românticos  
 lambem o recife da luz  
 entre as estrelas do peito teu leito  
 fogo d'alvura paixão

tatuagem decente do des pudor  
 tela em fogo de kiskamp  
 beija a mão do umbigo f(i)el da palavra

amar. É sentir frio como sol ardente  
 na topografia congestionada da alma  
 é sentir leões moles no mamilo da noite  
 lendo os almanaques sensuais do coração  
 por quem alicerces timbranos  
 espumas da marimba digitada. À noite  
 esquerda dos suspiros espirituales da vida

## Fotopoema Da Alma

Ouçõ  
 zumbidos no fôlego do mar  
 que passá6  
 ainda que efémera tissagem de amor

10fralda doce e quente sinfonia  
 no sul escravo da kituta  
 quando cosso o assobio ritual  
 das sensações psíquicas  
 em ca7s 10nutridos do cosmo

Poesia 100pre

o gemido melodioso da nu10 do sol  
são fronteiras airosas de perfumes de mulheres  
no suspiro per100til da Tundavala

Hei-de re10cobrir as ânsias

10calçar em cada mim outra br11ada



## BETO VAN-DÚNEM\*

---

\* Carlos Alberto Van-Dúnem nasceu em Luanda aos 28 de Julho de 1935. Obra Publicada: «22 poemas para o 29 de Março» (2000).





## Aquela Negra

Aquela negra esbelta e escarnejada  
Que me surgiu nas trevas da fantasia  
Com olhar excelso d'escrava adormecida  
Causou em mim clara e pura alegria

Seus olhos radiando turbacão  
Vincavam no rosto tristeza e dor  
Pela constante sofreguidão  
Causada por olhares cortantes de rancor

E com encanto e estranha melancolia  
Deixando-me no olhar doce candura  
Como a noite, nas trevas se sumia  
Levando nos pomos a ventura

Quem és, donzela que encantas?  
Quem és, jovem negra que matas?  
Quem em minha alma deixaste noite escura  
Provocando-me a insânia e a tortura

## Súplica

Ah! Se tu soubesses  
Quão grande e espinhosa é minha dor  
Talvez pronta te resolvesse  
A quebrar as grimas e rancores  
Que perturbam e ofuscam nosso amor

Se acaso vês em mim alguma falta  
Que de todo contrariam teu pensar  
Suplico prostrado junto a ti  
Que impeças de mim essa tendência  
Que por certo distrai meu forte amor

Se sem ti,  
Para mim o tudo é nada,  
Como o nada, contigo,  
Para mim é tudo

Vem quebrar com teu poder  
De mim tão grande mágoa  
Para que eu siga a ti de coração  
Sendo feito em tudo o teu querer

## Cantiga da Mulata

Lencinho à cabeça  
Lá vai a mulata  
Luxenta e com pressa  
Ao negro maltrata

Faceira e amorosa  
Ao branco se abraça  
E sempre vaidosa  
Ao negro escorraça

Esperando o casório  
Ao negro escarnece  
E com riso ilusório

A mãe ela esquece

Mas...

O branco enriquece  
E deixa a mulata  
Que sofre e padece  
Perdida e sem prata

Depois d'enganada  
Procura a mãe que padece  
Com olhar resignada  
O neto que cresce

A mulata chorosa  
Lamenta a desgraça  
Mas sempre vaidosa  
Sorri a quem passa

Lá vai a mulata...  
Agora,  
Modesta e sem pressa

Subindo o musseque  
Ao negro se abraça  
Olhando em desdém  
O branco que passa

## Tristeza

Quando um dia  
Despertares  
Dessa infausta letargia  
E compreenderes  
A febre da ambição que me consome...

Quando entenderes

A expressão triste do meu olhar  
Amargurado  
Fitando o espaço  
Numa ansiedade interminável

Quando souberes

Porque contemplo assombrado  
O mar,  
E invejo as aves que esvoaçam  
Livrementemente pelo ar...

Ah ... Então, Sim,

Nesse dia  
Farto e desejado  
Sentirás o coração palpitar  
A maldição  
De um ser aviltado  
Que clama protecção

## Esperança

A lua assoma entre as nuvens  
Em rodopio com o contraste dos ventos  
Raios de luz desfilam pelos matagais  
Abafando prantos de ansiedade

E nas sanzalas solitárias  
Quebram-se as trevas da noite  
E renasce a esperança do amanhã

## Despertar

Não digas nada  
Mesmo que eu pergunte  
Quem és!

Não digas nada...

Mesmo que os trovões rebentem  
Sobre a nossa cabeça  
Protestando contra o vazio  
Que nos rodeia

Não digas nada...

Fecha os olhos e sorri  
Quando os clarões rasgarem os céus  
Para iluminarem o romper d'aurora

## Desilusão

Voar, criar  
Causar inveja  
Sentir vontade, odiar  
Sem que me vejam  
Perder o medo e encorajar  
Quem quer que seja  
E chorar, chorar  
Oh!... Que tristeza

## Desolação

Caminhando desolado  
Sigo a luz do luar  
Iluminando cubatas pobres  
Entre os morros de desespero

Caminhando Silente  
Procuro a razão  
De protestos agonizantes  
De pássaros esvoaçando em liberdade

Caminhando na solidão  
Do vazio que me rodeia  
Procuro o pensamento perdido  
Entre os mortos das cubatas pobres

CARLA QUEIROZ\*

---

\* Carla Queiroz nasceu no Kwanza-Sul em 1968. Obra Publicada: «Os Botões Pequenos Sonham com o Mel» (2001).

## Beijos da Flor

Beije

Os lábios da flor

Onde encontrei a apologia da vida ultrajada  
e por isso enfermiça

Enunciei

O pretexto dos meus temores

Temidos e gemidos

Anunciando o retorno ao mato

e a condição de minhocas carcomidas pelo mijo

## Extremo

o extremo

da generosidade

e da arrogância

faz

com que

cada

um

seja

benditamente

mais estúpido

do que

o

outro



seja,  
um,  
cada  
um,  
benditamente,  
mais  
tonto  
que  
o outro

## Declaração

Nasci  
No ventre desencantado da serpente  
No leito guarnecido das sementes

Cresci  
Nos trapos sujos do desespero da rocha  
Encaracolado e desfeita pelo projecto do cão

Multipliquei-me  
Na corrente do desequilíbrio cívico dos sinistrados  
Como uma espécie de insecto que pernoita no zumbido  
da argola e do conto

Morri  
Sem uma bela insígnia distinguindo minhas intimidades  
Sem uma coroa bonita ao redor do meu sonho



## CARLOS FERREIRA\*

---

\* Carlos Sérgio Monteiro Ferreira (Cassé) nasceu em Luanda aos 28 de Fevereiro de 1960. Obras Publicadas: «Projecto Comum» (1982), «Projecto Comum II» (1983), «O Homem dos 4 Andamentos» (1985), «Sabor a Sal – Crónicas» (1986), «Começar de Novo» (1988), «Voz à Solta» (1991), «Marginal» (1994), «Namoro o Mar» (1996), «Ressaca» (2000), «Angústia do Fim» (2001) e «Quase Exílio» (2003).



## Poema cinco

Busco um sítio.  
Sinto-me.

Gela-me o sangue  
tanta indiferença.  
Está partido o banco da felicidade

## Poema dez

Bêbado  
desloco meus dedos fugazes  
num piano à solta.  
A sala  
cheia  
com teu nome.

## Poema vinte e sete

Vestido de silêncio  
os olhos a gritarem pontes da Xicala  
nas ancas doces da mulata.  
Um violão do Maiúca  
numa canção do Pedro.  
À parte isso  
preservativos de todas as cores  
para todos os sabores

lágrimas de todos os ventos  
consumo ao estilo europeu.  
E o olhar da velha quitandeira  
com muxoxos de espanto.

## Poema setenta e seis

Hoje  
acordado,  
às tantas da madrugada  
vi-te chegar.  
Eram lentos teus passos  
mas segredavas-me como sempre  
tua calma  
teu sorriso bonito  
teu olhar sereno  
(às vezes de um brilho triste).

Pouco depois  
contornada a estante  
explicavas-me então  
toda a imensa verdade da doçura  
perdida  
esquecida  
esganada  
no justo momento do adeus.

Tenho comigo  
a lupa  
a fotografia em versalhes  
os livros do carlos de oliveira

os discos proibidos  
 (mandados pelo eniuka de paris)  
 as cartas do joão purgante  
 o busto de tolstói  
 a prova quádrupla do rotary.

Mas não tenho mais  
 o teu rosto tranquilo  
 a infinita compreensão do mundo  
 os passeios à ilha  
 (com a mãe mais a manuela)  
 as histórias do socorro vermelho  
 as cartas da maria lamas  
 a canção do roberto  
 só eu mais a solidão.

Tu em mim  
 eu sem ti  
 só eu mais a solidão.

## **Eu fico...**

Eu fico com os meus poemas as minhas canções a guitarra que nunca  
 toquei os meus cantores escritores pintores sonhadores filósofos.

Eu fico com os meus pesadelos a minha infância os meus discos as  
 minhas alegrias mortas em nome do vazio.

Eu fico entre mim e essa vaidade onde escondes o falso pudor de  
 uma entrega nunca total.

Onde soletras mesmo em momentos de cumplicidade exactamente como quem decorou a lição e a repete com exaustão até ao féretro que té há-de receber.

Tu como deusa como vénus abrindo-te à eternidade.  
E eu fico.

## Derrote

Há um tempo retocava teu rosto eras fúria de viver página aberta  
orelha de mar à alegria e à fraternidade

Hoje procuro tua face empedernida um vago clarão como se pensasses  
podia ter sido mas já não é

E eu sigo uma cantata a solo calado assistindo silêncio deserto  
lágrima e tu

E tu peça do jogo xeque-mate rasgando os meus sonhos os meus  
gritos o meu desejo

ficou quando perdi a chegada na estação antiga onde és estrela  
eu me apago  
esperando o trem da partida



## Os Heróis dos meus 15 anos

Os heróis dos meus quinze anos meteram-se a caminho  
 Sem saber o destino  
 puseram-nos uma bandeira à frente  
 Cantem: disseram  
 Depois, foram-se embora aos poucos  
 sem nos ensinarem a dúvida o pouco amor a eterna e necessária  
 desconfiança  
 Os heróis dos meus quinze anos encolhem os ombros  
 sorriem  
 e deixam-nos o nada para a caminhada  
 antes assustados  
 agora exilados  
 em regime interior  
 Torcida a ternura  
 suicidado o desejo  
 E não tenho nunca mais heróis dos meus quinze anos nem de  
 outra qualquer idade  
 (os heróis atravessaram a linha ténue  
 e mostraram-se apenas uma geração de pouca coisa)

## Estrangeiro

Não me despedi de ti não ouviste a porta quando fechei de mansinho  
 os sonhos esquecidos na mesa da sala de estar.

Ronronavas suavemente o frio apertava o bom dia esmorecia quando  
 o gelo da rua tomou conta dos ossos as lágrimas caíam secas já tinha  
 chorado tanto agora só tinha a estrada sem destino.

Retorno então à base em definitivo a história da literatura fica para outra vez e sete quase exílio é pretexto para mais um pouco de solidão.

Os anos passam e tu cada vez mais longe cumprindo a meta que traçaste sem uma vírgula sem uma dúvida o mundo a teus pés como Kane e a fúria é ajeitada na medida dos próximos passos.

## CARLOS PIMENTEL\*

\* Carlos Pimentel nasceu no Namibe a 24 de Setembro de 1944. Obras publicadas: «Pano Barato» (1989) e «Tijolo a Tijolo» (1981), Menção Honrosa do Prémio NOMA - 1982.

---



## Sementes

Lutânios

Para que viva  
da semente  
de cada morte oferecida

Que somos nós  
e os outros  
falados  
e  
ignorados  
A canção colectiva  
da vida

## Pioneiro vencedor

Doido me chamaram

sem loucura  
sou criança

nas trincheiras  
na fome  
tornando homem

no combate  
ensinado

Doido me chamaram

sem loucura  
aprendi  
cortando o espaço  
  
ganhei  
morrendo no tempo  
  
e sobrevivo  
  
nas trincheiras  
africano  
  
pioneiro  
sempre pioneiro vencedor

## Salfabetizando

Sentados no chão  
rabiscando no pó  
um grupo escutando  
  
sentados no chão  
um grupo escutando  
rabiscando  
com o dedo  
com um pau  
  
sem papel e sem lápis  
  
um grupo  
  
salfabetizando

CECÍLIA NDANHAKUKUA\*

---

\* Cecília Ndanhakukua nasceu no Ondjiva aos 9 de Janeiro de 1975. Obra Publicada: «Insónias Líricas» (2002).





## Amor de Mãe

Rebentava os lábios  
Estendia na expectativa  
Ser mãe

Quando chegaste  
Sorrindo do novo habitat  
Eu chorava sentindo antes  
A dor que te esperava

Mas hoje, filho  
Eu sinto a tua falta  
Nesta distância nos engendra  
Porquanto vivo em busca do pão  
Para te alimentar no amanhã vindouro

Não chores que o amanhã será teu  
Não, não chores filho

## Desejo de Amar

Olhai para mim  
Cansada  
Vivo em busca de um amor  
Algures na cidade  
No mato  
No bairro de lata  
Vivo, enfim, em busca deste amor

Vivo assim  
Perdido de mim  
Mas lembrado do amor  
Que vivo em busca

Quando este amor  
Um dia chegar  
Cantarei a dor  
Quanto vivi  
Quanto sem ardo  
Navegue e cantando dores de mim

## Solidão

Minhas mãos rugosas  
Dormindo as insónias  
Da tua ausência  
Descrevem o Inverno  
Catalisando o tempo  
Na esperança do teu regresso

Este dia  
Será mais um  
E amanhã o outro

Todos são dias de solidão

## Reconciliação

Veio de dia  
E na noite saiu

## Destino

Ao amanhecer ouvem-se  
As sabedorias da alvorada  
Cantando as aventuras  
Da noite anterior

Ao anoitecer  
Ouve-se o sucumbir do tempo  
Chilreando  
Vozes friorentas



## CHÓ DO GURI\*

---

\* Maria de Fátima (Chó do Guri) nasceu no Kwanza-Sul aos 24 de Janeiro de 1959. Obras Publicadas: «Vivências» (1996), «Bairro Operário» (1998) «Morfeu» (2000) e «Chiquito da Camuxiba - Prémio Literário Palop - Instituto Marquês do Vall e Flôr» (2006)



## Ó poesia!

Ó poesia,  
A aura do teu sorriso  
Tira o queixume do mundo  
Quando se abre imaculado  
Pr'o parto plúmeo das palavras

Deusa das belezas ocultas  
No mundo floresces  
Dás força à vida

Deixa-me só(mente)sorver  
O fluído das palavras luzidias  
Aspergi-las como água benta  
Para irmandade entre os homens  
Ó poesia!

## Inocência

Já venerei dias de miséria  
nos ponteiros trilhados  
de um relógio sem tempo  
onde cresce o meu tormento

o mesmo flash se repete  
com miúdos sem nome  
a abraçar desgraças

nas ruas...  
andam aos milhares

soltando as malícias do ventre  
as vozes de fome

no e mesmo instante  
em cada flash  
brilham as barrigas  
destes miúdos que esperam  
(sem tempo) a abraçar desgraças  
contrastam com as barrigas eminentes  
da gente que passa e  
se escapa a escarrar luxúria  
regresso odiosamente à minha infância  
com impulsos incontrolados do coração  
onde se encontra a muda revolta da minha aflição

vejo-me  
revejo-me  
nestes retratos na rua  
onde o flash se repete em cada esquina  
como um pedaço de mim  
escondendo-me dos bocejos da noite  
mas essa graça da inocência...eu já perdi.



## Batam palmas

Batam palmas  
Sou indigente vagabundo  
Quero brindar-vos com verdades d'alma  
Expulsar as serpentes que me atormentam

Reunir-me com os dementes  
Pulular nas lixeiras da mente  
Declamar poemas  
Com palavras minhas

Ainda que ridicularizadas  
Não quero que as abortem  
São minhas e as defendo  
Confesso

Batam palmas!  
Batam palmas por favor

Vou declamar  
Apalpar-vos a alma  
Ver-vos no meu microfilme  
A exorcizar a vossa poesia  
Que sairá aos soluços

Batam palmas!  
Batam palmas ...palmas

Preciso e quero arrotar  
Toda a poesia vadia  
Impregnada de todo o meu eu

Batam palmas! Batam palmas! Batam

## Pedinte

Não uso paletó  
Nem gravata  
Não aperto as fivelas dos sapatos  
(não os uso!)  
Não ando na calçada  
Corro no areal  
Clamo por Témis (1)  
Tropeço no passo descompassado de Atamom (2)

Não como cavitar  
Nem bebo champanhe

Não uso toalha de bordado inglês  
(não a tenho!)  
sou pedinte  
estou faminto

Mas danço semba  
Sapateio samba  
Monologo jazz  
Com música do coração

as cambalhotas  
Vagueio na noite  
Estatelo-me no chão  
Como reflexo de uma felicidade desconsuêda  
de um soldado desconhecido

## Vida dura/dura vida

Apanha pedra

Carrega pedra

Parte pedra

Monta pedra

Salta pedra

Apanha pedra

pedra, sobe, sobe

Rola vida

pedra, sobe bem

sobe

sobe

sobe pedra

sem parar

sobe p'ra

nunca mais arrear

quem não sobe como pedra

que aqui ponho

Pode simplesmente tombar

Sobe

pedra, sobe, sobe

Sobe

pedra, sobe bem

Sobe

pedra lentamente

o teu

destino é subir

Sobe pedra, sobe, sobe

em tua vida está também uma vida

a trazer-te em duras mãos

pedra, dura pedra

Sobe

Sobe,  
sobe, sobe pedra  
Sobe  
pedra  
Sobe bem  
liberta-me  
do peso da vida  
este  
grande sofrimento

Sobe, sobe, sobe pedra  
sob o meu duro olhar  
sobe, sobe, sobe bem  
ao teu lado ninguém me pode parar  
dura  
Nem tão pouco arrancar  
a subir a

a vida  
que agiliza  
subida  
dura da vida

## Continuam a xinguilar

Zumbam! zumbam,  
zumbam que zumbam as varejeiras  
Acercam-se do meu peito  
com xinguilamentos  
danças de kissanjes  
gritos de calundús  
a exorcisar o meu corpo  
ainda agarrado a vida ancestral

Aiwé Ngana Zambi!

Já falei fiote, kikongo  
kimbundu, umbundu  
ngangela, kwahama  
para me libertar deste pleito

...mas

continuam a xinguilar!  
Continuam a xinguilar!

...vejam só!



## CONCEIÇÃO CRISTÓVÃO\*

---

\* Conceição Luís Cristóvão nasceu em Malanje aos 4 de Junho de 1962. Obras Publicadas: «A Voz dos Passos Silenciosos» (1990), «Amores Elípticos» (1996), «Idade Digital do Verso» (2002), «Pela Porta da Palavra» (2003) e «Solsalseiosexo» (2006).





## Perigosas Núpcias

toma-se o gosto  
às palavras  
nas cordas. secas.  
em força.

pedras  
sensualizam  
na cópula:

terra  
    luz  
        simultânea  
                    mente.

( ó bocas senis em madrugadas virgens! )

... que alegria  
        gradativa  
                    mente  
                        louca

... ao ver-te passar.

coisas deste além-erotismo  
nos beijos  
lâminas de fogo.

( ó sémen estrito do inferno! )

## Idade da Pedra

( há um discurso de facas nas fronteiras lívidas do rosto.  
a madrugada morre de leucemia. e ainda as florestas  
não revelam as crateras abertas.  
línguas de fogo economizam tristezas. deslizam águas  
na luz da pedra.  
óh!, vidas de pedra. náuseas de pedra. na dura frágil  
idade da pedra. )

## Ritos

a cobra descobre  
se  
ao deslocar  
se  
deixa rasto.

a cabra cobra  
se  
no órbita  
há choro de mutudi.

... rasgar a noite negra?  
se  
e só se no pó  
se lê:

- o riso da morte  
é único.  
e redondo.  
como um ponto final.

## Imagem Vadia

segue-se o percurso  
sinusoidoce  
dos braços dúcteis do jazz:

voz sólida mente suave.

marimba pão rosto  
e o ritmo gritante  
na garganta do vento:

pó voz uivo liso.

... mal vê o espelho  
rasga pelo sexo  
a dor me(re)cida  
imagem vadia

## Metalinguar a Palavra

poemar é amar o Homem. amar a palavra.  
poemar é humanizar o verbo  
naqueles dias compridos

em que se recolhem versos  
um a um: frutos silvestres. maduros.  
a cobrir a urgência da poesia.

poemar é amar poesia mar e ar.  
processo caridoso de perfume tranquilo  
a inundar testículos de (pro)criação dúbia.

à metamorfose que ora registo  
falta a voz mítica do oráculo  
falta o rito da iniciação africana

*muanda* é, assim, o à vontade com que o poeta  
desmistifica o rigor prepucial da gramática  
e metalíngua o (des)encanto infinito da palavra.

## Respiração das Folhas

sussurro a respiração das folhas  
com ansiedade asmática.  
colho litorais de *mabangas*  
espreito o interior das *jingengas*  
em manhãs de orvalho.

há sempre olhos à espreita.  
há sempre olhos à beira do tempo  
plantados. quais outeiros de sons  
e palavras medulares.  
cantando a respiração das folhas.

## Construtores de Utopias

oh!  
prematura instábil  
idade do hino

onde vive a alma e o imo.  
e o odor total do universo  
miúdo.

há aqui coisas raras  
a fingir a respiração hábil  
do atleta correndo rumo ao infinito.

há aqui palácios grávidos de olhos  
kilométricos. o resto: - corpos opacos  
e velhas veias sazonais.

resta o esqueleto de espuma  
e o signo restritivo  
dos construtores de utopias.

atenção! há aqui marcas de ígneas vozes  
na torturada consciência do átomo.

## Geografia Erótica

margens das veias. na geografia de tua pele  
única. silenciam suaves curvas de teu corpo.  
em sensuais transparências. ondas de volúpia  
fogos líquidos deuses caos e luminosos silêncios  
escoam na tessitura de opacas línguas. da fala  
uma espécie de lúmen em memória à ideia  
milénar: do fogo da terra da água do ar. ... em fusão

## Sol e Pálpebras

ao sol da minha rua atribuo o poder de ter raios.  
de ser humilde como as gentes do meu bairro.  
quando olho para o peso da sombra, sobre meus ombros  
repousam som e pensamento nascem pálpebras em cada esquina  
das palavras sinal quase divino deste tempo de ócio e sensoria  
e desde produzir incessante de sons. sonhos palavras e pálpebras.

## O Fundo da Palavra

palavra:  
fértil lavra  
onde virgens  
e prostitutas  
todas em vibrações  
sensitivas. incessantes.  
(re)desenham ao sol e em verso  
a história do sexo e do universo.

## COSTA ANDRADE\*

---

\* Fernando da Costa Andrade nasceu no Huambo aos 12 de Abril de 1936. Obras Publicadas: «Terra de Acácias Rubras» (1961), «Tempo Angolano em Italia» (1963); «Um Ramo de Miosótis» (1970), «Requiem Para um Homem» (1972); «Armas Com Poesia e Uma Certeza» (1973), «Poesia Com Armas» (1975), «O Regresso e o Canto» (1975), «O Caderno dos Heróis» (1977), «No Velho Ninguém Toca» (1978), «O País de Bissalanka» (1980), «Histórias de Contratados» (1980), «Literatura Angolana (Opiniões)» (1980); «O Cunene Corre Para o Sul» (1981), «Ontem e Depois» (1985), «Falo de Amor por Amar» (1985), «Lenha Seca (1989), «Os Sentidos de Pedra» (1989), «Lwini» (1991), «Luanda» (1997); «Terra Gretada» (2000); «Adobes de Memória (2 Volumes)» (2002); «A Profecia» (2003); «Ascendências» (2005); «Antúrios de Naufrago» (2005) e «Com Verso Comigo» (2005).





## Poema quarto de um canto de acusação

Há sobre a terra 50 000 mortos que ninguém chorou  
sobre a terra  
insepultos  
50 000 mortos

que ninguém chorou.

Mil Guernicas e a palavra dos pincéis de Orozco e de Siqueiros  
do tamanho do mar este silêncio  
espalhado sobre a terra

como se chuvas chovessem sangue  
como se os cabelos rudes fossem capim de muitos  
metros  
como se as bocas condenassem  
no preciso instante das suas 50 000 mortes  
todos os vivos da terra.

Há sobre a terra 50 000 mortos  
que ninguém chorou

ninguém...

As Mães de Angola  
caíram com seus filhos.

## Realização

Não desfrises os cabelos  
não pintes os lábios  
dança o makopo  
    passos de semba  
        escuta o ngoma  
            requebro kaviula.

Olhem espantados a tua gargalhada  
                    natural e limpa  
admirem a tua beleza natural e limpa

tua beleza gritando a noite que desperta

levanta-te e caminha    altiva  
igual à igualdade livre dos povos

e canta  
canta no coro das vozes roucas caladas séculos

Não concedas ao mito  
                    ao modelo  
                    ao exótico.

Importa apenas a mensagem  
    que espelhas no olhar  
    cumprí-la e projectá-la  
    despertar inexploradas energias.

... e ao entardecer futuro  
um breve gesto de amor  
    na linguagem realizada  
    dos teus dedos – àfrica

## Terceira gota

Oh meu país de areias brancas,  
meu país de mar  
meu país de povo  
eu quero ser espuma  
menino de sonho alado  
na roda das casuarinas

meu país de nuvens brancas no azul  
meu país de sol  
meu país de povo  
eu quero ser de pedra  
firme no gesto aberto  
da conquista de horizontes

meu país tão novo  
areias novas na praia  
nuvem clara no azul  
meu país de povo  
algodoais que sangravam  
povo antigo e sempre novo

menino a vogar que sou  
vida que à vida se dá  
só não consigo entender  
porquê que só as areias  
porquê que só as nuvens  
porquê que os algodoais  
sendo brancos são tão nossos?

Porquê, oh meu país,  
que um qualquer lugar comum  
recusa ao meu irmão  
filho da minha mãe  
que seja do meu país  
a sua brancura pequena?

## Amor entre ferrolhos

Amor de lágrimas florido na cruel distância  
amor do grito sufocado na garganta estraçalhada  
amor do abraço que prolonga a pausa de morrer

Quem tão terrível inventou o mel de amor  
para entremeá-lo de escarpas de salitre  
E cravá-lo de punhais de afastamento?

Quem tão horrendo e tão arrefecido  
fez do calor de um beijo a despedida  
adeus que roça a morte do luar?

Oh!, amor saudade silêncio a voz chorada  
caleidoscópico de muralhas fantasia  
pudesse reduzir o céu a uma gota!

Ferrolhos de tanto amor amado!

## O Velho Sangamuamua

O Velho Sangamuamua conta histórias  
que cobrem a paisagem de impotências

(Foram os anos de prisão  
palmatoadas nas mãos  
chicotadas na cara.)

Quando o velho Sangamuamua vai ao jango  
há olhos nos mucuios e nas pedras  
foge a planície aberta até aos rios  
de medo a porta que se encosta  
e chora com o vento do silêncio.  
Sangamuamua fala das gentes  
com nomes desconhecidos passeando a morte  
de bailundos inocentes.

E há mães que ensinam os filhos a ter medo  
e se apagam esquecidas de si mesmas  
lenha ardente incapaz de recusar-se ao suicídio.

Mas este ano é o ano de Fevereiro  
... e ninguém escuta mais o velho Sangamuamua.

## 10. Um dendém maduro

Um dendém maduro  
com cana doce  
é bom  
muitos não comem  
porque não têm cana-de-açúcar

Passam à frente da luz  
não olham  
porque nem todos sabem sentir o perfume

Eu gosto por exemplo  
perguntar aos mais velhos  
como era noutro tempo

Mas o que eu mesmo gosto mais  
é passar as mãos no teu cabelo  
quando a nossa boca é só uma

## Poema 20

Um bago de arroz me basta  
  
para cumprir ou cumprir-me  
divido os restos da fome  
com a fome deste povo

Cumpro um dever ou sou louco?  
Sou doutro povo ou razão?  
Aqui morro ou direi tudo?  
Sou fronteira da verdade

Se um trevo nascer da rocha  
uma folha serei  
se a flor descer à cidade  
eu serei do seu perfume

Deste povo que agoniza  
 resta o meu grito cercado  
 rompo as malhas do mundo  
 fico ao lado do homem.

## Cabinda

Todos nascemos em Cabinda  
 Todos quantos aprendemos  
 A levantar o peito e a seguir o fogo  
 Aceso nas bases das montanhas

Aprendemos a decorar as árvores do  
 Caminho do regresso ao  
 Abrigo combinado  
 Sabemos a história dos Barões da Terra  
 Conhecemos o mar cheio das demandas  
 Que se projectam e projectam o futuro  
 Sabemos do tronco e dos seus ramos  
 Beijam nuvens escondem-nos o sol  
 Dão ao chão a luz do gigante cogumelo

Nkuluntu entre Nkuluntus  
 Pedaco de Pátria da Pátria inseparável  
 Gravado com sangue e almas que flutuam  
 Como se fora o elmo  
 No peito dum país  
 Puna o primeiro  
 Acolheu tipóias fez tratados  
 Ndózi veio doutra margem

Spencer foi tombar no Leste  
Pédalé tornou-se Huambo  
Gika levou Benguela à trincheira do Maiombe

Mão cheia de troncos  
Uma só floresta  
Plural de homens singulares

## Tardio despertar

Fonte de concha de acácia  
Veio de sonho de antanho  
Em busca de outro tamanho  
Para a verdade do homem  
Era então a sede larga  
De uma garganta comum  
De um povo apenas um  
Jardim brotando da morte

Eis que a força e a raiz  
Do que a sorte mais teimosa  
Devolveu o sonho à terra  
Troncos e cactos cetáceos  
Bebem a água musgosa  
E o sonho morre na guerra

## Conheci-te

Conheci-te  
Longe de Moji  
Porque te espero  
não me separo de Moji  
nem pelo mar  
não deixarei Moji



nem pelo sono  
não esquecerei Moji  
nem pelo tempo  
sem ter estado em Moji  
em tempo algum

Encontro Moji  
em cada espuma  
vejo Moji  
em cada grão de areia  
porque te vejo Moji  
o tempo todo

Se o tempo o sonho o mar  
te confundem com Moji  
como pode o coração  
a distância e a saudade  
deixar de ver Moji  
na tua ausência?

Se te recordo nome de Moji  
Moji de pele veludo  
Moji boca de luar  
Moji do breve encontro  
Moji tão distante de Moji?

Não. Não quero mais  
já não preciso  
viajar até Moji  
conhecer Moji!

Moji és tu e o teu beijo.



## CRISTÓVÃO NETO\*

---

\* Cristóvão Luís Neto nasceu em Luanda aos 30 de Dezembro de 1954. Obras Publicadas: «Sinos d' Alma» (1994), «Pausa» (1998), «Delírium, Marcha Lenta» (2006) e «Catarse» (2006).



## Sinos d'alma – I

Eu não vivo  
vivo disperso no mar cósmico  
a minha existência é uma nuvem  
eu não vivo  
porque vivo a inconstância do ser.

Eu não vivo  
vivo o grande conflito  
entre as estrelas e os deuses  
então me esqueço  
dissipo-me nas trevas do Universo  
então me vendo ao existencialismo de Sartre  
e afogo-me no álcool da teodiceia.

Desisto:  
a vida viveu-me  
aspirando os meus parques desejos.  
Não existo:  
Dei à Vida a minha vida!

## O porvir? Eu não sei...

Que há em eu ser somente eu?  
Não são as flores apenas flores  
E as folhas, folhas de um verde exacto?  
Se assim é  
Por que cingistes em mim  
A extensão vaga de eu não ser eu mesmo?

O porvir?  
Eu não sei...  
Tu conheces os passos do vento?

Que há no caminho cego que não vejo?  
Serão as trepadeiras  
Os degraus do meu desterro no tempo?

Se assim é  
Por que fizestes de mim  
A brisa rasa depois do temporal?

O porvir?  
Eu não sei...  
Mas quem saberá?

## Pausa

Nesta noite luarenta, lenta  
de silêncio é a minha alma  
a luz que é imensa, cansa  
o silêncio é a minha alma!  
Nesta noite luarenta, lenta  
peço uma trégua: uma légua  
sem raciocínios, ígneos  
a chapinhar o silêncio d'água!

Nesta noite luarenta, lenta  
 peço uma pausa: uma causa  
 para os resquícios de poesia  
 nos interstícios da minha alma!

## A voz transcendente da voz

Sei lá  
 da voz da palmeira no palmo da voz?  
 Que são palavras? E pálidas?

A zoeira mítica  
 que sinto no búzio da minha voz  
 são galhos secos, aço e luz  
 lascas de sonho, ácido e pus!

É um alívio  
 o silvo intermitente da poesia  
 que sinto dormente no tropel da voz  
 que – minto – vem do meu outro ser  
 para ser o ser da cruz!

Igual à voz  
 só palavras no nó virtual das sombras  
 integralmente  
 eu nelas me absorvo!

E absorto  
 gozo o luar da palmeira na voz  
 integralmente  
 eu lhe tateio o silêncio resignado dos seios!

As palavras são amantes  
do meu outro ser  
para ser sempre o sinal da cruz!

## Eremita das trevas

Observo as trevas.

As ervas  
que apalpo na polpa da escuridão  
são apenas tretas da poesia  
e orvalhos de sonhos nos olhos.  
Ouço as trevas num luto  
Só e só quando me escruto!

Não sei  
se sou eu a noite  
- a noite o que é senão noite? –  
mas sei que mordo as trevas  
quando perscruto o frufu das sombras!

Sombras que me contam  
os caminhos dos seres que fui  
antes de ser um querer que era:  
um sacrifício oferecido à quimera!

Marcha na penumbra a poesia  
eu fornico as sombras do dia  
a noite é minha concubina  
- sou eu o eremita das trevas!



## E a noite está vazia

E a noite está vazia  
A cidade é um manto aberto  
A única sala do meu desdém senil!

A única sala onde vivo  
A escrever versos às trevas  
Como quem se perdeu no futuro  
Com furos nos olhos duros de vidro!

Ah, ainda tenho de aguentar  
A estupidez da capela morta  
Onde namoro uma virgem em flor:  
Já não restam lírios no rio da minha voz!

## Se da poesia nascessem...

Se da poesia nascessem  
Rios caudalosos  
E colinas verdes  
Se fosse ao menos a poesia  
Uma madrugada  
Na minha terra enublada  
Ou mandiocais  
Ou letras no cais  
Do meu desassossego  
Ou letras no colóquio  
Das sombras que me habitam...

Se poesia ontem cantei  
Hoje das minhas mãos nascem pedras  
Das minhas mãos trémulas nascem pétalas  
E não há rios caudalosos  
Nem florestas frondosas  
Apenas poesia que desconheço  
No cristal húmido dos dias...

Apenas poesia que desconheço  
Sem mandiocais  
Ou letras no cais  
Do meu sonho e cansaço!

## **Foge da foz, ó homem:**

Foge da foz, ó homem  
Vem doar-me a luz  
Vem doar-me a luz  
Resgate e selo  
O além fica em mim  
-Amém!

Não tenho jumento  
Para montar monto em mim  
Não há ramos de oliveira  
Resgate e selo  
O poente fica em mim  
- Amém!

Ó minha terra  
Hás-de gerar a exclamação  
Dos relâmpagos na noite

Porque mutilaste o selo  
 O salmo é ser-me...  
 Luz caída sem além!

Anoitece:  
 O breu enche as ruas  
 As ruas da noite escura  
 Ruas, rosas nuas, putas  
 Na gravidade de Satã  
 - Só Deus e eu sabemos o quanto dói!

## Soneto circular

Os ventos do deserto  
 Rasgaram a promessa  
 Eu calei-me incerto  
 No alvoroço que cessa.

Ah, minha Babilónia  
 Dessa angústia larvar  
 Há um caos na colónia  
 Um grito de pavor.

Ventos da Babilónia  
 A multidão de pé  
 Na fila dessa insónia.

Ah, minha Babilónia  
 Tristezas. Quem as vê?  
 Sou sombra que alumia!

## Pus flores no horto desta língua

Escuta  
O madrigal  
Na graça dos rios  
Rios. Brotam amenos. Com risos.

Escuta  
O tempo  
Nos óculos tensos das vogais  
Rios brotam. Rios. Sem risos!

Amanhã  
O riso das montanhas  
Virá mansamente adular-me  
Porque pus flores no horto desta língua!

## CURRY DUVAL\*

---

\* Curry Duvall nasceu em Luanda aos 14 de Abril de 1966. Obras Publicadas: «Obsessão» (1995), «Cristal de Mel» (1997) e «Húmus em Alvorada» (2003).



## Na Piroga do Xinguilamento I. II

I.

Crê-se na beleza profunda das coisas, menos no fel da sua opacidade. Mas na dança poeirenta das beçanganas, esta desfaz-se nos panos infravermelhos com missangas de gipepe, que adornizam a história de uma tradição. Esta, no mar africano do pescador, encantou o universo das viagens marítimas.

Na dança poeirenta do xinguilamento axiluanda, uma cultura refugia-se fundo na raiz do seu tempo e traz p'ra modernidade o sentido da própria história, que as velas marginais do além, vãmente fizeram por mortalizar.

II.

No cortejo vermelho preto e branco das beçanganas, o verbo Sábio Doce do Criador abençoa a criação do Amor. Revitaliza Ele mesmo p'la unção, a piroga do pescador, que sobre o mar sorre de leve por tanta riqueza na arena da terra.

Na dança das beçanganas – filhas do mar – o som do batuque confunde-se com os seres em transe e gritos de loucura e doçura. E na piroga da vida, o homem do mar amaldiçoa somente a escuridão da vida e faz da dança, a gargalhada ambígua da felicidade.

## In gratidão austral I.II.III

### I.

Nunca vi tamanha forma dinossaura neste imbondeiro africano, há séculos imerso na imensidão de uma tirania por todos clamada de insana/inglória colonial do apartheid.

Jamais vi vozes tão embusteiras por um espaço irmão – Angola – que há muito clamou Amor/Fraternidade e união, porquanto é a beleza espiritual as mãos da felicidade humana. Agora fel?

### II.

Mas que ventos de um espírito qualquer terão convertido os destruidores do imoral para a revolta contra este país de um ser Ngola Kiluange na cálida região austral? Oh, que exímia traição à africana.

Nunca vi irmão tamanha in gratidão nesta geografia afro-universal, onde o peito transformou-se em monstro porque terminou a esbelteza da irmandade no espaço austral desta África (do Sul) ingénua.

### III.

Jamais vi vil traição elevada às balbúrdias de um país quase antropófago, digno fiel



aos preceitos mais mundanos do demónio  
num espaço manso, ele próprio o perdão  
também.

Eis a in gratidão da fraternidade à africana.



## DÉCIO BETTENCOURT MATEUS\*

---

\* Décio Bettencourt Mateus nasceu no Menongue aos 11 de Setembro de 1967. Obras Publicadas: «A Fúria do Mar» (2004) e «Os Meus Pés Descalços» (2006).



## A Minha Casa

A minha casa  
É fácil de localizar  
É fácil de encontrar  
Basta ir sempre em frente  
Para além da linha do horizonte  
É fácil concerteza

Primeiro encontras lixo  
Lixo e pessoas em convivência  
E em harmonia,  
Lixo na parte de baixo  
E na parte de cima  
Lixo e pessoas em convivência íntima

Mais adiante  
É com o mau cheiro crescente  
Encontras uma lagoa  
E nela, crianças a banharem  
Crianças a brincarem  
Na maior, numa boa

Mais a frente  
Entras em becos estreitos  
Becos pequenos e apertaditos  
É fácil, é só teres isto em mente  
Becos e suas enxurradas  
Becos e suas águas estagnadas

Sempre em frente  
Para além da linha do horizonte  
Lá onde a água corrente

Lá onde a água potável  
Passa muito distante  
E da cor do invisível!

Sempre em frente  
Para além da linha do horizonte  
Lá onde a luz eléctrica  
Connosco brinca  
Qual nuvem passageira  
Que ora vai, ora vem zombateira!

Sempre em frente  
Para além da linha do horizonte  
Cheiro de kaporoto no ar  
Cheiro de kimbombo a vibrar  
Nossas bebidas do dia-a-dia  
Nossas bebidas nossa companhia

E no quintal da minha casa  
Há jovens a falar alto, bêbados  
Jovens cansados, frustrados e arrebetados  
São os meus kambas  
Kambas das bebedeiras e das minhas malambas  
É fácil de localizar concerteza,

Sempre em frente  
Para além do horizonte!

## O Candongueiro

(Para Glória,  
Uma desconhecida  
Que viajou comigo  
Em um dia qualquer)

*Paragem do candongueiro:*

Sol escaldante  
A fustigar gente  
Gente aborrecida  
De pé, cansada de esperar  
Gente entristecida  
Com raiva no olhar!

*Ao entrar no candongueiro:*

Correrias  
Gente aos empurrões  
Gente aos safanões  
Mãos leves puxam carteiras  
Mãos malandras nas mbundas das senhoras  
É assim todos os dias

*Dentro do candongueiro...*

Gritarias  
Barulheiras  
Gente aos desentendimentos  
E a protestar  
Gente com vincos nos rostos

E com raiva no falar!

Barulho  
Carro velho  
Sujo e desconfortante,  
Musica alta e ruidosa a incomodar  
E a perturbar gente  
Gente com raiva no escutar!

Carro abarrotado  
De gente  
Gente descontente  
A reclamar  
E mais gente a entrar  
Carro de gente empanturrado

Gente apertada  
A suar  
Gente mal cheirosa encostada  
A transpirar  
Gente misturada com mercadorias  
É assim todos os dias

*... E durante a viagem:*

Só eu, no meu canto  
Não protesto  
E até gosto  
Do desconforto da viagem,  
Um encanto  
Viajar ao teu lado jovem



(Glória, sussurraste no meu ouvido  
Em cima do muito ruído)

Só eu, aprecio as curvas apertadas  
Que o motorista faz  
Pois muito me apraz  
Sentir tuas pernas encostadas  
Às minhas  
Olhando de soslaio tuas maminhas

Só eu sinto teu calor  
Tua respiração ofegante  
E teu agradável odor  
Só eu viajo contente  
Meu corpo colado ao teu  
Teu olhar cravado no meu!

Que a viagem dure eternamente  
E que entre mais gente!

## **Casei-me com a poesia**

Fui a um jardim  
Com bonitas flores  
De agradáveis odores  
Escolher uma para mim  
Para com ela me juntar  
E amar

Escolhi uma rosa  
E com ela tive uma prosa  
Sobre meus planos de casamento

No momento,  
A rosa disse não  
E seus espinhos feriram meu coração

Mais adiante  
Escolhi um belo cravo  
E falei-lhe de amor  
Mas o cravo era altivo  
E no mesmo instante  
Sua resposta foi um dissabor

Depois  
Escolhi uma orquídea bonita  
E estando a sós os dois  
Falei-lhe de mansinho  
E com carinho  
A orquídea disse-me que era tudo fita

Com mais flores  
De agradáveis odores  
Falei de amor  
E mais amargor  
Recebi como resposta  
Para meu desgosto e desfeita

Por último  
Em um belo dia  
Procurei e encontrei a poesia,  
Falei-lhe íntimo  
A poesia não complicou  
A poesia aceitou

A poesia deu-me primazia  
Namorei e casei com a poesia  
Esqueci-me das flores  
De agradáveis odores  
Esqueci-me do jardim  
E do seu caminho outrossim

Casei-me com a poesia  
A que me deu primazia!

## Não Digas Depois

Não digas depois  
Que para ti  
E desde que parti  
A noite pariu desgraça  
E abortou esperança  
Não digas isto misturado com ais

Não penses que sem razão  
A calema invadiu teu coração  
De dor  
E dissabor,  
E que o amargor do peso  
É obra do acaso

Não digas à ninguém  
Que o vento se tornou cruel  
E a mim também  
Não digas que o mel  
Perdeu a doçura  
Que tinha em outra altura

Não digas mais tarde  
Que o rio da tua vida  
Tem um caudal amargo  
E que o verde  
Esperança do âmago  
Há muito se pôs em corrida

Não digas depois  
Que dois mais dois  
Em matemática de desolação  
É igual a escuridão  
E que a insatisfação  
Assenhorou-se da situação

Não digas nada assim  
Sobretudo a mim  
A quem teus espinhos  
Cruzaram e feriram meus caminhos  
E tu não os removeste  
Antes os retiveste

## De Novo Recomeçar

*(Quantas vezes teremos de  
recomeçar? Setenta vezes sete)*

Novamente  
E mais uma e outra vez  
De novo começar  
De novo no desejo de recomeçar  
Vencer a indecisão, a dúvida e o talvez  
E tudo de novo recomeçar pacientemente

De novo começar  
De novo e outra vez mais, tudo recomeçar  
Timidamente  
Quiçá mesmo envergonhados  
E acanhados  
Mas de novo tudo começou novamente

De novo recomeçar  
Com o raiar do sol madrugador  
De novo tudo iniciar  
Com o cantarolar do galo-despertador  
Novamente  
Tudo de novo recomeçar pacientemente.



## DOMINGOS FLORENTINO\*

---

\* Domingos Florentino nasceu no Huambo aos 19 de Julho de 1953. Obras Publicadas: «Raízes do Porvir» (1997), «À Luz Alfabetizada das Palavras» (2002) e «Vocifuka Colonhañe: O Diário da Ilha das Garças» (2006).





## Raízes do porvir

Trago a nódoa do passado  
no punho do presente  
transpondo montanhas na minha luta  
de juventude tragada  
na convulsão dos tempos  
em busca do futuro

Trago a nódoa do passado  
na serra dos dentes procuro paz  
sobre o crepitar de corpos insepultos  
na noite de tragédia  
grávida de esperança

Trago a nódoa do passado  
nas raízes do porvir  
venho de longe  
gritando meus anseios  
em cansaços semeados  
disperso no tempo

trago a nódoa do passado  
no cântico ao Futuro  
planto amor  
sobre o drama da flor violentada  
no chão do meu País.

## Sonho de amor

O meu sonho  
é uma madeixa dos teus cabelos  
sufocada ao luar de uma noite  
cansada de amor

O meu sonho  
somos nós, tu e eu  
no corcel da vida  
à procura do sol

Falo do sonho, amor  
do nosso sonho  
em que brincamos com crianças não paridas  
com esperanças sangrando desesperanças

O meu sonho  
és tu, Minda-a-Mulata  
sonhando com a vida e morrendo  
em tempo de fome farta  
e a guerra a acabar  
(ou a reatar?)

O meu sonho  
é sonho de mar  
as ondas indo e vindo  
do fim do Mundo  
as aves a voar.

## Uma planta, plantando sonhos

no canto do fim do mundo  
há uma flor  
contando histórias

à porta da minha casa  
há uma planta  
plantando sonhos

## Seio

com o braço  
de Morfeu

traço  
a curva do teu seio

e adormeço

## Ondas

há um ciclone embrulhado no teu olhar  
consumindo a cicuta de que se alimenta os teus cabelos  
os teus pés flutuam sobre um rochedo absorvendo mar

inspiro o bamboleio das tuas ancas nuas  
numa tempestade devastando a floresta  
onde jazem coros e sussurros de almas penadas



E. BONAVERNA\*

---

\* Nelson Pestana nasceu em Luanda aos 26 de Fevereiro de 1955. Obras Publicadas: «Ulcerado de Míngua Luz» (1985) e «Limites da Luz».



vens de um tempo ardendo por dentro  
 mas as tuas mãos não se cansam de florir desejos  
 quando eu te encontro tranquilamente  
 na exploração das ondas de todos os oceanos.  
 goteja

        a  
         lâmina  
 amor!

1 1 1 1 1  
 12 12 12 12 12

No gesto das hastes  
 Preso a vontade mal parida  
 Da decisão.

Havia vento, papagaios e alforrecas  
 No mar.

Só não eram os teus olhos  
 O brilho das estrelas aradas  
 Por mim tão paciente  
 Nas noites do pátio prisional

Lembrança eterna do terreiro do mato  
 Próximo do ngoma e das vozes nocturnas  
 Da minha sanzala.

Voltava assim,  
 Lento caminhar, no gesto das hastes,  
 A percorrer o fio da lâmina.

digo

ave

inefável

e oiço

palavra

com esse

cheiro

seminal

da tua sombra

dobrada sobre o texto

do teu corpo

ressonância acústica do discurso

no murmurar das águas.

Não havia lembrança desse tempo

Antigo – esmagado contra o tronco

sangramos pitanga a vulva

beije amor primeiro

e voamos.



## Dos Ventos da Lona

A chuva  
Vai tornar a cair  
Sobre  
A minha aldeia

As bandeiras do milho  
Voltarão a flutuar  
Ao vento.

Teremos verde nos olhos  
Os lábios molhados de leite  
E o mugido dos animais

Nesse dia  
Vou sair para a praça  
Da igreja  
E cantar  
Um hino aos deuses.

Reunidos em família  
A aldeia será  
Iluminada  
Pelos sorrisos dos seus filhos  
De regresso dos tempos  
Das tendas de lona.

## A Espera de Ti

Por agora,  
deixa os sinos do teu corpo  
tocarem todos,  
deixa a vaga de vento  
te levar para as portas do céu.

Poisa levemente os pés  
na lã dos caminhos e  
vai segura pela minha mão  
que voltarás ao amanhecer

com as águas das montanhas  
entre o coaxar das rãs  
saindo do teu peito.

Os dias serão maduros  
de azul, cânticos de amor e pão.

Haverá mel nos lábios  
e em todas as esquinas  
estarei  
à espera de ti!



## Prisioneiro da Saudade

1.

Destas lágrimas não te digo porque as verti sem querer.  
Falar-te-ei da tristeza consciente, desta que alimento como talismã  
para me salvar da saudade. Deixei o sorriso exilado nos teus lábios.  
Contigo foram também os sonhos. Resta apenas a tua  
lembrança, como uma nódoa forte que jamais se vai separar do  
brim onde mora.

2.

Se soubesses o que o meu coração sabe, saberias o quanto pesa a  
distância. O quanto a saudade se acumula, o quanto ela nos  
impede a respiração, como se apenas inspirássemos sem nunca  
deitarmos o ar para fora. A saudade acumulada faz-nos inchar os  
pulmões da resistência até ao extremo.

3.

Talvez eu não saiba do que falo porque não senti a saudade alheia  
mas sei o quanto me dói esta saudade imensa. Esta vontade  
galopante de te ver, de te ter, de levar os meus olhos junto dos  
teus, enfim, de sentir a tua pele e o teu sentir ofegante.  
Talvez eu não devesse ter dividido aquela lua contigo, porque o  
tempo não nos devolve esses olhos de Delfos. Talvez assim eu não  
fosse agora prisioneiro da tua ausência.

4.

Mas de que me valeria a minha liberdade sem o verde pintado na  
terra úbere com o cheiro das vacas e o odor da chuva para  
partilhar contigo. Seria o dono do vazio, olhando para as coisas  
como se o mundo girasse à volta de nós, sem o podermos tocar.  
Como se a romã do cesto fosse perdendo a cor e o perfume sem  
que nunca a pudéssemos comer. Uma liberdade sem faculdades,  
sem o estímulo da tentação, não é liberdade.

## Os Muros da Escuridão

A dor  
Inscrita na carne,  
A repressão gravada  
Na pele

O corpo despedaçado,  
Partilhado pelos cães

As buganvílias multiplicando cores  
Em arco-íris  
Turvando-me o olhar e  
Preenchendo meu peito

A minha voz  
Colada ao chão se levanta  
Contra os muros  
Da escuridão.

## Mulheres com Rosto

Uma mulher

Com um filho  
Às costas

À cabeça um balde  
De inventar água

À procura do futuro!

## O meu tempo é outro

Envio-te flores:  
Rosas, tulipas, margaridas e narcisos,  
Neste tempo de neve e luz.

É que a minha festa  
É outra – a festa do corpo

Ausente e vivo como o fogo  
Das lareiras deste tempo.

E, afinal, o meu tempo  
Também é outro:  
É o tempo do sol,  
O tempo das acácias,

É o tempo do barro  
Trabalhado pelas mãos  
Do oleiro.

É o tempo da fruta madura  
O tempo da fecundação,  
O tempo do amor.

## EUCLIDES MARIANO\*

---

\*Euclides Mariano nasceu a 2 de Fevereiro de 1962 no Golungo Alto. Obra Publicada: «Cânticos de Sobrevivência» (1995).





## Geografia do tempo

Verteram-se as raízes na terra  
o tempo arrefeceu os gritos  
e nasceu o oiro que irradiou a gente:  
Sepultamos a escuridão que reinou  
erguemos paredes de alegrais na terra,  
em breve, a alegria e a floração,  
verteram no cântico do sortilégio,  
e a luz se converteu em miragem  
– àquela que enterramos ontem...

## Voragem

Vieram os oceanos atizar viagens  
nas ruelas floridas com sonhos  
foi o hálito da chuva e da mortalha  
sobre a morfologia dos passos.

A terra naufragou na humildade das línguas  
que nasceu da ressaca das palavras –  
e caiu como gotas sobre as cinzas  
das manhãs rutilantes de profecias.

No chão o ião desligou-se da vida  
na foz o sol desligou-se das flores.  
Os deuses assim mesmo se restauraram  
atearam frases sobre os sonhos...

## O Vento do Verão

Passou o vento do verão  
num tom plebeu persuadindo  
que a expressão do luar em trevas  
seria a vida nas palhotas.  
Vítimas da desilusão  
depararam-se os homens que aplaudiam  
o temporal do verão  
desprovidos de grinaldas  
que o vento lhes prometera

e num gesto de soslaio  
trocaram olhares humildes  
como na antiguidade...

Nos olhos a floração da amargura  
vivida no silêncio da liturgia  
coloria o estado de ser  
dos homens.

## O Homem lendário

Eis que surgiu uma voz de fama  
grande tumulto nas terras do norte  
fundou o motim com sua sabedoria  
com sua percepção atçou a ira.

Fazendo soar o protesto da sua voz

logo os suspiros dos extremos da terra  
exalaram os desejos exilados na luxúria  
que governava os espíritos vivos.

Todo o homem se irou e arrancou pela raiz  
a cruel vaidade que cegava a gente  
houve justiça na aflição do instante  
alguns dos lacaios da luxúria pereceram.

Eis que devoraram a voz de fama  
derramaram a escuridão da crueldade  
sobre os anseios populares daquela voz  
e pereceu o motim das terras do norte.

## O Cântico da terra

O campanário da partida foi o sonho  
com colheitas vermelhas e orgias.  
O chão fora amanhado no templo dos deuses  
em sonhos pregados nas folhas de papel.  
Nas searas molhadas de devoção  
a leiva ficou algemada de castigos.

O oiro negro foi a anunciação da terra  
foi o cântico que nutriu os palcos  
com sonhos lindos de trigo e mutação.  
Diluiu-se a dissociação dos homens  
na vegetação dócil dos véus do talismã.  
Nas veias dos deuses floriu o tantã  
que inflamou o som da aragem na terra.

## As gerações

Duas foram duas as gerações  
saídas do holocausto:  
uma vestida de oiro na língua  
outra vestida de palavras  
da cor mais feia da caveira  
nem uma nem outra o povo sabia  
e na ceifa afluiu a levitação...

## Zambeze, meu amor

Os teus mamilos cujas sereias são luas  
foram migalhas de uma mortalha  
no teu útero floriu o tímble do rastilho  
onde a pele chamuscou das árvores nuas  
a quizumba veio flagelar as capulanas  
e o púbis de todas espigas ateou o mundo.

Em cada atlas um favo bambo de lágrimas  
onde todos choros não eram meus  
de mim fluía o arco-íris dos cristais  
sonho sobre o altar o soldado onde esteve?  
Devolve-me a bíblia que enterraste  
nos interstícios do holocausto!

Ventre de antracite e floração  
procurei-te nas legendas da noite  
o teu rastilho foi a voragem  
o vento oriental cujo folclore  
abortou nas margens da aldeia.

Vieram as duas colheitas das águas  
e do holocausto  
feriram a festa madura dos círios.  
Feriram a idade madura dos minerais.

Nasceu o tecto no castiçal das flores  
fundida na alma dos exércitos  
na aldeia viva feita de sonhos  
o aborto e a mortalha encheram a foz:  
a palhota onde jazia a safira  
as viúvas e os orfãos de linho  
verteu no andaime do remoinho.

A tua menstruação afogou os metais  
A tua masturbação exilou as espigas

O teu cemitério e a minha terra  
foram gémeos na dissociação...



## EUGÉNIA NETO\*

---

Maria Eugénia Neto nasceu em Trás-os-Montes (Portugal) aos 8 de Março de 1934. Obras Publicadas: «E nas Florestas os Bichos Falaram», Prémio de Honra da Comissão Cultural da então RDA para a UNESCO (1977- Leipzig), «Foi Esperança e Foi Certeza» (1979), «A Formação de Uma Estrela e Outras Histórias na Terra» (1979), «A Menina Euflores/Planeta da Estrela» (1988), «O Vacticínio da Kianda na Piroga do Tempo» (1985), «Este é o Canto» (1989), «As Nossas Mãos Constroem a Liberdade», «A Lenda das Asas e da Menina Mestiça-Flor», «A Trepadeira Que Queria Ver o Céu Azul e Outras Histórias», «As Aventuras de Amor /Flor em África» (1992), «A Montanha do Sol» e «O Soar dos Quissanges» (2000).





## Porque me vem este odor forte

Porque me vem este odor forte  
 Da terra onde há chovido  
 Em que cada átomo  
 Tem força poderosa  
 Nas células que germinam  
 Crescem e se dividem?  
 Porque me vem este perfume  
 De ervas orvalhadas  
 De múltiplas flores  
 E múltiplos odores?  
 Rosas ou crisântemos  
 Narcisos ou dalias  
 Tudo o vento traz  
 Em suas asas leves  
 Porque vem a mim  
 E me penetra assim?...  
 Será o anseio  
 O gosto de beber  
 Em sorvos largos  
 A seiva à minha volta?

## Asas brancas dos confins do meu sonho

Dos confins do meu sonho  
 Eu estendo asas brancas  
 Sobre o ódio sobre a dor  
 Sobre a tristeza e o desespero

Dos confins do meu sonho  
 Envio-te o elo da amizade

Que faz palpitar os homens justos  
 E os faça unir as mãos  
 E construir já o porvir  
 E venham torrentes e vendavais  
 Plenos de vida e de energia  
 Mostrar como é puro o meu anseio

Eu estendo asas brancas  
 Sobre o desespero de querer ser audaz  
 E ser vencido pela timidez  
 Devendo avançar e não dar o passo  
 Fechando-se e metamorfoseando-se  
 Como crisálidas em casulos  
 Eu estendo asas brancas  
 Intercalando-as no caminho dinâmico da vontade  
 E sobre a impotência de não poder libertar-se  
 Dos elos que amarram os homens aos seus erros

Asas brancas dos confins do meu sonho  
 Para que a fraternidade seja uma conquista  
 E os homens verdadeiramente sejam homens

## Companheira de Caminhada

Tony  
 vejo-te tão jovem  
 e grácil  
 como uma haste  
 de flor ao vento  
 que batida  
 se curva

e ergue  
 e curva ainda  
 e ergue  
 para suster  
 cada momento.  
 Porém, um dia  
 o vento  
 a romper em tempestade  
 derrubou-te  
 como haste simples  
 sem defesa...

## Angola

Os bardos estão dormentes  
 - mau sintoma -  
 os bardos estão desiludidos  
 pela certa.

Os bardos não estão gritando  
 ao mundo  
 o sofrimento do povo  
 nem denunciando.

Nem exigindo  
 paz  
 nem dizendo à juventude  
 que é preciso erguer-se.

Os bardos estão calados  
 - mau sintoma -

os bardos estão desiludidos  
pela certa.

Mas terão de ser eles  
a soltarem em catadupas  
o amor patriótico  
a fé, nos valores defendidos  
dos que lutaram  
para que houvesse o 11 de Novembro  
afirmando  
que das cinzas ressurgirá  
a voz indómita do povo.

Desta agonia  
deste pesadelo  
Angola saíra triunfante  
por sobre as valas comuns.

No decurso da humanidade  
a luta entre o bem e o mal  
foi uma constante  
o bem foi sempre abrindo caminhos de amor.

## Senhor

Ando com uma vontade louca  
de te contactar  
se não for contigo  
desabafo com quem...  
os amigos  
não sei em que céus planam.

Andam túbios  
foi-se-lhes a fé  
a esperança e a certeza

Ah, senhor!  
Pedro negou-te  
antes do galo cantar.

Mas a semente  
queiram ou não  
há-de germinar.

## Poesia

Quantas vezes  
não te fujo poesia  
para que o meu ser  
não balance  
como barco em mar revolto.

A história é lenta  
mas num repente  
dobra a esquina.

Ah! O que barra ainda  
os horizontes da luz

Nada.  
Apenas o momento predito  
exacto da hora.



## FERNANDO KAFUKENO\*

---

\* Fernando Kafukeno nasceu em Luanda aos 18 de Novembro de 1962. Obras Publicadas: «Boneca do Bê-Ò» (1993), «Na Máscara do Litoral» (1997), «Sobre o Grafite da Cera» (2000), «Missangas! Kituta» (2000), «Beijo de Lábios» (2006) e «Sublimação de Aresta» (2006).





## Olhos – mar I

1

o pássaro escapa entre as mãos  
da manhã a.emoção percorre as flores do carnaval  
arde húmido o edifício do alfinete

2

esta viagem de couro sabe-me  
a vento. maresia na espada da casca

3

olhos – mar insinuam a manhã  
da ilustração. arco-íris escapa  
entre a cauda do pássaro

## O relógio da intenção

a intenção  
apalpa o relógio  
e o  
aroma da flor  
flutua em presságios  
e a  
seiva elabora o  
cálcio do alumínio  
e a

intenção enjoa  
a artéria  
e o  
púlpito ofusca  
a mente do relógio

## No baloiço da manhã

(se a cor  
da ilha de Luanda  
namora a traça  
da tua saia)

o beija-flor  
alimenta-se da tua flora

e a infinita violeta  
lambe a espada

a nuvem da prata  
ilude a traça

na manhã do teu baloiço

## A doçura dos teus lábios

hoje vou enviar-te  
um poema pela brisa

hás-de recebê-lo  
na porta número 69  
da rua jota

o poema cantará  
o sol dos teus olhos  
e falará aos pássaros  
a doçura do bairro operário

e mais nos teus lábios a  
candura da tua voz será o poema

hoje vou e enviar-te  
um poema pela brisa

## Barbudo e aterrador

arrasa a baba  
na minha corsa  
com o tractor sobre  
a lavoura

sacana!...

no orifício  
da minha crista

espeta a espada  
e âncora

## mulher I

esta mulher: une-se  
a mim pelo rastilho  
de caça

é. Esta mulher: sente  
o orvalho na flora pelo  
rude porte do meu punhal

e vem à minha espingarda municiaada  
alvejar odor à bicho

## mulher II

-dá-me a flor!... -dá-me a flor!...  
delírio desta mulher: com o meu punhal  
em riste subindo-a e vindo-se com o  
barro em lama

## mulher III

esta mulher:  
estende  
se pelo manto

abraça a cruz

esta mulher:  
caminha com o meu  
punhal em punho

sugando

## FLAS NDOMBE\*

---

\* Fernando Luís de Azevedo e Silva nasceu no Lubango aos 20 de Setembro de 1959. Obras Publicadas: «Risos Diluídos» (1994), «Postal Erótico» (1995), «Para Frazendo Cristo» (2002), «A Tara do Matondo» (2005) e «Direito de Autor e Responsabilidades Civil» (2006)



## À Entrada

Hoje chora canta rebola salta  
lá no sítio

Agora saliva bebe arranha solta  
lá no sítio

Assim lacremeja voa alucina percorre  
lá no sítio

Logo vive relaxa sonha corre  
lá no sítio

Logo vive relaxa sonha corre  
lá no sítio

Ainda viaja nada beija ama  
lá No sítio

Então agride sangra constrói arremessa  
contra o sítio

As  
manhãs  
Pressagiam  
dias morangos

Os  
Calorões  
Anunciam  
Orvalhos infindáveis

As  
Relvas  
Desgranhadas  
dos outeiros  
perdidos  
não respondem  
a incógnita!

## Estrelas Felinas

A  
Mente  
que não  
mente

Poderosa  
arma  
dos  
mortais



Diz  
em voz  
timorata

As  
Estrelas felinas  
Quais espadas  
Sedentas rebrilham

&

Vão de encontro  
aos homens  
    nas noites  
        de carvanal.

## Louca Simbiose

Quando as palavras em cúpula morfológica  
Lacrimam e ferem o papel  
Ganha corpo a poesia

quando as palavras nuas nas andanças  
em louca simbiose choram e cantam

a poesia banha o espírito de conforto.



## FRAGATA DE MORAIS\*

---

\*Fragata de Morais nasceu na Província do Uíge aos 16 de Novembro de 1941. Obras publicadas: «Terreur en Verzet» (1972), «Inkuna-Minha Terra» (1997), «Jinduguices» (1999), Sumaúma (2005), seu primeiro livro de poesia.



## Elefantíase

Meu embondeiro  
a pingar múcuas  
por raízes  
dispersas em prece

jeitoso  
elegante  
sinuoso

Meu embondeiro  
de espíritos albergados  
na fundura do casco  
em espera do viajante

Meu embondeiro  
meu embondeiro

## Rugas

Rolam  
as décadas  
no semear  
depauperado  
da quimera

e no olho vítreo  
da reminiscência  
nem mais a sombra  
das luas cansadas

reflecte no opaco  
o soslaio  
da tranquilidade  
entanto almejada

## O mar

Vi-te  
trajada furor das ondas  
desfeitas  
em meus braços

Vi-te  
Preenchida de conchas  
do meu ouvir  
e no paladar  
do meu sentir  
foste-te pelo vazar do mar  
deixando-me o eco  
da eterna solidão  
verde-azul

## Flores

Belzebu  
já foi flor

antes  
da angústia  
cerrada  
da noite  
esculpiu  
calafrios  
e temores  
a um Deus  
inatingível





## FREDERICO NINGI\*

---

\* Frederico Ningi nasceu em Benguela aos 17 de Fevereiro de 1959. Obras Publicadas: «Os Címbalos dos Mudos (1994), «Infintos nas Ondas» (1997) e «Títulos de Areia» (2003).



## Títulos de Areia

Ainda que mordas as minhas unhas  
eu quero ser o chefe destes títulos de areia  
nesta plaqueta política

Ó meu pai eu estou bem com Deus  
bem do dedo. Mas falta o anel  
que vós me prometestes  
nas eleições

sem as críticas furibundas  
já não me dói o pénis  
quando pinto no ejaculatório  
porque quando fotografo  
o dedo

dispara clic

Luanda já não é a Pátria  
nesta vida  
nós os destas mágoas.

## Borges

É naturalmente na dança  
Sem cobertura nas leituras  
Que o estatuto se esbarra  
Nas gravatas das categorias  
Das nossas coisas todas  
Como não queria o BORGES

É naturalmente nas danças  
Das n,bundas que a beleza  
Feminina se ExAlta.

## A Morte Incinerada

Limito-me a sonhar pelo amor  
Cujos esquecimentos o meu corpo  
Fê-lo no lugar tramado por delicadas  
Aproximações  
Com o vento do puro desejo  
Descobri  
A morte incinerada pelo destino  
Dos pés  
Dela tocando MAMAUÉ  
Em todo o processo.

## Entre os Seios Nús

Ó brilho das trevas  
É profundo o Dundo  
Na luz  
É redondo o Dondo  
Na foz da cruz entre os seios nús

Na sombra dos teus seios  
Des/ cobertos  
A minha dança canta  
Na minha mão  
Des/coberta  
Como na dor  
Minha mulher  
Des/parida.



## GARCIA BIRES\*

---

\* Garcia Bires nasceu em Luanda aos 27 de Fevereiro de 1944. Obras Publicadas: «Dia do Calendário» (1988), «Olhadelando» (2000), «Poesia Dispersa» (2004) e «Cantares de Um Dia» (2007).





## Te de Kaxexemente

P'ra não dizeres

Que tinha

Outras conversas

No meu puro e piedoso coração

Sómente

Concretamente

Te de kaxexemente

Te muitas vezes

Apenas

Te podia xukulular...

## Minha musa

Nocturnae

É a minha musa

Como Neptuno

É vossa com certeza  
Eu vivo

Respiro

Sofro

E brinco com ela e nela.

Não me queixo e nem lamento.

## No próximo encontro

Finalmente amor,

És tu que me faltavas.

Tua voz

É meu canto para sempre preferido.

No próximo encontro traz unguento.

Mbafo.

Também capim de Deus  
Para misturarmos cuidadosamente  
Com o bafo  
Dos perfumes das nossas vidas.

## Nas algas

Devolvidos em caracteres não decodificados  
Jazem nas algas  
Recados produzidos além  
Como repousassem para futuras leituras.  
  
Cartas antigas. Heroísmo e amor.  
Contos perdidos na história e sonhos cantados  
  
Em papel de cambraia  
Socegradamente dormem no dorso das algas.  
  
Amanhã será o dia maior.

O da leitura final

## Deixa-me

Deixa-me nesta hora reviver em mim minha paz.  
Deixa-me perdido nos meus mistérios e fantasias.  
Quedar mudo. Estar ausente... mas não vencido.

P'ra luta de hoje trouxe todas minhas forças.  
P'ra este desafio trago intactas todas minhas capacidades.

Comigo

Silenciosamente vem como guarda-costas  
Feito ondas do Pacífico agitado em noites de breu  
A certeza das gentes que souberam um dia muitas vezes esperar.

## Recordando

Ontem me pediste de forma dócil para jamais te falar.  
Hoje  
Me pedes com riso nos lábios para te olvidar.  
Que me pedirás quando o sol estiver a fazer Kassuada?  
Amanhã já vazio e só serei eu capaz de falar ao mundo  
Que afinal nunca estive presente  
Fui a mais singela ficção numa curta história  
E a minha existência foi uma descabida imaginação?

## Quarto Canto

Continuo vagueando pelas ruas ora desertas. Procuo no infinito teu rosto.

Nos momentos mais próximos busco no vento motivos distantes

Na esperança que minha profunda dor brevemente tenha fim.

No espaço a mesma sorte. – Te encontro não estás!

Pedi a todos milogi da terra-mãe. cantarei em todas línguas cantos  
[à vida

P<sup>ra</sup> cortar a força das juras do Dombe Grande.

Te desconsigui te encontrar plenamente na minha vida...



## HENRIQUE GUERRA\*

---

\*Henrique Lopes Guerra nasceu em Luanda aos 25 de Julho de 1937. Obras Publicadas: «A Cubata Solitária» (1962), «Quando me Aconteceu Poesia» (1977), «A Tua Voz Angola» (1978), «Alguns Poemas» (1978), «Estruturas e Classes Económicas e Classes Sociais» (1979) e «Três Histórias Populares» (1980).





## O Moringue

O sol que queima as folhas das palmeiras  
 E os pés caminhanes sobre a areia  
 O sol que traz o vento e afasta o peixe  
 Ele não esquentará a água do moringue.  
 Não há sol no canto desta casa  
 Há sombras dos luandos que fazem as paredes  
 A areia do chão traz a frescura da terra  
 Os caniços dos luandos têm a frescura  
 Que trouxeram das terras de Cabiri  
 Quando, de andar nas canoas, voltamos do amor  
 E a garganta vem a arder como se era sal  
 A água do moringue sabe-nos como nada mais.

E a quem nos pede, com o coração alegre,  
 Nós a oferecemos nas canecas de esmalte.

## Entardecer

Um barco que passa uma ave que voa  
 Um azul que fica na retina  
 Um rosto que sonha numa canoa

Um barco que passa uma ave que voa  
 Um desejo que fica pelo ar  
 Azul e penetrante como o mar

Passa o barco lentamente  
Passa a tarde passa a vida  
E um vulto que ao passar canta baixinho

Existe ao longe um ar tranquilo  
Sossegado como Buda de marfim  
Quem disse que ali era a cidade!

Um barco que pausa uma ave que voa  
Um azul que fica na retina  
Um rosto que sonha numa canoa.

## Soneto do Tractor

Avançam por aí as construções modernas  
A miséria porém ainda resistia  
Casas de barro e pau zinco por cima  
Lá dentro as coisas são de lataria.

Ainda existem ali dois imbondeiros  
Onde a miudagem brinca quais tarzãs  
As celhas, os piláus, os fogareiros  
Nos quintais de ripas varridos pelas manhãs

Uma velha de panos vive em pensamento  
A Luanda antiga dos alembamentos  
Dos óbitos das rusgas «aiué mon'etu»

E esse quadro vive ao terminar  
Enquanto eu, o tractor, não chegar  
Os últimos esplendores de um soneto

## Negras

Manancial verde ondulando as folhas verdes  
As folhas do capinzal das bissapas selvagens  
Dos algodoeiros em estudada simetria

A fita da estrada por onde vem o progresso...

Mas o que eu vejo são os panos garridos  
Das mulheres curvadas apanhando as sementes  
Corpos curvados das misérias sofridas  
Mãos – misérias apanhando as sementes

Corpos curvados                      misérias – sementes

## Evocação Poética do Cacimbo

Vem, cacimbo  
estende teus dedos anelados sobre a minha carapinha  
derrama a tua inconsciente tranquilidade  
sobre a minha angústia submergida.

Vem, cacimbo  
eu quero ver os cafeeiros dobrados ao peso dos bagos  
endireita os troncos vencidos dos bambus vermelhos  
coroa os cumes altos das serras do Bailundo  
limpa a visão empoeirada dos comboios que descem para  
| Benguela

nimba poeticamente os horizontes dos camionistas de  
| Angola.

Vem, cacimbo

Debruça-te cuidadosamente sobre as plantas da madrugada  
Destrói a angústia resignada das gentes da minha terra  
Abre-lhes os horizontes dos cantos de esperança.

Vem, cacimbo  
derrama a tua inquieta saciedade sobre a minha natureza  
a esta hora empoeirada com o barulho das esquinhas  
com o cheiro a óleo sujo dos automóveis  
e com a visão daquele nosso irmão  
vendedor da vida por quinze escudos diários  
irremediavelmente caído sobre a grama do jardim.

Ó cacimbo  
eu quero percorrer teus campos sossegados  
orquestrados pela alegria do beija-flor.

## Quintal de muceque

O sol de Dezembro na gasosa das cigarras  
o vento ralha  
e as sombras das folhas da mulemba  
fazem renda sobre o chão  
– Muxima Teté  
o sonoro canto das bocas magras vem dolente  
e os dedos ágeis da pele do ngoma vão tirando  
desenhos magos que cavalgam sobre o vento  
– Muxima Teté  
o dolente canto  
acorda em mim profundos ecos

Dedos ágeis bocas magras  
a pele esticada na boca do tambor  
e o vento entre as folhas da mulemba

um futuro passado segredando

## Canto de Prisão

aquele companheiro  
saiu com lágrimas na garganta  
e eu vi  
que não chorava de tristeza  
chorava com a inabalável certeza  
que dos choros nascem risos  
como braços fazem pão  
e eu fiquei  
especado na minha solidão.

aquele camarada  
ao sair da cela da prisão  
levou  
e deixou  
o choro da certeza inabalável  
de que os pés caminham em chão duro  
de que os braços que se erguem  
para fazerem pão  
erguer-se-ão  
para que haja trigo em vez de grades de prisão

... dos cactos nascem flores  
canções brotarão sobre este muro



## ISABEL FERREIRA\*

---

\* Isabel Vicente Ferreira nasceu em Luanda aos 24 de Maio de 1960. Obras Publicadas: «Laços de Amor» (1995), «Caminhos Ledos» (1997), «Nirvana» (2004) e «Ternando D'Aqui» (2005).





## Desilusão

Caí em letargia...  
 Meu sonho adormeceu profundamente...  
 Ficou num par de fronhas virgens...  
 Estreadas em noites de volúpia...

Sonho bordado  
 Nas fronhas dum hotel  
 Vidas aneladas  
 Pontos cheios de suspiros em gemidos...

Juntos dormimos  
 Mas nossos sonhos  
 Esses!  
 Adormeceram  
 Num par de fronhas...

## Olhos do Vento

Os olhos do vento  
 Deixaram de florir  
 O jardim da sedução

A boca do vento  
 Qual alvorada aberta  
 Desfez-se em perfeição

Os braços do vento  
 Abriram-se em pérolas  
 em plena oblação

O vento airoso  
 ânsia (des)contendo a respiração  
 vento alado

qual brisa  
...enfim a navegação

## De Lírios

Sacudi a madrugada  
Qual amante despeitada  
Suportei o sonho promíscuo

Palavras na lavra  
Oculta da tua boca  
Perdem-se nas paredes do teu corpo...

O despertar  
Um prometido

## Redimido

Sobe desce, reinventos  
mambos, e rumbas  
depois, depois, depois

Cinturas falam  
No calor da noite...

## Sentar à Janela

Ali a manhã senta-se à janela  
tira o chapéu põe-se ao léu.  
Sangra a voz solta os adereços  
Espanta a miséria cobre-se de endereços.

Sai a rua nua mua a fome...  
cada estação aprecia a nudez  
depreciando a paisagem da dor...

## Sensações

Procuro teu corpo lânguido  
No encontro teu olhar ao meu  
Tão rente meu ser ao teu...

A vista teu olhar me despe  
Neste enleio deixo-me vogar em ti  
Logo-logo de mim não sinto...

Pinto meus lábios nos teus:  
Sinto que não é sonho!  
São sensações...Se há ilusão...Que se dista de mim!



## ISMAEL MATEUS\*

---

· Ismael Mateus nasceu na Província de Luanda aos 06 de Julho de 1965. Obras publicadas: «Bué de Bokas» (1999), «Os Tempos de Ya Kala Ya» (2001), «Unita que Futuro» (2002), «Sobras de Guerra» (2003) e «Experiência do Sentir» (2005), seu primeiro livro de poesia.



## A Cidade Negra

Os hipócritas dormem  
No percurso que a memória lhes dá  
A paz tardia por que outros morreram.  
Os chulos na convicção do serviço público  
Amam a perdição alheia  
Para sujar serve a casa do vizinho.  
Os ricos vesgos de ambição exibem-se  
Exultantes com a escuridão geral  
Que lhes permite o ganho.

Há na cidade  
Homens negros  
Passados negros  
Cânticos negros  
Beijos negros

Os Estúpidos renegam o seu passado pobre  
Para a nova condição só sem passado  
Os políticos mortinhos pelo noticiário seguinte  
Habitam os palanques pregando a palavra amiga

Há na cidade  
Vidas negras  
Casas negras

## Mágoa Calada

A incauta lei-mãe  
Canta a igualdade.  
A ocasião faz o ladrão  
E lá se vai a ilusão  
Do todos iguais

Tão perto estamos  
Que pelo cheiro se dividem  
Pobres e ricos  
No fedor de uns  
Assenta o charme de outros.

Tão perto estamos  
Que os vemos partir  
Terra acima  
Regados da nossa penúria  
E outros  
Terra abaixo  
Privados de mínima luxúria.

Tão perto estamos  
Do cheiro putrefacto  
Do olhar nauseabundo  
Como é possível não ouvirem  
Não sentirem  
Não gritarem  
A mesma mágoa?



## A Vida é Cada Momento

A cada momento  
Sou vários momentos  
O que fui  
E sou ainda  
Depois de ter sido  
O que penso ser

A cada momento  
Faço da vida  
Decisões e opções  
Sentimentos e traições  
Momentos ínfimos  
Do sim e do não  
Do vai ou fica

A cada momento  
Sou o que anseio ser  
A palavra que gostaria de ter dito  
O gesto arrependido que me persegue.

A cada mil momentos  
Um momento de ser  
O momento.

## Quando Chega o Amanhã?

Caminho para frente  
Mas também para trás  
Cada passo  
Um recuo  
Um momento.

No momento seguinte  
Mora a consciência  
Que se esconde  
Em cada momento

Cada agora  
Um hoje de ontem  
Um ontem de amanhãs.

Um passo para frente  
Mas também para trás.

Mas amanhã  
Também será hoje  
E hoje, ontem  
E tudo novamente.

Um passo para frente  
E sempre também um para trás.

O sonho passa à desilusão  
O passado ao arrependimento  
A lembrança à melancolia.

Na ilusão  
Amanhã será melhor.  
Na certeza  
Ontem foi pior  
Hoje não sei  
Se melhor ou se pior.  
Tão somente não sei.

Vou sabendo a cada dia  
O sonho do amanhã  
E a renúncia do ontem.

Vou sabendo a cada leitura  
Que nada sabia ontem  
Crédulo num amanhã  
De todas as valias.

Só me falta  
Perceber  
Quando chega o amanhã  
Se hoje... É sempre hoje.



## JIMMY RUFINO\*

---

\* Jimmy Rufino nasceu em Luanda aos 10 de Maio de 1962. Obra Publicada: «Pecados do Silêncio» (2006).



## Talismã Perdido

“dói-me a vida

já não vejo os meus olhos  
sorrindo palavras molhadas  
aos meus sonhos fechados em mãos

já não tenho ruas  
para deambular os sonhos  
que dos meus heróis herdei

pois  
mesmo alucinada  
a solidão já não tem futuro  
a paixão já não tem destino  
a evasão já não tem lógica

só me resta sorrir  
d'espanto

## Entre Dois mundos

Beijos de areia  
Que oceânicas vozes perfumam  
Quando olhos de Junhos  
Dão kandandos de luto e fel  
Dum kacimbo que o sol frutifica  
E aquilo são três trechos  
De avós que assim eram fartas paisagens  
De gerações incestuais  
Onde dois Abris de mansas saudades

Na contraluz da manhã traseira  
 Com o talismã do viver sem convites  
 Sem as anuais estações do afecto  
 E a minha mãe minha sorte peregrina  
 Bordava já o meu leito de climas  
 Encarnando um tempo sem diários  
 De lençóis e mironiais placentais  
 E de novo luz e abraços de borla  
 Somos outros trechos três vezes em cristal  
 Criamos três cegueiras sonâmbulas  
 Viajando suas mansas libidos  
 De línguas silenciadas na lógica da mentira  
 Mansas nos rios de mansos cios em vapor  
 De almas esquivas na dor amputada  
 Saciando sedes inúteis à embriaguez  
 Do esquecimento gémeo por dentro  
 Forjando-se tegumentos de desavindos  
 Renascimentos

## Ao Largo do Sonho

Poesia é... mastubar vinhos  
 Baptizados nas ocultas catedrais  
 Do adúltero masoquismo  
 Em sacramentados sadismos  
 Que em ceias da pior laia  
 São abortados no pior local

Na poesia a poesia é  
 Só alma de exilada demagogia



Poesia é... metáfora pagã  
Renunciando a contemplação  
Asfixiando o ego da acção  
A idólatra cupidez  
De deglutinados mutismos

Na poesia a poesia é  
De único deus sobrevivente  
Decantado em bojos teológicos  
Ciosa e alcoolicamente sitiado  
Urinando sumos dialécticos  
Que só bebem sonâmbulas músicas  
De exorcizar a alma

Na poesia a poesia é  
Só lunática masoquia de felicidade



## JOÃO MARIA VILA-NOVA\*

---

\* João Maria Vila-Nova escritor angolano cuja identidade se desconhece. Obras Publicadas: «Vinte Canções para Ximinha» (1971), «Caderno dum Guerrilheiro», (1974) e «Mar da Minha Terra & Outros Poemas» (2004).



## Umm Al-Marik ou Baghdad em baixo de fogo

Baghdad a bela  
a das trezentas e cinquenta mesquitas  
a do templo cristão circular de cúpula dourada  
a das longas alamedas ladeadas de palmeiras  
a dos curandeiros  
a dos encantadores de serpentes  
a dos contadores de estórias  
a dos sempre buliçosos suk  
a dos vendedores de tâmara  
a das corridas de camelo terça-feira pelo cair da tarde  
a dos grandes matemáticos  
a dos geómetras  
a dos grandes astrónomos  
a que foi considerada de oriente a ocidente  
de pérola cultural do século doze  
Baghdad bela ela sofre na própria carne  
noite após noite  
torpezas-vilezas ditas cirúrgicas  
pelos mesmos filhos de Sotan que  
um dia  
no passado  
cirurgicamente  
incendiaram a Biblioteca de Alexandria  
para  
seguidamente  
nos culparem a nós  
povos a quem chamam de famintos  
povos a quem chamam de selvagens

povos a quem chamam de terceiromundistas  
povos a quem chamam de párias  
mas que não querem  
que não querem  
viver das duas migalhas  
Allah-o-Akbar  
Allah-o-Akbar.

## Colombo no Caribe

Nos seus quinhentos anos  
De chegada

Colombo  
ele chegou  
no Caribe  
viu os índios  
e falou assim  
quero ouro  
os índios lhe deram  
ouro  
viu mais índios  
e falou assim  
quero ouro  
os índios lhe deram  
ouro  
viu mais índios  
e falou assim  
quero ouro  
os índios lhe deram  
ouro

Depois  
ele Colombo  
pegou do ouro  
que os índios lhe deram  
fez  
duns tantos deles  
escravos  
e levou tudo  
prós reis de Espanha  
por entre  
bênçãos do Papa  
e o brilho cintilante  
dessa palavra  
CIVILIZAÇÃO

Teve  
porém  
o cuidado  
ele Colombo  
de deixar ficar  
lá no Caribe  
a cólera  
a varíola  
a gripe  
o sarampo  
a tuberculose  
e a sífilis

É por isso mesmo que  
a Cúria Romana  
por três vezes  
por três vezes  
tentou fazer dele  
Colombo  
santo.

## Kimbo solitário coxilando sob o lado oculto da Lua

Esse kimbo aí  
não tem mais gente  
nem bicho  
pé da porta não  
Ngulu que tu não  
comeu  
onça ela comeu  
cabrito & sanji  
que tu não  
comeu  
onça ela comeu  
e povo do lá  
e povo do lá  
sem nadica do nada  
para  
comer  
imabamba dele  
cambeza dele  
sumiu  
aiué  
na mata  
quando que  
sem galinha ciscando  
sem galinha ciscando  
galo negro  
todo chapado em ferro  
hela  
ele chegou



## O Poeta vestido a rigor

Para o David Mestre, poeta e  
renovador da crítica literária

em nossa terra

o poeta pondera o fato  
o poeta transcende o facto & a notícia  
o poeta sem astúcia  
o poeta sempre sempre com alguma malícia

os racistas temem o poeta  
os golpistas temem o poeta  
os inimigos do povo oh  
esses temem o poeta

o poeta sem tecto  
o poeta sem tecto  
o poeta vestido a rigor  
em seu cadáver putrefacto.



## JOÃO MELO\*

---

\* Aníbal João da Silva Melo nasceu em Luanda aos 5 de Setembro de 1955. Obras Publicadas: «Definição» (1985), «Fabulema» (1986), «Poemas Angolanos» (1989), «Tanto Amor» (1989), «Canção do Nosso Tempo» (1991), «Jornalismo e Política» (1991), «O Caçador de Nuvens» (1993), «Limites & Redundâncias» (1997) «Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir» (1998), «Filhos da Pátria» (2001) e «A Luz Mínima» (2004) e «O Dia em que o Pato Donald Comeu Pela Primeira a Margarida» (2006).



## O Mocho

O mocho  
usa óculos  
de aros  
espessos  
e vive  
encafuado  
em bolorentas  
enciclopédias

Se lhe perguntarem  
pela vida  
demonstrará  
uma terrível  
e obscura  
ignorância

## Arte poética 88

O poema tece-se de tempo:  
jamais pode ser produzido  
in vitro

O poema tece-se de carne:  
tem de doer  
ou fazer gozar

O poema tece-se de luta:  
não está acima  
de qualquer suspeita

## O que diria Deus se fizesse auto-crítica

Prometi-te nuvens,  
bem sei.  
E luz.  
Aqui tens  
o que salvei:  
uma cruz.

## O outro lado das coisas

As palavras são fundantes?  
Também desagregam.

O amor cega?  
Também revela.

O ódio destrói?  
Também liberta.

A dúvida paralisa?  
Também inspira.

A coragem é altruísta?  
Também é soberba.

O medo atrapalha?  
Também protege.

A vida é tragédia?  
Também é gloriosa.

A morte é o termo?  
Também é recomeço.

## Crime perfeito

O dia morrendo tranquilo  
sem testemunhas

O mar  
nada além

que o mar  
e seu vai-vém  
despreocupado

Um sol temerário  
incendiando o crepúsculo

Um corpo deitado

Eu entro em ti bravamente  
como um corsário  
e tu sucumbes sem dor  
de repente





## JOÃO MAIMONA\*

---

\* João Maimona nasceu no Uíje aos 8 de Outubro de 1955. Obras Publicadas: «Les Roses Perdues de Cunene» (1985), «Trajectória Obliterada» (1985), Prémio Sagrada Esperança – 1984, «Traço de União» (1987), «As Abelhas do Dia» (1988), «Quando se Ouvir o Sino das Sementes» (1993), «Idade das Palavras» (1997), Prémio Sagrada Esperança – 1996, «No Útero da Noite» (2001), «Festa de Monarquia» (2001) e «Lugar e Origem da Beleza» (2003).



## Poema para *Carlos Drummond de Andrade*

*No meio do caminho tinha uma pedra.*

*C.D.A.*

É útil redizer as coisas  
as coisas que tu não viste  
no caminho das coisas  
no meio de teu caminho.

Fechaste os teus dois olhos  
ao *bouquet* de palavras  
que estava a arder na ponta do caminho  
o caminho que esplende os teus dois olhos.

Anuviaste a linguagem de teus olhos  
diante da gramática da esperança  
escrita com as manchas de teus pés descalços  
ao percorrer o caminho das coisas.

Fechaste os teus dois olhos  
aos ombros do corpo do caminho  
e apenas viste uma pedra  
no meio do caminho.

No caminho doloroso das coisas.

## O poema da sentinela

A sentinela vinha. Cruzava os pés à porta  
do meu jardim.

A sentinela da porta  
das portas do meu jardim vinha  
à hora primitiva.

Chegava. Cuspia na minha relva.  
Como para render homenagem  
ao meu sangue. É tão fácil  
fazer a retrospectiva!

A sentinela vinha. Cruzava os pés à porta  
do meu jardim. Cuspia na minha relva.  
Enumerava as portas do jardim.  
Perdido em declamações que acabavam  
à porta das portas do jardim  
não recordava os seus filhos. Suas trevas.  
Seus caminhos.

Era o seu poema. A porta das portas do jardim.

## As muralhas da noite

a mão ia para as costas da madrugada.  
as mulheres estendiam as janelas d'alegria  
nos ouvidos onde não se apagavam as alegrias.

entre os dentes do mar acendiam-se braços.

os dias namoravam sob a barba do espelho.  
havia uma chuva de barcos enquanto o dia tossia.  
e da chuva de barcos chegavam colchões, camas,  
cadeiras, manadas de estradas perdidas  
onde cantavam soldados de capacetes  
por pintar no coração da meia-noite.

eram os barcos que guardavam as muralhas  
da noite que a mão ouvia nas costas  
da madrugada entre os dentes do mar.

## As moscas do horizonte

Sob a escuridão das estrelas.  
As moscas de asas largas encontram os caminhos:  
Espalham as patas frescas  
através das luzes e dos mistérios da imagem salgada.

Na noite de quebrar o fogo do barco:  
a asa esquerda desliza sobre a paisagem imunda  
a asa direita – aberta sobre os horizontes  
e as fronteiras obscuras  
vai rompendo os desejos dos corpos translúcidos.

São as chamas da minha terra húmida – essas moscas  
nuas como os pássaros da rua estagnada.

## Ramos de grito

Entre a estrada e a catástrofe  
entre a sombra e o naufrágio  
as abelhas descobrem a espuma  
azul e solitária.

No silêncio distante, ardente silêncio  
No íntimo das nuvens, tombam chamas  
que agasalham as lágrimas.

E das lágrimas da garganta sem universo  
vejo os crepúsculos que se diluem em penumbra  
e dos dias tristes, das noites que murmuram  
dores e suspiros rampantes  
apenas sobressaíram corpos envoltos em gritos

doces gritos que escorrem pela estrada.

## Acalmia ruidosa. Em quatro sinos

### 1. instante inicial

eis a história das sílabas igualando  
os confins das linhas de água.  
a alegria peregrina percorre cidadelas  
como as sentinelas do mar: as águas  
vêm dar à beleza das sílabas  
como se houvesse um luminoso  
reencontro: era o instante inicial.

## 2. primeiro instante intermédio

esperava que a paisagem pintasse  
noites vizinhas. e insígnias rebuscando  
cacimbos numa desconhecida povoação.  
porém, apareceram riozinhos esverdeados  
iluminando armadilhas, angústias  
e telas infernais: a nação comum  
encerrando torturas sobre as lágrimas.

## 3. segundo instante intermédio

parecia um reino de pasto fascinante  
suficiente para enriquecer estômagos estranhos.  
precioso? os rios não diziam o contrário.  
e desfilava maldita miséria insuficiente  
para desencantar a plenitude humana.  
em reino que raspava a fortuna  
crescia a flor do dia frequentando  
abraços virgens. ricos em sonhos enfeitados.

## 4. instante final

teria o solo da eternidade outras cinzas?  
onde adormece o abrigo crescem  
um insondável silêncio e delicadas  
folhas cuja cor saúda a origem da sombra:  
todas as cinzas pronunciavam a eternidade.  
era a repetição dos passos e imagens.  
imagens estáticas do milénio anterior.

## Só

Só. ao pé da lavra. adormeço.  
e reinvento o silêncio. refaço minha epiderme.  
saúdo ovelhas entre história e cinzas.  
vejo a lâmpada do caminho. a mão que lê  
a gravura atravessa a praia peregrina. só.  
sou a nova previsão que anuncia os séculos.  
uma mão real indica o lugar à noite sedentária.

## Surpresa dos lábios

do brilho das janelas surgem admiráveis  
dignitários da harmonia.

quando cumprimentava as máscaras  
da floresta, redondo eram os quartos  
onde se dissipavam seios queridos.  
lábios de morcegos tranquilos.  
e mulheres que sabiam visitar forasteiros.

e do brilho das janelas cresciam  
jornadas de crueldade gelada.

ligeira a convicção na imobilidade  
das árvores . o leito do poema  
que despertava um perfume de assédio.  
taciturna ferida . o brilho das janelas  
e as sete pedras convertidas em abismos  
ligeiros.



entre a surpresa dos lábios e as jornadas  
de crueldade gelada, a chama inabitada.

entre a invenção da palpitação e o leito  
do poema, a água abolida das estações.

enquanto as mulheres se enfeitam com  
o colar das nações, treme a cidade inacabada.

terão os lábios abandonado suas muralhas?  
terão os quartos entregues à harmonia  
deixado de ocultar seios queridos?  
ou terá a surpresa dos lábios reconstruído  
suas muralhas à porta da cidade inacabada?

o cio das estações cancelava  
uma imensa transparência.

## Pastoral das meninas em repartidas estradas falantes

dissecar o dia prometido às aves  
após o cantar de passos  
antes que a chama da boca  
se aproxime da noite  
ausente do abismo.

entre imensas estrelas  
libertando asas  
cresce a branca solidão do silêncio:

são luminosas estrelas falantes  
sobre as ondas da Huíla.

e renasce um céu de profunda imortalidade  
multiplicam-se gatos e cadelas  
antes que a chama da boca se aproxime  
da noite ausente do abismo.

e mesmo o esquecido dia  
com placas e imagens a claudicar  
a modesta noite do jardim alheio:  
a alegria que celebra as ondas de pé:  
vêm contar a infância dos meus passos  
a interminável festa sobre os ombros  
antes que a chama da boca se aproxime  
da noite ausente do abismo.

aqui e agora acabo de fecundar sombras  
anestesiadas por cidades em exílio.

## Instante da luz

a ponte e a intimidade do sinistro  
o sinistro e a intimidade da ponte  
a ponte e o sinistro da intimidade  
a intimidade e o sinistro da ponte  
o sinistro e a ponte da intimidade  
a intimidade e a ponte do sinistro:  
e o deserto pretendia desenhar  
uma matéria visivelmente crucificada.  
interditas as cidades premeditavam

em vésperas do sol. magros se tornam  
os caminhos e dilatadas as pedras.  
e subitamente o dia anuncia  
sua injustiça: inocente a latência  
da linha vertical precipita a alegria  
do estábulo: surge a terceira lua.  
exasperada. a música no limiar  
da linha horizontal vem salvar rostos  
que lêem a imprensa dos elefantes:  
estende-se a água flácida onde  
a pedra exhibe brilhantes árvores  
soberanas: intacto era o instante  
da luz proferindo a ponte e a  
intimidade do sinistro.



## JOÃO TALA\*

---

\* João Tala nasceu em Malanje aos 19 de Dezembro de 1959. Obras Publicadas: «O Gasto da Semente» (2000), Prémio Literário Sagrada Esperança, «Lugar Assim» (2004), «Os Dias e os Tumultos» (2004), Grande Prémio de Ficção da UEA, «A Vitória é Uma Ilusão de Filósofos e de Loucos» (2005) e «Surreabumlando» (2005).



## Fonema d'orvalhos

Dou aos meus versos a sonolência dos teus gemidos  
porque não encontrei outra mulher que me aguardasse  
com o pote d'orvalhos viçosos:  
manhãs de água se levantam no ímpeto  
nutres as peles de meus tambores na humidade  
para não mais esquecer as vogais despertas da erosão  
desde o primeiro calvário ao hímen nucleado  
que estendas nos meus braços de fome.

## Colheitas uterinas

Da paisagem testemunhei a prova de fogo  
o silêncio material e a riqueza metafísica.  
Na tua lavra, irmã, há colheitas uterinas:  
uma nova viagem para que nos regressemos  
nós mesmos na indiferença.  
Liberdade sem medo, conta os dedos da  
tua mão procriada conta p'ra nação:  
nosso machado secreto canta pela raiz  
– Tens essa noção de fogo em tua tabuada?

## A mulher é a pátria do homem

Tomei dessa mulher os braços,  
a medida das pernas, o  
pensamento;

um rosto africano  
um busto de rapariga  
corpo de líricas  
coisa alguma entre  
as mãos

ela é húmida e gratuita  
faz-me encher o sermão

habita entre as minhas palavras  
como a memória que anoitece

e, dos meninos que lhe nascem na língua  
das grandes colheitas na nudez espiritual  
marca-me a idade do sonho: cresço

e me abismo da história.

sonho a íris a estrela nas suas órbitas  
e vivo desse sonho que habita a profundidade

como d'águas que se debruçam  
na profundidade  
dessa incriação masculina

onde rescreei os pés.



## Além da forma das sementes

Todas as palavras de um ngoma são  
lamentos da civilização. Tudo o que  
pronuncio é um continente sobre  
a memória dos ngomas

mas cada língua é uma nação de conversas  
fortalece a raça do espírito o poema da  
plebe

e este povo-irmão dissemina na minha  
memória o continente erguido da semente.

## Dou à escrita meus tormentos

Com medo dou à escrita o que pertence  
às vitórias;  
narro a fadiga o funeral da  
abundância;  
arrastei corpos iletrados e maravilhas  
dos palácios e mesquitas;  
disseram-me que calasse atentavam  
contra as palavras;  
feriram o pensamento;  
as palavras vieram juntar-se a  
tudo quanto não vi.  
nunca mais verei nada!,  
apenas o que disse das  
palavras impacientes nas minhas retinas  
demistificadas.  
e deram-me um tiro na retina.

## Apenas palavras de redenção

Os dias fundam breves caminhos sobre  
as palavras.

Não reclamo palavras economizadas,  
a grande fortuna, não.

Nem uma imagem profunda nem  
um abismo em nós.

Não reclamo palavras estafadas ou  
mesmo ressentidas, marcadas de novas  
[cicatrizes, não.

Apenas reclamo palavras de redenção  
guardadas entre as revoltas.

## A Tradução do amor

É um compêndio o amor. Caminho de muitas coisas.  
Tem coisas novas e outras tão velhas  
como são os ventres de raparigas aos estertores;  
como o amor de Neto e os suspiros de Eugénia.

Rimas perdidas – não mais a casa da rima  
onde escolhesse uma embriaguez e matutasse  
às cores do **divumu**. Sobre esta pedra que  
não para de pensar porque estou sentado nela  
e ela me tem como a um esposo, sobre esta pedra  
concluo a noite.

O amor é a nocturnidade é um compêndio solto.  
Qualquer que seja a página que rasgue da noite,  
o amor sangrará.  
Este é o longo caminho e metade de mim mesmo.  
“Sabes o que é o amor?”  
Quem responderá quem fortalece sua própria insónia?  
Todo este tempo que amei é uma insónia.

## E as pupilas ardem

o mínimo que posso pronunciar é uma palavra pontilhada,  
um grão. talvez uma pupila que ninguém abriu.  
sedento de enigmas configura-me rosto de estio, essa secura  
ajusta-se às minhas palavras através desta face enchida de  
olhos veementes em sinal de fogo. o fogo posto na carne



## JOÃO ABEL\*

---

\* João Abel Martins das Neves nasceu em Luanda aos 6 de Julho de 1938. Obras Publicadas: «Bom Dia» (1982) e «Assim Palavra de Mim» (2004).



## Alegoria ao sol

Naquela tarde havia sol, irmão...

Sol

brincando às esquinas  
colorindo as cubatas  
enfeitando os olhares...

Havia sol

irmão!...

As crianças saltavam

na areia encarnada

correndo e brincando

fazendo bonecos

– bonecos de barro

entregues ao Sol

nessa tarde infinita

em que tu

irmão

olhavas nos olhos

da fiel companheira

um destino melhor.

Havia Sol, irmão...

E as roupas secando

em acenos de paz

afastavam a dor

que na tua alma sem brilho

se fora acoitar.

As galinhas ciscavam  
no pequeno quintal,  
e as moças sem graça  
entregues à noite  
riam p'ro Sol  
que nessa tarde infinita  
havia.  
irmão.

Havia Sol,  
– Sol nessa tarde  
Sol  
a brincar às esquinas  
a colorir as cubatas  
a enfeitar os olhares  
Sol  
irmão!  
Sol  
que tu procuraste  
erguendo as mãos  
simplesmente tocar.

## Bom dia

Ora então  
bom dia minha gente  
sadia

Aqui vai o meu bom dia enorme  
polvilhado em toda a dimensão  
da hora verdadeira em que nós somos gente



com toda a força de todos os caminhos  
 Bom dia por aí  
 cheio da beleza de tarefas de alegria  
 e senso positivo  
 rigorosamente positivo  
 tal como este instante de sol que nos abraça  
 neste bom dia apanágio  
 neste gesto sempre eterno  
 corre corre envolve tudo  
 no tudo deste bom dia

Bom dia irmã Salomé  
 pai João avó Rosária,  
 sorrisos para vocês  
 Bom dia rios e pássaros,  
 cidades e matagais  
 mussocos e estradas de mar  
 Bom dia rostos e rostos  
 palavras gestos e actos  
 minha sonata de vida  
 em cada gota de pão

Bom dia mãe Isabel  
 mãe do meu reino do mar  
 benção do meu procurar  
 dos meus sons e dos meus muros  
 Bom dia senhor doutor  
 Dona Chica carro grande  
 servente para o jardim  
 com uma flor diferente  
 para cada sol de manhã

Bom dia meninos de escola  
 Bata branca suja d'óleo

Pés descalços na lagoa  
correndo minutos e horas  
num Dinguir de aventuras  
de cajús e tambarinos

Bom dia na palma da mão  
na tela dos largos fantasmas  
altas casas avessos cheios  
fomes frios e sedes  
gente toda minha gente  
bom dia para vocês  
em labaredas de rosas  
campos e campos de asfalto  
bandeiras astros e cantos  
dedos frutos labirintos  
medalhas e símbolos abertos  
chuvas e feras e bruxos  
logarítmos e átomos  
sonos portas e estatutos  
esquinas vontades mitos  
Oh terra da minha gente  
ao suor desta manhã,  
aqui está o meu abraço  
que eu grito no canto enorme  
do calor do nosso sol  
aberto de par em par  
ao meu bom dia constante  
Aqui estou eu homem todo  
num gesto de amor total  
em cada rosto que passa  
cheio de pressa em chegar  
sem jeito de poder ir  
Eu homem músculos barro  
palavras e movimento

sangue nervos e vontade  
no encontro comum dos sons  
da manhã desta cidade  
repetindo por aí fora  
o meu bom dia de gente

## Apontamento

curvada ao peso  
ao peso brutal  
dos blocos de pedra  
e os olhos no chão  
os olhos na terra  
anda na obra  
levando o cimento  
a pedra e a cal  
ao mestre pedreiro

e curvada ao peso  
ao peso da vida  
de lágrimas secas  
e sangue sem vida  
traz o seu filho  
preso nos panos  
nas costas curvadas  
ao peso brutal  
do cimento e da areia  
que leva cantando  
ao mestre pedreiro

## Madrigal sete

encontrar-te

no alvo das chifutas  
as lágrimas ondulando  
o equilíbrio que te fale  
que me grite ou interrogue

percorrer-te  
no voo das marimbas  
os hinos ecoando  
a flor que te transforme  
que me cante ou calcurreie

festejar-te  
na semba deste povo

## Quando eu morrer

quando eu morrer  
veste o teu vestido branco  
e com uma rosa encarnada  
vai encharcar-te de mar

bebe vento em cada gota  
do encanto do dia a chegar  
e entende as palavras todas  
que te entrego som a som  
na fúria verde do gesto  
de um mirangolo qualquer

corre o círculo dos sorrisos  
 na firmeza da partida  
 e esquece o medo das nuvens  
 que abraçam a nossa distância

e se ao longe me vires a acenar  
 ri-te do louco que eu sou  
 por ainda pensar em ti

toda vestida de branco  
 desfolha a rosa encarnada  
 escrever o meu nome na praia  
 e vai encharcar-te de mar

## Destempo

Não há já mais tempo para pensar  
 aqui neste luto de certezas  
 o país bem mais que a geografia em nossas veias  
 com os recados das novas madrugadas  
 cada vez mais sonhos naufragados  
 e nós sem sítio de poema  
 e nós a tempestade  
 e nós o lume de grito combatente  
 que cai rebelde na chama da canção  
 sem irmão tão breve

Que o tempo não cabe num chegar de mãos  
 que o cedo se tarda e o vento se confunde  
 com o mar onde navegamos

Não há já mais busca que encontrar  
aqui neste pedaço de pedra conseguida

Outros virão buscar-me  
violando a fronteira da palavra  
e defronte do muro  
venderão as palavras que afirmei

## O mar não é só aquele interminável espaço

o mar não é só aquele interminável espaço  
permanentemente ondulado pela tirania das marés

o mar também tem ruas  
a ziguezaguear as suas serranias

e se tem ruas  
também tem largos e avenidas  
por onde desfilam os grandes carnavais

esquecidos dos becos  
aonde nunca chegam as obras

## Não tenho retratos amarelecidos

não tenho retratos amarelecidos  
dos meus antepassados  
não tenho jazigos de família  
nem diários escondidos no baú do sótão

não tenho medalhas herdadas  
 nem sei das fomes dos meus avôs chicoteados  
 e das revoltas das minhas avós  
 silenciadas

não tenho escrúpulos a esquecer  
 para ser aquilo que sou  
 aqui  
 neste meu lugar no mundo

não tenho que aplaudir as botas  
 que esfrangalham o meu jardim  
 nem tenho de acenar  
 em janela alguma  
 ao festejo de mais uma comemoração

ao sol diário do meio-dia  
 revivo o gosto que tenho  
 desta certeza  
 de país  
 em construção

## Confesso-vos

confesso-vos  
 que gosto de flores  
 como gosto das verdades

de umas mais  
 de outras menos  
 de umas mais cheias  
 outras tímidas  
 mais distantes

mais raras  
mais verdades verdadeiras

umas agora  
outras nem tanto  
umas enfeitáveis  
sedutoras  
outras laváveis  
airosas  
capazes como a promessa

confesso-vos  
é triste  
não ter jardim



## JORGE NTYAMBA\*

---

\*Jorge Gonçalves Mateus NTyamba nasceu na Huíla aos 23 de Novembro de 1957. Obras Publicadas: «Huambo, 56 Dias de Terror e Morte» (1995) e «O Templo do Voo» (2006).



## Náufragos

As pedras oferecem  
Explosivas gargalhadas  
Que brotam  
Dos seus rostos humanos  
Semelhantes aos das árvores  
E das nuvens.

Os rostos  
Ausentes do rio feminino  
Que flui, flui...  
Enquanto isso o copo  
Vai tirando a mesma água  
Muitas vezes.

Flui o rio  
E é anulado o rosto,  
Flui o rio  
P'ra lado nenhum,  
Ficando à tarde  
O pôr-do-sol  
Sem memórias.

A sua alma pastoril  
Se esbate  
No refluxo das ondas  
Ora suaves,  
Ora turbulentas.

Os raios do sol  
Inclinam-se frios,  
O arco-íris

Cobre-se de pó  
 E a terra  
 Monumental costa marítima  
 Vira cais de náufragos.

## A tristeza

Céu carregado  
 Lágrimas contidas  
 Dia acinzentado  
 Caras mal humoradas.

Prolongada depressão  
 A alma é incapaz,  
 Haja sólido coração  
 Convivendo com a paz.

Quando o sol se abrir  
 A gente da minha rua  
 Fará a luz não mais fugir  
 Contra os loucos da lua.

Prolongada depressão  
 A alma é incapaz,  
 Haja sólido coração  
 Convivendo com a paz.

Que na casa  
 Não faça morada  
 A tristeza  
 Da cara carregada.

## Prisioneiras

### I

Rebentos do tormento,  
Atrás do morro verdejante  
Entrada, Mukuiu imponente  
Licor do conto.

Indignidade bestial  
Brilhava estrela inventiva  
Maria-corre-lá esquindiva  
Troféu do guarda brutal.

Rasga cortina da memória  
José Calonga driblado  
Pelos macacos da estória.

S. Nicolau dos dendém  
Jardim-escola das palmeiras  
Das prisioneiras do desdém.

### II

Ainda zune no ouvido  
Alegria cantada  
Pela criança  
A arrelhar o conformado.

Do mandante  
Recebera como faina  
Amarrar a criança traquina  
Aos pais na corrente.

Nos sábados  
Escola 208 explodia  
Na canção dos marcados.

Distantes queimavam  
O velho prisioneiro,  
Inocentes cantavam:

Enrolando, desenrolando  
Puxa, puxa: tam, tam, tam!  
É assim que o sapateiro  
Faz as botas tão bonitas.

José Calonga, José Calonga  
Lhe fintaram nos macacos  
Os macacos foram assim  
José Calonga foi assim.

E esquecidos cantavam ...

## JOFRE ROCHA\*

---

\* Roberto António Victor Francisco de Almeida nasceu no Bengo aos 5 de Fevereiro de 1941. Obras Publicadas: «Tempo de Cício» (1973), «Estórias do Musseque» (1979), «Assim se Fez Madrugada» (1977), «Estórias de Kapangombe» (1978) «Crónicas de Ontem e de Sempre» (1984), «Estória Completa» (1985), «60 Canções de Amor e Luta» (1985) e «Meu Nome é Moisés Mulambo» (2003).





## Canção do crepúsculo

morrem  
na paleta do sol no ocaso  
os derradeiros tons

ao raiar da aurora  
floresce a luta

e o amor renasce

## Menino de rua

um coração de pedra  
não sente  
seja embora coração

um coração de ferro  
não chora  
nem arde nas brasas  
de uma paixão

só um verdadeiro coração  
de homem  
grita e soluça  
com a dor da criança

## Poema

espigas negras  
despertam fome  
em bocas enxutas

a terra em cinzas  
denuncia horrores  
carrega pesar

clama maldições  
a noite

na chuva adiada  
só aluem cansaços

## Momento I

o homem é uma ilha  
só ilha  
por todos os lados  
cercado de fome  
de sede  
de raiva

o homem é  
só ilha  
entre terra  
e céu  
entre mar  
e infinito

## Momento II

sobe  
de nossas entranhas  
um sabor acidulado  
a fel  
estremecendo  
nossos nervos  
temperando  
nosso sangue

## Morrer na madrugada

se morrer na madrugada  
não me acordem  
deixem-me dormir o sono calmo  
de quem sonhando  
levou a vida

se morrer na madrugada  
meus amigos  
meus inimigos  
não busquem misteriosas causas  
não inventem histórias  
de santas e kimbandas

sepultem-me  
no pico do monte mais agreste  
na raiz  
do mais doido vento

sem batuque nem komba  
sem pranto ou espanto

sem canjica nem carpideiras  
sem dor nem quebranto

deixem-me dormir o meu sono

se morrer na madrugada  
peço, não me acordem  
deixem as estrelas contaminar-se  
na magia do meu sono

## O preço

uma bala  
só p'ra mim  
desta guerra  
o prémio

uma bala  
minha vida  
desta vitória  
o preço

## Madrigal para Maria

tu sabes, maria  
tu sabes  
te amo  
te amo muito, maria

se o não soubesses, maria  
nem sei

maria, nem sei  
se alguma vez  
to diria

mas sei que sabes  
maria  
te amo, Maria  
te amo muito, maria

## Contra o apartheid

corpo a corpo  
morto a morto  
também morremos um pouco

e não é que assuste  
a morte  
em soweto

só o silêncio dos mortos  
corpo a corpo  
na vala comum  
acusa a infâmia  
do apartheid

entretanto  
morto a morto  
em soweto

também morremos um pouco

## Nós

e agora  
que o céu escureça  
que as aves emudeçam  
que sequem os rios nas nascentes  
que o mar se rebele  
que o coração ígneo da terra  
vomite lava e peçonha

agora  
que soprem os ventos  
do norte e do sul

continuaremos  
aguardando a flor primeira  
que eclodir no amanhecer

## JOHN BELLA\*

---

\* Jonh Bella nasceu em Luanda aos 30 de Setembro de 1968. Obras Publicadas: «Água da Vida» (1995), «PANELAS COZINHARAM MADRUGADAS» (2001), «A Canção Mágica» (2001), «Cântico Romântico (à Paz)» (2003), «A Esperteza dos Animais» (2006) e «A Lenda do Gato e do Rato» (2006).





## Panelas cozinham madrugadas

As gralhas do tempo me acusam  
de um dia beber das sementes  
fruto do seu nevoeiro

há uma melodia nas cores  
disso recordo-me  
um dia ter decifrado

se panelas cozinham madrugadas  
com temperos euro-demoníacos  
não quero ser convidado

deixem-me em paz  
paz...  
suplico-vos.

## Meus olhos menstruam

Meus olhos menstruam  
dores diáfanas do tempo  
que vou caminhando em mágoas.

Horas misteriosas acontecem  
amizades distorcidas permanecem  
e o mar do meu sol  
vem por vezes (so)correr-me  
abraçar, fingir que está tudo bem  
quando por dentro é verdade  
o fruto nada em frangalhos.

## Agora sim... não é poesia

Venham ver por favor  
 hipocrisia do ovo  
 nesta terra da graça  
 são poetas que gritam  
 por um pouco de justiça  
 são pedras que dizem  
 não ter nada para dar  
 ah! e o diamante  
 nos olhos da minha namorada???...  
 o ouro jorrado preto  
 no caderno dos políticos???...  
 a (des)graça nesta terra  
 só cai do «empire state»  
 direito à caneta do poeta?!...  
 oh, por favor  
 inventem outros planetas  
 que até mesmo em Marte  
 o poeta lá torra milho  
 depois o reserva paciente  
 em jura gaveta escolhida  
 mas venham por favor ouvir  
 gemido dessas areias  
 já invadiram mar  
 agora vão a caminho  
 das pálpebras lunares  
 e eles repetem...  
 Agora sim... não é Poesia  
 é desabafo!...

## Cheiro azul

Com olhar silencioso  
 águas do rio cerram punhos  
     são quatro as fases da lua - tonta  
 n' época nua  
 em que o velho conta cena  
 marés beijam-se enlouquecidas  
 no farfalhar dos sonhos  
 em q' há pouco p'ra comer

nada mais resta no celeiro  
 senão olhos da resistência pelada  
 saboreando restos mortais  
 onde a cor do sangue é verde  
 e cheiro da madrugada, azul!

## Embebedaram a chuva

Acorrentaram a madrugada  
 e...  
 com vinho feito de sei lá quê  
 embebedaram o período da chuva  
 este... não sangrou  
 viu a respiração dos sonhos chocar realidade  
 e na verdade  
 lama produzida pelos lábios da flor  
 enfeitiçou de odor a dor e as paredes moribundas

mesmo assim...  
 chuva en cantou noites



## JORGE MACEDO\*

---

\* Jorge Macedo nasceu em Malanje aos 14 de Outubro de 1941. Obras Publicadas: «Itetembu» (1966), «As Mulheres» (1970), «Pai Ramos» (1971), «Irmã Humanidade» (1973), «Gente do Meu Bairro» (1977), «Clima do Povo» (1977), «Voz de Tambarino» (1978), «Geografia da Coragem» (1989), «Página do Prado» (1989), «Literatura Angolana e Texto Literário» (1989), «Poéticas na Literatura Angolana» (1989), «Sobre o Ngola Ritmos» (1989), «O Livro das Batalhas» (1993), «O Menino com Olhos de Bimba» (1999), «Ternura de Olhos Verbais» (2004), «Apontamentos Históricos 1979-2000» (2004), «As Aventuras de JóJó na Aprendizagem da Língua» (2004) e «As Mulheres» (2006).



1.

ardendo  
na  
pupila  
uns dos outros  
no  
coro  
às vozes  
perpassados  
do mesmo calor  
invadem  
este  
desenho  
de e s p e r a n ç a

aos olhos deste hoje

descortinado

1.1

ao início virado  
para a invenção  
da idade  
dos barlaventos gordos  
e não adiados

para

o verdadeiro rosto  
das estações do ano

1.2

o sentido  
simples  
das aragens

a mensagem  
para  
o tempo  
sulcado

de futuro

2.

é o começo  
destoutro  
pendor das luas

o reeducar o gado  
noutra fala  
de amanhecer

no cimo do monte  
no campo  
rasgado  
noutro raiar  
do equinócio



3.

o abril  
da  
aragem  
as serras  
na dentição  
(menina)  
assim como a gazela  
buscando o saber crepuscular  
ao  
v  
e  
n  
t  
o  
da possessão

3.1

o abril  
aberto  
ao número mil  
de cada  
gesto  
procriativo

o aberto abril aberto  
o galho  
a força inundante  
o gargalh (ar)

do clima  
à chuva  
do maduro

### 3.2

é a idade  
por crescer  
no tamanho  
da imensidade

por onde se tornam  
extensivos  
os dias dilatados

em torno  
da vitória

## Tu és a mais nobre angústia

esmagados os lábios de onde torrencial  
esboçou o sorriso impossível  
com que as crianças atearam estrelas  
paradoxais os olhos que forjaram auroras  
abatendo promontórios amotinados

a chaga

com a teimosia da ternura



## No domingo do ébrico

as árvores tropeçam os pés  
no descanso dos cães  
feitos pedra de arremesso

E onde atropelam a quietude da sombra  
que dá gozo às pombas  
a tempestade  
é bebida  
como espectáculo amoroso

de indizíveis vinhos

## Na tenda do relaxe

Quando azulado de remanso  
Dirceu entardecia  
e Outubro despido de afago  
de entardecimento se cobria  
um alado sossego de lenta intensidade  
se passeava no rosto prófugo  
de ágeis buganvílias  
e no lato Lago Míriam  
encaracolados os cisnes distribuíam  
incríveis fascínios  
aos mirones  
que aí iam despir ludicamente  
a pele acre do mau tempo

## JOSÉ EDUARDO AGUALUSA\*

---

\* José Eduardo Agualusa nasceu no Huambo aos 13 de Dezembro de 1960. Obras Publicadas: «A Conjura» (1989), «D. Nicolau Água Rosada e Outras Estórias Verdadeiras» (1990), «Coração dos Bosques» (1991), «A Feira dos Assombrados» (1992), «Lisboa Africana» (1993), «Estação das Chuvas» (1997) e «Nação Crioula» (1997).



## Malisela Benjamim Moloise

Fazia sol  
E um silêncio muito manso  
Nesse dia.

Fazia Sol

E a tarde corria plácida e quieta  
Quem diria  
Que nesse dia matavam um poeta  
Nesse preciso  
Nesse exacto dia.

## Nkosi Sikelela África

Trago o corpo tatuado  
Com figuras de guerra, trago um javite  
Preso à cinta  
E uma lança na mão.  
E trago o desespero inteiro desta terra  
No coração.

Trago os dentes afiados par o combate  
Trago uma flecha nos dentes  
E um arco na mão.  
Trago os Kissondes e as serpentes.  
E uma ferida aberta no lugar do coração.

## Baía dos Tigres

Sobre o teu corpo pálido  
Suado  
Tubarões sem dentes apodrecem  
Presos ainda às redes.

Em pleno sol as casas  
Morrem de sede.

## Herói até aos Dentes

Claro que sorria  
Nada sabia da Morte  
Nem de como é frágil o corpo de um homem  
Um tiro, um corte.  
Qualquer coisa.

E dormem!...



## JOSÉ LUÍS MENDONÇA\*

---

\* José Luís Mendonça nasceu no Kwanza Norte aos 24 de Novembro de 1955. Obras Publicadas: «Chuva Novembrina» (1981), Prémio de Poesia Sagrada Esperança, «Gíria de Cacimbo» (1986), «Respirar as mãos na Pedra» (1988), Grande Prémio Sonangol de Literatura, «Quero Acordar a Alva» (1997), Prémio de Literatura Sagrada Esperança – 1996 ex-aequo, «Se a Água Falasse», Prémio dos Jogos Florais do Caxinde – 1997, «Logarítimos da Alma» (1998), «Gramática do Amor Contemporâneo» (2002), «Ngoma do Negro Metal (2000), «Cal e Grafia» (2004), «Nua Maresia» (2005), Prémio de Literatura UEA 2006 e «Um Vão de Borboleta no Mecanismo Inerte do Tempo» (2005), Prémio Angola 30 Anos.



## W.C.

Retomo ao templo de papel na mão

São estas as quimeras mortas  
atravessando o ânus dos jaguares  
sentados no capim de eu ser Junho

A noite bebe prata pela mão dos grilos  
É este o quarto de água  
onde a asa de nicotina  
lencíssima  
boceja

## Habitação

Às portas do mundo a minha casa é este  
rio que não dorme como um rio  
Precisavas caminhar dias a fio  
a planície onde os navios que havia  
dão à luz a inexistência do real  
De faxina à poeira e uma máquina  
de contabilizar o esquecimento

## Destino de tambor

Queria ser hoje destino de tambor  
de petróleo invendável num templo judeu  
luna-parque aceso de furúnculos vermelhos

beladona bebida a mil kwanzas o dedo  
de um verbo imortal que perdeu a cabeça  
o suor dos frutos onde chocalham cães  
e crianças com lâminas chinesas na boca

## Anoitece

Anoitece. Sou um caminho  
sentado sobre o sentir-me  
pedra, oiro e sangue.  
Os dias regressam à sombra  
do meu verso afiado.  
Velhas de panos riscados  
esquecem tabaco na esteira  
branca do meu coração.  
Anoitece sobre o sentir-me  
pedra, oiro e sangue.

## De Gravata

Homens de gravata à beira-rio  
comem mangas geométricas sentados  
sobre os rins do meio-dia.

Uma negra sereia aos pés dos homens  
come os rins do meio-dia carcomidos  
pelas mangas de gravata à beira-rio

## Um canto para mussuemba

Ó mãe dos gafanhotos  
 sentados na lavra da boca deserta:  
 quantos comboios pariu a tua fome  
 sobre tijolos gravados ao corte da língua?  
 O abecê do tempo sangra no pilão  
 e a chuva de Abril nos cafeeiros  
 é a mulher kilombo, dizem  
 morreu um leão no fogo do teu ventre  
 onde caminhei de animais na mão.

## Anjo dialógico

Me alimento dos claros instrumentos  
 da água venal das estações  
 tectos de zinco calcinados  
 onde a chuva de Setembro polariza máscaras  
 de um reino mitigado por erosões de tristeza, pó & consternação  
 Alguns sulcos de emoção asseguram-me este lugar  
 de anjo dialógico num país de naufragos  
 engenhos de olhar e ouvidos arrancados  
 pelo refinamento de submarinos pássaros  
 São estas palavras a poeira  
 que a língua bebe à boca do vento  
 a cicatriz do gesto onde se exila  
 a escrita de virilhas ao sol

## Provérbio

Eu nada sei morri demais domingo muito mal o português  
mas deuses há que decretaram para mim  
um verso vivente  
entre as coxas de prata do relâmpago.

Só ele viaja  
em voo executivo  
a língua aromática dos poentes marcados  
a golpes de café robusta.

Só ele vê  
o peixe bater asas no rosto suspenso  
do mundo com suas mãos de gelo  
tocando a harpa unânime do terceiro milénio

Que importa  
que seus pés sitiem  
deste dia alísio  
o calafetado coração de fardo?

## Sangrantes pedaços de metal

Sangrantes pedaços de metal  
sombras de um mundo reclinado  
sobre asas de pombas terebintinas  
ir por esse reino persa agora

que as mãos dos mineiros já não escoram  
os comboios subterrâneos do infinito

sonho contigo esta manhã de cal na alma  
ó mítico mercedez-benz descapotável com três miúdas de mini saia  
dentro do motor  
e faço-te mover a combustão da memória  
nesta auto-estrada de olhos cromados pela órfica dimensão do poente  
sonhos do meu mundo reciclado  
por quimeras de pombas terebintinas.

## De asas sob a terra

Beijo o teu rosto, Luanda,  
malar vigília de pássaros  
estrangulados

cheira a crepúsculo e água  
teu sexo aberto  
ao gume dos astros

ó tambor do sangue  
espuma de um  
tempo de metal à proa

que mãos  
te alijam o som  
de asas sob a terra





## JOSÉ SAMWILA KAKWEJI\*

---

\* José Samwila Kakweji nasceu em Caianda, Província do Moxico ao 15 de Agosto de 1943. Obras Publicadas: «Viximo» (1987), «Viximo II» (1989) e «Gira-Bola na Selva» (2006).



## Grande soba

Vou por um caminho  
E vejo vir devagarinho  
Um grande e uniformizado soba.  
A mastigar bagos de ginguba.

Se calhar é o mata-bicho  
Qu'ele vai metendo no bucho.  
Vem mesmo calmo, sozinho,  
Bem devagarinho, coitadinho,

Numa deserta rua,  
A comer ginguba crua,  
Sem a mínima pressa.

Lá longe, a gente passa  
Sem fazer barulho  
A caminho do trabalho.

## Refeição de katete

Vindo, cansado e famélico da escola,  
Encontro a minha refeição de katete<sup>1</sup>  
Ou de xima<sup>2</sup> acompanhado de mutete<sup>33</sup>  
E encosto ao lado a minha sacola.

Por momentos, o caderno e a ardósia,  
Que tenho na sacola, ficam esquecidos,  
Para poder matar a enfadonha miséria

---

<sup>1</sup>Katete – folhas comestíveis, antipalúdicas.

<sup>2</sup>Xima – pirão, funji.

<sup>1</sup>Mutete – azeda; folha comestível.

Da fome que não conhece sofridos.

A seguir é a visita às armadilhas  
Que me surpreendem com maravilhas  
De um peixe, um rato, um pássaro caído

Que vão constituir o novo cozido  
De outras nutritivas minhas refeições,  
Antes de poder rever as matérias das lições.

## Sida

É o Sida  
Hoje uma terrível doença  
Que nem sequer poupa a vida  
A uma débil e pobre criança.  
No nosso relacionamento amoroso,  
Devemos ter o máximo cuidado.  
Pois, é bastante perigoso  
Ter relação com parceiro desconhecido.

Se queremos uma longa vida  
E garantir o bom estar e nosso futuro,  
Evitemos amor inútil e inseguro,  
Para longevidade mui assegurada.

## No Moxico

Vou-te contar uma cena triste  
da guerra lá no Moxico,  
na qual eu sempre fico  
a pensar e que não se repita mais,  
porque estamos já na plena paz:

Uma mulher infeliz  
um cachorro arrebatada,  
corre com ele, toda feliz,  
julgando que seu menino acarreta.

Outra também,  
pega num almofariz,  
foge com ele além,  
mas julgando, feliz,  
ter salvo o filhinho amado.

Foi a atrapalhação da guerra  
que não mais queremos na nossa terra.



## JULIANA PEDRO\*

---

\*Juliana Pedro nasceu há vinte e dois anos em Malange. Obra Publicada:  
«Cumplicidades» (2004)





## Mãe África

Mãe ÁFRICA

É do teu ventre glorioso que nascemos  
 É teu o sangue vermelho que corre em nossas veias  
 Tal como os rios entrelaçados  
 que deslizam sobre tuas virgens

É de ti

Que sentimos as saudades mais profundas,  
 Existentes em nosso ser  
 É por ti  
 Que lágrimas tristes  
 Rolam sobre nossos rostos negros acriançados  
 E são para ti  
 As palavras melancólicas que juntamos  
 E transformamos em poesia sólida e serena

Por isso, ÁFRICA

Jamais a distância  
 Jamais as luzes ludibriadoras  
 Jamais os castelos encantados  
 Nos farão esquecer, tuas terras de feitiços e *Kijilas*<sup>1</sup>  
 De florestas tropicais  
 E de danças eufóricas

É a ti

É a ti que pertencemos...

---

<sup>1</sup> Tradições.

## Voltarei África

Voltarei, África!  
Voltarei a ouvir tua voz doce.

Porém, ainda é cedo!  
Cedo, p'ra que regresse  
Mãe África.

Meu corpo fraco anseia teu corpo  
Mas minha mente ludibriada  
Com desejos de vencer  
Interrompe abruptamente  
Minha ansiedade de te amar.

Já sinto as ondas do mar negro  
Ondear em no meu corpo.

Mas ainda é cedo  
É cedo p'ra mostrar ao mundo  
Minhas saudades incontroláveis

Por isso,  
Espera  
Espera, Mãe África

Que um dia voltarei.

## Rosto Virgem

Numa ingenuidade incompreendida  
Gravito em céus mortos  
Onde meu rosto virgem  
Desaparece silenciosamente  
Num cântico mítico de dizeres atrofiados

Sobressalto-me entristecida  
Com um assobio divino  
Que se propaga assustadoramente  
Em minha mente confusa  
Que viaja no abismo dos mares perdidos

Então  
Proкуро-me  
E encontro-me entre acácias mágicas  
Que suavizam lágrimas avermelhadas  
Que vagueiam sobre minha pele negra acorrentada.



## KANGUIMBO ANANAZ\*

---

\* Kanguimbo Ananaz nasceu no Namibe aos 3 de Fevereiro de 1959. Obras Publicadas: «Seio do Deserto» (2002) e «O Avô Sabalo» (2006).



## Sob a Lua

A lua traz no halo meses e calendários  
Das mulheres amáveis na curta medida  
Das sementes magníficas  
Do nascer e da morte

A lua desaparece na nebulosa malha  
Da noite resignada

A lua perde o centro  
Na noite com meses e calendários  
Ficam estrelas para mulheres solitárias  
E saudosas aguardam sementes magníficas  
Do nascer e da noite

## A Mulher do Z

A mulher do Z saiu  
De casa foi  
Nos pais e disse:  
A mulher sofre  
Quando no apogeu  
Não lhe tocam de noite

O Z foi  
A busca da mulher  
E disse:  
A Mulher sofre quando  
Onde chega narra  
Os limites dos seus panos

## Casear a palavra

Revoltaram-se os pássaros  
sobre o murmúrio do orvalho  
nos seus ninhos da água

Quem entoa cânticos de amor?

Levantai-vos  
erguei os olhos para o céu  
onde as estrelas abordam e não abortam  
a linguagem da minha alma

## No leito da onda

Niyeta

Kianda abençoando a festa  
flores chorando  
raiva das garoupas bailando  
dança beleza dança

Kianda galoupando  
sorrindo à toa  
no leito sensual da onda

Descalçam as lambulas  
barbatanas batendo palmas  
num ritmo das águas

Céu abrindo repucho  
kianda gargalhadas  
espada no leito sensual da onda



## Corações de infância

Cravos na lapela  
flores na capela  
vem a mania da cidade  
a ânsia de ser senhora vaidosa  
como o assobio de karaculo

Vem à kabula quente  
com cachorro quente  
na boca da fábrica

Há uma miragem na vagem  
mira azul dos olhos  
menstruados do mar

## Véu atmosférico

Adormeci na salga dos teus olhos  
ânsia à margem do rio  
onde as mulheres cantam como as flores  
e no véu atmosférico do enlace  
Vénus e Marte consoladores da alma

## Esqueleto sufocante da alma

Namorei um aquário  
penetrando senti o consolo do fogo  
e abraços de peixinhos  
na areia senti a ternura  
das tuas mãos macias

Subi ao céu e senti no meu peito  
o esqueleto sufocante das  
estrelas luminantes

Desabafei com a relva  
descarreguei a bÍlis  
e senti consolo das nossas falas

## KUDIJIMBE\*

---

\* Nicolau Sebastião da Conceição nasceu no Bengo aos 15 de Outubro de 1955. Obras Publicadas: «O Fardado» (1987) «Fogo na Kängica» (1988), «António Jacinto e os Guerrilheiros» (2003), «No Amanhecer da Curva» (2003) e «Pedços de Areia» (2006).



## Na hora

Na hora  
 Untou-se gipepe,  
 Maquezo, gissobongo  
 Trazia comprimento da ranhura  
 Requerimento bordado na gravura  
 Na hora,  
 Caiu chuva de areia  
 A estrada ficou preta  
 E agora?!...  
 Só negrura!...  
 Só negrura na nervura.

## No tempo

O tempo circunscreveu-se  
 Esvaziou-se.  
 Junto;  
 Ao túmulo mascavado  
 Caminhos trocados  
 Gemiam como mayombola.

## Março mulher

No encanto do canto  
 Está Março, mês mulher  
 Está você vibrando  
 Adocicando teu perfume  
 Que canta o querer  
 Do nosso ser

Está você mulher  
 Que luta incansavelmente  
 E sorri na distância do tempo  
 Como machanana!  
 E deixa ferver,  
 Na laringe dos teus olhos,  
 Gotas de kitaba que se  
 Confundem com kibeba da terra

## Madiabo

Noite húmida com gemidos de múkua  
 Entrelaçam passos de kazumbis

Caminho incerto! Madiabo chegou  
 Corações gripados mastigam gissobongos  
 Pra tranquilizar espíritos  
 Adormecidos na mayombola

Não se direcione pelo sol  
 Fugam pela estrada longa  
 Gritem pelo deus do fogo  
 Não deixem que ponham  
 Fogo na sombra a noite sem mácula  
 É pior que tomada vernácula

## Venham ver

Olham só!...  
 O sol arraiou  
 De madrugada.  
 Trouxe-nos,  
 Luengos do Huambo

Batata-doce de Malange  
 Kizaca do Bengo  
 Venham ver.  
 Desta vez,  
 Nossas consciências  
 Ficarão mais limpas.  
 Vejam só!...

## Sina ruim

Palmilhou na areia de bungo  
 Cobriu seu rosto  
 Com massa tomate  
 Sua sina ruim  
 Construiu castelos  
 Nas estradas longínquas  
 Do mundo abstracto  
 Na areia de bungo  
 Gravou seu nome  
 Que Malange conserva  
 Para sempre.

## Roda dentada

Na floresta do ambiente  
 Estão coisas classificadas  
 Que fazem a noite gemer

No ambiente da floresta  
 Kifumbes maliciosos  
 Plantam no abdómen das coisas  
 Esperanças cristalizadas  
 Com rodas dentadas

## Os Sobreviventes depõem

Assim foi:  
 A terra calou-se  
 Um enorme clarão de fumo  
 Evadiu para as nuvens  
 Não era terramoto.  
 Nós vimos

O solo alastrou-se de sangue  
 Os homens desapareceram  
 As árvores quebraram-se  
 Não era terramoto  
 Nós vimos

As nuvens cobriram-se de água  
 Os pântanos secaram  
 As vozes sucumbiram  
 Para além do Oceano Atlântico  
 Não era terramoto  
 Nós vimos

E neste solo arável  
 Amável como a massambala  
 Vive nada para sobreviver  
 Mas com certeza de valer  
 E tudo isso nós vimos  
 E sabemos quem foi

E se alguém duvidar  
 Mostrar-lhe-ei as costas esquarterjadas  
 Os olhos cobertos de sangue  
 O coração respirando balas



As pernas com muletas  
 As ruínas da Cahama  
 Os vestígios de Xangongo

E tudo... E tudo  
 Que venham só  
 Aqui estamos nós  
 Os sobreviventes

## Perplexo

Novembro acordava  
 Tão cedo e  
 Fascinava para o horizonte  
 Inolvidável  
 Destorcido de saudosismo  
 Vazava sorriso auspicioso  
 Trazia cardume de gente  
 E raízes axiomáticas  
 Ramificada na  
 Charuteira da dança  
 Maiéié é a cicronização do  
 Rito folclórico  
 Assim é...  
 Novembro  
 Com todos novembros, passados  
 Sem assados.  
 Tinha sabor a muelele  
 Efervescia nos lábios da gente  
 Com ritmo cadenciado  
 Ainda cheio de kitombe  
 Irradicável  
 Exercitava canções fúnebres

Daqueles que não  
 Puderam voltar  
 E  
 Novembro sorriu novembro  
 No décimo  
 1.º mês da sua existência

## Tambi (...)

Óbito!...  
 Vandalismo.  
 Maldita madrugada  
 O eco brotou lágrimas  
 Transladou-se no íntimo  
 Do Planalto  
 E propagou-se para o além oceano.  
 E tu (...)  
 – António Carlos –  
 Que cantavas o perfil  
 Da promessa na certeza  
 Persuadistes-me  
 E agora:  
 Tudo ficou perceptível  
 Naquela madrugada  
 Renascente  
 O eco acordou sobressaltado  
 E trazia raízes pintas  
 Com ramelas efervescentes  
 E ao mesmo tempo:  
 – Discernava,  
 – Pontualizada,  
 – Interpelava  
 Danças

Que nem tu vistes e ouvistes  
Mas eu vi e confesso-te claramente  
Que foi dança  
Não baile  
Dança compassada de gente  
Que sentiram o embate do eco  
O renascer da faísca  
Homens sem nexo  
Denegriram incessantemente  
O prelúdio de um viver  
O delinear de uma manhã  
A concordância do amanhecer  
No discernimento do tempo  
Premeditado  
Serenamente atado  
Acordei: – confuso  
Não para te falar  
Da embriaguez na emboscada  
Ou da espoleta  
Que remexeu paredes e  
Estremeceu montanhas  
Nada disto  
Quero apenas dar-te  
O meu poema  
Para que o recites  
Para todo o sempre



## LEILA DOS ANJOS\*

---

Leila dos Anjos Morais da Costa, nasceu no Município de Cambambe, Província do Kwanza Norte, a 25 de Fevereiro de 1981. Obra publicada: «Anjels» (2005).



## O Resto

Já não sou mais nada, já não me sinto nada  
Já não precisas da minha voz,  
Pois tendes a minha escrita.  
Já não precisas do meu carinho,  
Pois tendes o meu amor.  
Já não precisas do meu querer,  
Pois tendes o meu sentir.  
Já não precisas de mim,  
Pois tens-me na mesma.

Prescindiste-te do meu ser,  
deixaste-me vazia por dentro  
como o invólucro de uma bala  
a quem lhe foi retirada a pólvora;  
é somente lixo químico.

Como eu sou um lixo genético,  
fomos ambos disparados,  
consumidos por dentro sangue  
e alma afora na desventura de  
um prazer alheio e hoje, já não somos  
queridos, apenas tidos.

Já não somos uma equação certa,  
Unívoca ou biunívoca, deixamos de  
Sê-la, desde o momento que passei a ser  
“o resto”.

## Madrugada À Dentro

Como eu queria que este dia não terminasse...  
Como eu queria que este sonho fosse verdade...  
Como eu queria que o dia e a noite,  
O sol e a lua, parassem cada  
Uma na sua constelação,  
Que o dia não terminasse e  
Que a noite não chegasse.

Tiraste-me o sol, deixaste-me só  
Tiraste-me a lua, deixaste-me lembranças,  
Tiraste-me o dia, deixaste-me doida,  
Tiraste-me a noite, deixaste-me nua.

Como eu queria ter,  
O teu corpo colado ao meu,  
Os teus lábios nos meus,  
Os teus dedos entrelaçados com os meus.

Como eu queria que ouvisses  
O sufocado gemido saído  
Da minha boca, o bater  
Descompassado do meu coração,  
Que visses a alegria espalmada no  
Meu rosto, gotas salpícentes de  
Suor que brotam do meu corpo...

Ah!... Como eu queria que esta noite  
Não terminasse, para que soubesses  
Que te mo e que mesmo distante  
Sinto-me presente... em sonhos.



## O Acaso da Vida

Quem sou?... onde estou?...  
Não serei, por acaso, mais um dos acidentes  
da vida que por desatenção às  
coisas lhe foi retirada a alma?  
Ou não serei aquela tocha que por falta  
de combustível apagou-se?  
Não serei ainda, uma lágrima caída  
do rosto de alguém que procura  
recanto em braços de outrem?  
Não serei... não serei, aquela  
a quem, teu coração procura,  
a quem tua alma almeja,  
teus braços desejam e  
cujo nome tua boca pronuncia?

Então quem sou...?  
Se na calada da noite meu grito não ouço,  
Na penumbra minha sombra não vejo  
Nem na clareza do dia meu corpo não sinto.

Procuro, procuro, não ouço nem o bater  
Do meu coração. Meu Deus...!  
Que faço eu aqui, onde nada faz sentido?

## O Outro Lado Escuro

Aí! Onde os meus pés não alcançam o chão,  
Onde o vento passa por mim e não me apercebo,  
Onde não se ouve nem o cantarolar dos pássaros,  
Onde o dia não passa e o tempo não conta.

Aí! Não existe dia, mas sim noite  
não existe luz mas escuridão,  
não existe sombra tudo é penumbra  
não existe voz... tudo é silêncio.

Aí...

Ainda aí, neste mesmo lado,  
Meu olhar perde-se por limites longínquos,  
Meu pensamento vagueia por caminhos distantes,  
Minha voz se eleva e não a consigo ouvir... só gemidos,  
Meu corpo quente e minha mente fria.

É aí... onde o meu ser se junta ao prazer,  
onde não existe limites somente o prazer,  
e por o não conseguir descrever,  
descrevo-o como o outro lado escuro.

## LOPITO FEIJOÓ\*

---

\* João André da Silva Feijóo Katetebula nasceu em Luanda aos 29 de Setembro de 1963. Obras Publicadas: «Doutrina» (1987), «Meditando» (1987), «Rosa Cor-de-Rosa» (1987), «Cartas de Amor» (1990) e «Meditando – Textos de Reflexão Geral» (1994).



## Um canto do candôndor

Solo: - A LUZ quando se apaga brilha mais

Coro: - É a morte... é a morte

Solo: - SUKU/HUD se te chama passa então um grande frio

Coro: - É a morte... é a morte

Solo: - HUKU/SUKU em nome de Deus pai filho e espírito santo

Coro: - É a morte... é a morte

Solo: - KALUNGA/N'GOMBE tem duas mentes primeiramente o  
sono secundamente

Coro: - É a morte... é a morte

Solo: - PAMBA/N'ZAMBI nasceu um dia e não morre mais

Coro: - É a morte... é a morte

Solo: - A LUZ quando se apaga brilha. Brilha mais

Coro: - É a morte... é a morte

Coro: - A MORTE... É A MORTE

Coro: - É A MORTE... É A MORTE!!!

## Testemunho

Todo o sangue vem é de Atenas às terras do país Koi-San distinguindo-se de entre outros pela viril mente condensada de origem secular.

Testemunho por todas as esquinas mortas desiguais por sua culpa toda ela sua culpa. Venho. Faço das minhas carnes as espadas dos nossos ante/passados por ora num sítio a noroeste de Kush nas margens do nobre nilo compartilhando ibundos daqui. Sei que chegarão pela via de Upemba acompanhados de algum gado, – que havia sido em razão do destino – , vítima da fome aquando da primeira das primeiras de todas as secas que vimos sendo agraciados.

Venha, irmão filho de África das nossas nações.

Traga no seu arcaboço a força gigante da transcendente raiz. Que a tua mão seja a minha. Que as nossas sejam as nossas mãos detentoras únicas de sincronias mosaicadas pela História Universal.

Sirva da moldura do oculto sem preconceitos. Apresente-se ao ser mais culto. Elimine os deuses diurnos no seio do teu ser. Os conhecidos profetas do abuso do poder que impera por aqui para que não te proíbam ao fazeres carne com as carnes das tuas vizinhas para que impere a poesia da tua poesia produto de enlevados e memoriais espíritos bem ditos.

## A nona brisa

No espaço sepultado pela ventura  
a Nona Brisa escorre intimamente  
... qual menina(s) do(s) meu(s) olhos(s)...  
sacudindo as pétalas do aroma temporal em

escala profética ao fruir súbito  
das fricções encarnadas num ser qual quer nas  
hostes dos demónios pernilongos!

A Nona Brisa ilimitada pela dimensão erótica  
do corpo veloz traz no rosto  
a extensão do sangue e o exercício do pudor

memorial  
de carne espessa ou sombra encantatória  
miserável determinista no circuito dos anjos  
amantes testamentários da violência mitológica!

## Elegia a um homem inver/tido

Disseram-nos que te viram passar pelas bandas  
luminosas de TOMBUCTU.  
Trazias no corpo vasta pasta amarela que te untaram os  
deuses da real/idade africana.

No peito coração Mandinga e uma peça Yoruba  
Com barras de ébano caído dos céus fabulosos.

Acompanhava-te um espírito porém Yoruba

por tio Kafuma kimbanda nojento. Virulento  
de fuma miúda.

De carne humana contra todos:  
- EIS-TE PRESENTE!!!

## Na rota de Banguí

Jaz cadáver dolhos vivos na rota de Banguí  
levita leve mente em razão dos antepassados  
do túmulo a mãe dele saúda o omnipotente N'SIN GUI  
KA-HALLA

O Kilimanjaro está bem perto  
bebe melhor as na zona dos grandes lagos  
tão bem vou além...  
- ABENÇOE-ME KALUNGA N'GOMBE NA ROTA DE  
BANGUÍ

## Colmatando sombras que deveras/mente (de passagem pelo Benin)

Tal corpo que trazes contigo é de terracota  
apalpei-o de passagem pelo Benin  
no ano zero depois de N'PHUMO e sublime companhia de  
Marikota  
para vinho de palma não serve por mim  
andarilho teu corpo faz-se presente



comunga  
ando na dor do ente  
atravesso rios por pontes de sisal  
no ano zero depois de N'PHUMO e sublime companhia de  
Marikota  
(colmatando sombras que deveras/mente!)

1  
Sua sombra nua  
lua pouca boca  
meia culpa meia lua.

2  
E quando a terra o sol  
nasce de vez (atrevida)  
sua imagem apeada no horizonte

3  
Muí dino muí dina  
santos na terra  
parabólica porque circular.

4  
Malembe malembe mulemba  
ponta negra no astral  
África Austral de pedra e cal

5

Gaivota verde gravata vaca  
cara de faca afiada  
carne vaga ou maratona avulsa.

6

Menino melindre  
cem mil sem pai  
sem pão nem mãos.

7

Construção de tecto  
in tacto.  
Contrição. Aliada obstrução.

8

Algures  
sexteto em dom menor  
avezinha mingando

## LÚCIO ASSIS\*

---

\* Lúcio Assis nasceu em Luanda aos 3 de Março de 1968. Obra Publicada: «Caminhos na Noite» (1991).



## Ela menstrua

Ela  
Menstrua  
sagacidade homens  
na fúria da cama  
dinheiro

Menstrua  
carícias trocadas beijos  
desfeitos

Ela  
Sente gotas  
dispersas acidentadas  
enxovalhando-lhe os seios  
ela quer...  
viver

## Meu amor do mato

Quentinha  
como o interior do universo  
sem língua do sexo em delírio

Como semente despida  
a voz clama  
desespero

ZAMBELA ZAMBELA

anda fugir homem  
nu vê ntua beleza  
inda tomata

E... no mato  
perdi seu andar

## A ceia

Vinde confrade  
impedir a chegada do dia  
o avanço do tempo  
e a privatização do sol

Vinde confrade  
desertificar o trovão dos estômagos  
impedir a chuva  
beber da aurora

Vinde confrade  
meditar comigo

## A luz da noite

Vou à lua  
fugir da terra

Enviarei ouro  
P'ra teus seios tirar-me a morte

Um dia...

Levar-te-ei  
A conhecer o sorriso das estrelas





## LUÍS KANDJIMBO\*

---

\* Luís Kandjimbo nasceu em Benguela aos 3 de Janeiro de 1960. Obras Publicadas: «Apuros de Vigília» (1988), «Apologia de Kalitangi» (1997), «A Estrada da Secura» (1995), «O Noctívago e Outras Estórias de um Benguelense» (2000) e «De Vagares a Vestígios» (2000).



## A Chave e a Porta

Sou eucalipto. Sou chave desta fechadura.  
Na estação húmida e verdejante  
Demando a porta do mistério  
Todas as noites ímpares são estações húmidas

Sou eucalipto. E vem a porta do mistério  
Doa frente do tesouro

És a porta do tesouro. Sou chave  
Acolho as profundezas do mistério  
E ousas novos aprendizados

Diz a porta:

*A Chave não é pequena. Vou tossir  
A chave não é pequena. Afasta-se a porta  
Como a de boi raspa porta*

Diz a porta:

*Se fores meu amado  
Durmo com a porta para ti  
O corpo do meu amado*

É como eucalipto

Diz-me a porta:

Hoje trouxeste  
*Um molho de lenha para o fogo*  
As minhas entranhas estremecem

## Vagares da Maré

A mágoa insidiosa  
Peregrina na noite ambulante  
Das marés vagarosas da baía

Tanta ou pouca luz  
Molha o dorso moribundo da baía  
No céu isolado  
Anda o luar envelhecido  
Com a noite antiga  
Nos dias abundantes  
Vigia uma ternura  
Dilacerando a cidade

## Sob a Lua

A lua traz no halo meses e calendários  
Das mulheres amáveis na curta medida  
Das sementes magníficas  
Do nascer e da morte

A lua desaparece na nebulosa malha  
Da noite resignada

A lua perde o centro  
Na noite có meses e calendários  
Ficam estrelas para mulheres solitárias  
E saudosas aguardam sementes magníficas  
Do nascer e da noite

## O Aroma Ervanário

Na minha casa durmo sono profundo  
Se a mulher nas entranhas estremece  
E me fizer massagem de água quente  
Com ervas aromáticas da sua mão

A mulher dorme e levita o sonho profundo  
Quando ouve enorme  
Meu respirar profundo

A mulher não levita, estremece nas entranhas  
Doa meu respirar profundo  
O aroma ervanário de sua mão.



## LUÍS ROSA LOPES\*

---

\* Luís Filipe Castro Louro da Rosa Lopes nasceu em Luanda aos 14 de Abril de 1954. Obras Publicadas: «A Gota D'Água» (1984) e «Mu Ukulu ki Tuexilé Ku Mayombola» (2005).

## Como grilo

O Grilo grela  
Na gaiola

Cri, cri, cri, cri  
O grilo grita

Os campos verdes  
O capim macio  
O orvalho fresco  
A cova quente  
O cio

Cri, cri, cri, cri  
O grilo chora

A liberdade ida  
A clausura activa  
A solidão maldosa  
O frio destino  
Tão vivo

Cri, cri, cri, cri  
Na gaiola

O grilo grela  
Ódios sem fumo  
Coloridas vinganças  
Planos túrgidos  
Sonhos sem mundo

Tantas raivas...



Na prisão perto  
Onde embate a dor do grilo  
Também eu cri, cri, cri, cri,

## **Era**

Está na hora  
Veio a era  
Uma era sem ter hora  
Um ora a recordar a era  
Heras trepando na hora  
Horas correndo na era

E esta era de oras  
Com horas cheirando a heras  
Não são heras de mais horas  
Mas eras de grandes iras

Se não há eras com horas  
Rápido para a nossa era  
As heras vão virar iras  
E esta era já era

## **Aviso a um poeta**

Pobre de ti  
Prematuro lançador de pensamentos  
Ainda que eles  
Em beijos de passarinho

Revoem  
Doem  
A quem não se arrepia

## Intelecidualidade

Estribado  
Em corações empedernidos  
Sou facto, de facto  
De aproveitamentos acomodaticios  
Mas não sou só  
Essoutros  
Lavram mais e mais  
Para que novos rebentos  
De sabor e saber  
Endurecido e inumano  
Continuem a parir  
Seres como eu  
Desencorajados de falar  
Mas não de rir  
Sempre  
Mesmo perante as injustiças  
Perenes e sobreoadas  
Fugaz e diletantemente  
Pela nossa indiferença

Somos Nós  
A pretensa consciência  
Depositários de heranças

## MARIA CELESTINA FERNANDES\*

---

\* Maria Celestina Fernandes nasceu no Lubango aos 12 de Setembro de 1945. Obras Publicadas: «A Borboleta Cor de Ouro» (1990), «Kalimba» (1992), «Retalhos da Vida» (1992) «A Árvore dos Gingongos» (1993), «A Rainha Tartaruga» (1997), «A Filha do Soba» (2001), «Poemas» (1995), «Presente» (2003), «O Meu Canto» (2004) «Os Panos Brancos» (2004), «A Estrela Que Sorri» (2005), «As Três Aventureiras no Parque e A Joanhinha» (2006), «É Preciso Prevenir» (2006), «Contos» (2006) e «União Arco-Íris» (2006).



## A Coralina

Achei uma coralina  
que brilhava na areia da praia,  
fiz com ela um anel  
para meu dedo enfeitar.

Sobre a água do mar  
coloquei minha mão,  
para exibir aos peixinhos  
meu dedo enfeitado.

Os peixinhos  
que à tona assomaram  
se maravilharam,  
fiquei orgulhosa  
minha jóia era bela!

Um último peixe,  
surgido da espuma das ondas  
– estranha figura indefinida –  
tinha forma de peixe  
mas não era peixe,  
olhos de peixe  
mas não olhar de peixe.

Esse peixe,  
que peixe não era,  
tocou minha mão  
e enamorada fiquei...

Penetrou com intensidade  
seu olhar em meus olhos,  
afagou meus cabelos,  
beijou em meus lábios

e comigo baixou  
até ao fundo do mar.

No fundo do mar,  
sobre algas gigantes,  
nasceu  
nosso grande amor...

## Ventania

São assobios agudos,  
Que escuto  
Cada vez mais perto...

Oiço batidas na porta,  
A janela estremece,  
Sinto passos ligeiros.  
Parece pessoa!

Pergunto,  
– Quem está aí?  
Ninguém responde...

– Eué,  
– É Cazumbi...  
Me arrepio de medo.

O assobio fica mais forte,  
Abana tudo à minha volta.  
As roupas agitam-se.  
Cresce o medo.

O assobio torna-se agoureiro.

- Não, não pode.
- É Cazumbi!
- É Cazumbi!

A vidraça se estilhaça.  
Esvoaça a cortina,  
Através dela se observa  
O que se passa lá fora.  
– Afinal não tem Cazumbi...  
É vento que chama chuva!

Desaparece o medo.  
Contemplo a chuva que começa a cair  
E raivosamente se enrosca no vento.

Esboço um sorriso.  
Adormeço tranquila.

## Canto ao amor

Haverá alguém  
que nunca sentiu o calor do amor,  
alguém que não tenha amado  
uma vez que seja?

Amar é viver,  
e quem não descobriu o amor,  
ainda que não creia  
está encurralado entre as trevas,  
– dissociação, por isso,  
da própria vida...

## Roda das flores

A rosa deu a mão ao cravo,  
O cravo à margarida,  
A margarida ao malmequer.  
Todos de mãos entrelaçadas  
Formaram uma roda.

Era uma roda viva  
Onde todos rodavam, rodavam.  
Era uma roda alegre  
Onde todos cantavam, cantavam.

A roda rodou, rodou  
Iluminada pelo luar da lua cheia  
Que inspira os pensadores,  
Que desperta as paixões.

A roda que rodava, rodava  
De repente parou de girar...  
Desentrelaçaram-se as mãos.  
A rosa abraçou o cravo,  
A margarida o malmequer.

Era, então, a roda encantada  
Dos pares que giravam, giravam  
Em torno de si mesmos.  
Era a roda dos enamorados.



## Aquele rouxinol

Aquele rouxinol  
morava na gaiola  
do meu peito,  
eu sentia suas canções  
ora tristes, ora alegres  
pelo pulsar do coração;

mas o pulsar do coração  
deixou de anunciar  
os cantares de rouxinol,  
alarmei-me: – esperei, esperei e nada mais senti.

Desesperada bati fortemente em meu peito  
e suas entranhas libertaram aquele rouxinol;  
arribou em plena palma da minha mão  
quedo e mudo,  
– sem vida

– sem vida também  
ficou para sempre o pulsar  
do meu coração.

## Tambores pela paz

Tocam os tambores,  
difundindo por toda a parte os sons  
que anunciam a Paz...  
Ecoam pelos ares os cantares,  
acompanhando a forte batida dos tambores  
que enaltecem a Paz...

Oh! Quão hábeis são essas mãos  
que batucam os tambores.  
Como são melodiosas as vozes  
que entoam os cânticos!

Uma mistura de sons e ritmos;  
Mistura de gentes,  
formando o arco íris da concórdia  
num baile único.

Os Tambores pela Paz batucam forte, e batucarão sem cessar,  
até fazerem chegar o eco  
ao mais recôndito dos lugares da portentosa Angola.

## A Catorzinha

Menina ou mulher  
esta donzela que todas as noites  
se prostitui numa qualquer esquina?

Enganada pelas fantasias da “boa” vida,  
do tudo ter,  
da casa paterna a menininha se evaporou  
e na rotina da fácil(?) entrega do corpo se entregou.  
Dias há, no entanto, que sente vontade de ser a criança  
que efectivamente ainda é,  
mas logo corre em “socorro” a pressão envolvente;  
– tudo volta ao (a)normal, e ela prossegue actuando no palco sujo  
da rua.

Na rua é senhora:

– Expõe-se de mini saia, mais encurtada pela elevação da bundinha;  
pelo ousado decote sobressaem os seios em amadurecimento;  
exala um perfume forte, longa tissagem encapuzada na cabeça.  
Indumentária e adornos adquiridos com muita dor,  
sua vagina, precocemente desvirginada,  
não ganhou ainda a habituação do uso rotineiro.  
É reservada a senhores de poder (ladrões?)  
– seus pais ou avós na idade,  
– seus confrades na desonra.

Entretanto,

A perda é desesperadamente procurada,  
suas referências são as de uma angélica menina,  
o retrato exibido isso comprova.

Menina ou mulher

esta donzela que todas as  
noites se prostitui numa qualquer esquina?

## O Meu sorriso

O meu sorriso  
é tudo que tenho  
para te ofertar  
neste momento de dor  
porque não tens tecto,  
te falta o pão de cada dia,  
te falta amor;  
vou partilhá-lo pedaço a pedaço contigo,  
a fim de aliviar tua alma dolorida.  
– Na escola da vida aprendi,  
que ninguém precisa mais de um sorriso  
do que aquele que um dia se esqueceu de sorrir.  
Sorriamos, irmão!

## MARIA FERNANDA BAIÃO\*

---

\* Maria Fernanda Silva Baião nasceu em Luanda aos 2 de Agosto de 1961. Obra Publicada: «Minha Lágrima» (2003).



## Ânsia

Porque não te sinto amor?  
Nem sexo  
Nem orgasmo  
Na compaixão do meu corpo!

Fervilha nas veias  
Meu desejo  
Corre pelo corpo dentro  
Ânsia de ser possuída

Rebento nas veias  
Me sinto em suspense  
Na fraqueza trémula  
Das articulações

Morra eu e meu desejo  
Se ser possuída  
Com sucessões de orgasmo  
No juízo final

## Hoje Sou

Hoje sou!  
No meu dia  
Mergulho  
No orgasmo da indecisão.  
Prematura! Remota

Não choro  
Tenho glórias  
Na volúpia que ascende  
Masturbação do cérebro

No meu dia  
Sou!  
Mergulho vespertino  
Ensaio do desejo

## Quem

Quem me fará sorrir  
Quem me fará gritar  
O grito calado do meu peito?!

O peito rejeita a alma  
Angústia transborda e soma  
No rosto surrado de dor

Quem me fará falar?  
As palavras engolidas  
No íntimo  
Quando elas flutuam  
Sem sentido no leito

Quem me fará pensar  
Na consciência rasgada  
Dos meus dias  
Sem glória e sem luz



Escrevo nova história  
Sorrisos e glória  
Na tristeza de ontem  
Nasci de novo  
Sem passado

## Finalmente

Do canto Robusto  
Saltei o arbusto  
Que se fez sinistro  
Na foz do maestro

Melodia intacta  
Harmonia cantada  
Qual estrada cortada  
Nos pés. Caminhada



## MARIA ALEXANDRE DÁSKALOS\*

---

\* Maria Alexandre Dáskalos nasceu no Huambo em 1957. Obras Publicadas: «O Jardim das Delícias» (1990), «Do Tempo Suspenso» (1998) e «Lágrimas e Laranjas» (2002).



O que nós não vimos  
foi o bocejo da lua  
donde escorria  
o suor da surucucu  
que caía  
gota a gota  
sobre aquela terra.

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

Um colar de platina  
ou  
as mãos cheias de missangas  
deste modo me prendeste  
às flores de laranjeira  
que não tive.

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

Busco o teu corpo  
como a sombra das tamareiras.  
Dás-me de beber  
e eu deslizo pela corrente  
dessa água.

Tu és o meu oásis  
e dispo os meus véus  
em cada palmeira.

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

Fomos peregrinos de tantos lugares  
e de gentes de outras línguas  
bebemos água de muitas fontes.

Mas àquela cachoeira  
que nos pertencia  
não podíamos chegar.  
Prenderam-nos no exílio  
e na tortura de a sonhar.

Não somos mais peregrinos,  
estamos em outro lugar.  
Mas viaja a alma  
para nessa cachoeira mergulhar.

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

Calar essa voz  
que no caos do mundo,  
dulcíssima e magoada,  
não é senão um sopro  
fora dos caminhos.

Recolher ao útero  
quente e macio  
não pelo cordão,  
perdido para sempre,  
mas por essa voz  
silenciada

$\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$   $\frac{1}{12}$

## MANUEL RUI\*

---

\* Manuel Rui Alves Monteiro nasceu no Huambo aos 4 de Novembro de 1941. Obras Publicadas: «Poesia sem Notícia» (1967), «A Onda» (1973), «Regresso Adiado» (1973), «11 Poemas em Novembro. Ano Um» (1976), «Sim, Camarada» (1977), «11 Poemas em Novembro. Ano Dois» (1977), «A Caixa» (1977), «11 Poemas em Novembro. Ano Três» (1978), «Agricultura (1978), «11 Poemas em Novembro. Ano Quatro» (1979), «Cinco Dias Depois da Independência» (1979), «Memória de Mar» (1980), «11 Poemas em Novembro. Ano Cinco» (1980), «11 Poemas em Novembro. Ano Seis» (1981), «Quem Me Dera Ser Onda» (1982), «11 Poemas em Novembro. Ano Sete» (1984), «Cinco Vezes Onze Poemas em Novembro» (1985), «11 Poemas em Novembro. Ano Oito» (1988), «Crónica de um Mujimbo» (1989), «1 Morto & os Vivos» (1992), «Rioseco» (1997), «Da Palma da Mão» (1998), «Assalto» (1998), «Saxofone e Metáfora» (2001), «Nos Brilhos» (2002), «Um Anel na Areia» (2002), «Conchas e Búzios» (2003), «Maninha» (2003), «O Manequim e o Piano» (2005), «Estórias de Conversa» (2006) e «Ombela» (2007).





## Manhã de 11 de Novembro

1.

Ouvir o mar  
por detrás do cheiro a maresia  
e ver teu rosto  
na ondulação tão breve  
doar esta manhã de fantasia  
a um quissanje mais leve  
para um vento de fogo  
dedilhar

Içar nos braços  
a manhã primeira  
correr à procura de lugar  
da frente no comício  
para pôr bandeira  
roer unhas do sol  
saber acreditar  
que esta manhã sem ti  
é verdadeira.

2.

Desenhar  
teu perfil com um dedo de criança  
na areia de uma praia virgem

Andar  
com pés calçados de esperança  
caminhos de vertigem

Navegar  
um barco de solidão  
numa vaga dorida

Inventar  
Versos para uma canção  
De outra manhã florida.

## Ideia para casa

A casa é sempre ideia de fazê-la  
a terra é o lugar a pedra serve  
existe para estar e desfazer-se.

Mas antes de desfeita  
a pedra é casa  
o sonho habita nela  
é ele quem a desfaz pelo cansaço

Casa nesta ideia é sem telhado  
mesmo depois das estrelas  
entra por ela o mar

Só com janelas esta construção  
se faz. E se define  
a pedra é uma ilusão  
sem fechaduras.

## Sempre mar

Mar vezes quando o sol nos enche os olhos  
e nos promete mais vezes no olhar  
fecham-se os olhos no rolar do tempo  
de ver andar o antes e o depois  
numa miragem que se chama mar  
Mar prometendo mais vezes de vermelho  
luz transformada num redondo  
esquivo  
um sol de devagar como descendo  
da guerra sem estrondo  
na lúcida mutação  
de sempre mar.

E a tarde é todo um fim  
um beijo tão molhado despenteado  
como uma boca a tua boca à beira-  
mar depois das ondas e diferentes  
princípio de um começo como a noite  
antes de o sol se adormecer aquático  
formam-se linhas como os pensamentos  
linhas carícias que nos fazem ver  
que entre os passos da areia e os nossos movimentos  
há sempre um pôr-do-sol  
de um sol para nascer.

## O Búzio

Fecha só os olhos meu amor. E devagar  
escuta os mesmos sons. A água  
escorre para a sede quente:  
areia de pés nus.

Encosta só o ouvido. Respira  
esta harmonia deste corpo. Os mesmos sons  
projectos do tamanho deste mar.

Suave esta espiral. Flauta de ruídos  
para ouvir.  
E não se parte o corpo. Só pelos sons  
os mesmos sons. Tocata para um dia.

Escuta. Compara. Não vê diferença  
entre o cantar e o ser  
de uma alegria?

## Retoque da Manhã

A beber mar. de perto o dia vê-se  
para trás. De longe  
parece o horizonte esmagado  
pelo pôr-do-sol  
tão dependurado  
numa lágrima de mãe

E bué de pegadas infantis depois  
na bochecha grande  
De quem?  
: da lua (pelo menos)  
Do céu inteiro é que é demais!  
não dá para brochura  
nem para imprimir postais

## Memória 7.<sup>a</sup>

Pela boca matinal  
pousavas olhos de calor

Quase cataclismo  
em tanta candura

Não há maior pudor  
que o erotismo.

## Brincadeiras Infantis

O galho partiu-se  
o pé foi abaixo  
ficaram as mãos dependuradas  
bem seguras no céu  
e o outro pá suspenso em baixo  
por cima do vazio  
onde desgaltou o outro

As mãos deslargadas

sem nada  
 a esvoaçar  
 como asas de pomba  
 torradas de pólvora  
 estragam um princípio  
 que podia subir  
 e nunca dá para recomeçar.

## Íntima Idade

Entre a intimidade  
 esta íntima idade  
 de recomeçar a meio a fala pelo re-  
 torno de um silencioso eco. Os catálogos. As gravuras  
 e o desbotar do arco-íris colado ao céu como  
 se fosse uma caverna de aranhas é  
 escaqueirar-se sobre uma reunião  
 qualquer bem-me-quer mal-me-quer nuclear por exemplo  
 ou todo vermelho circuncizado à porta de uma tinturaria fechada  
 falida por cansaço  
 revigora os gestos o tremular das cores  
 e a maneira de não encostar o pensamento  
 é recostar a cabeça. Rejeitar a almofada  
 é um apoio descansado nesta insónia  
 maravilha enquanto a ideia dispersa pelo vulto invisível  
 do silêncio. E a estrela disfarça a escuridão  
 e o quissanje reconhece os dedos  
 e o xingufu recebe os ouvidos mais p'ra longe  
 e o caçador percebe os trilhos do bambi  
 e os tambores se apaixonam pelas mãos

Também pelo silêncio

se navegam todos os ruídos  
mesmo os que vieram  
na ausência de som  
de outra idade mais íntima

## Praia Da Ilha

Satírica a praia  
tão cheia de latas  
e seios meios  
de mulatas  
que até parece dantes  
salvo as melhores  
cooperantes

Satírica a praia  
a olhar-me envergonhada  
nesse passar de lado  
como se fosse importante  
e ficar assim distante  
a meditar

é para quem merece  
e sobe e desce  
e sabe mergulhar





## MANUEL DOS SANTOS LIMA\*

---

\* Manuel dos Santos Lima nasceu no Bié aos 28 de Junho de 1935. Obras Publicadas: «Kissange» (1961), «As Sementes da Liberdade» (1965), «As Lágrimas e os Ventos» (1975), «A Pele do Diabo» (1976) e «Os Anões e os Mendigos» (1984).



## Pioneiro com Espingarda de Pau

Menino negro  
Analfabeto e roto  
Vestiram-te para outros destinos  
Que não o teu

Quero levar-te ao planalto  
Num cavalo de vento  
Colher o sorriso ardente  
Das gentes do Bié

Menino soldado à força  
A nadar num camuflado  
Manda passear o “Leopardo”  
E vem comigo brincar  
Em terras do Bié

Este poema é para te acordar  
Docemente  
Ao lado da tua espingarda de pau

Que pena, menino meu,  
Que estejas morto!

## O Hóspede

Entre a régua e o esquadro alheios  
Faltou o meu compasso  
No traço de Berlim

Entre a máscara  
E o rosto magoado  
Sou cidadão adiado  
Em busca de mim

Homem paralelo  
Do que não fui  
Arrasto comigo  
Memórias e interrogações  
A terra inteira é minha casa  
Sou hóspede dos homens.

## Certeza

Aqui estamos,  
Irmãos,  
Enteados do presente  
E órfãos do futuro

Aqui estamos,  
De mãos dadas,  
Os olhos cheios de Amanhã  
E na boca  
O nosso grito maduro  
Sobre as mordanças  
Sobre os lutos

Aqui estamos  
Companheiros,  
Junto aos altares da pátria  
Somando vontades e esperanças  
Na hora magna  
Da nossa certeza.



## NOK NOGUEIRA\*

---

\* Emílio Miguel nasceu em Luanda aos 24 de Dezembro de 1983. Obras Publicadas: «Sinais de Sílabas», Prémio Literário “António Jacinto” (2004) e «Tempo Africano» (2006).





## Melodia

a alma busca em mim a melodia do passado  
 o brilho das vozes debela fronteiras de medo  
 o gosto do gesto o pasto o amor  
 perdida mente em cordas de violão ardente  
 suscitando lembranças à velha Chica do Bairro Operário

a nostalgia da melodia  
 ora o desejo de vida entrelaça a avidez de vivência  
 o amor fluindo às veias o suor intolerante entre os dedos  
 o júbilo insano das vozes amalhando trechos perdidos  
 brincadeiras antigas e amigas  
 pois a alma busca em mim a melodia do passado

o corpo esculpe o gesto no compasso da dança  
 gotas de lágrimas e suor desfraldam nas bandeiras e na  
 emoção da avó

- o que é isso, filho?
- dipanda mamã, dipanda!

## Zungueira

negros cabelos seus carapinha exposta ao langor da brisa  
 primor de fausta canção história de meus dias  
 risos lindos nos dentes marfim

ama quando chama na chama de sua voz pelas curvas da cidade

embala a criança às costas vence o medo vence o asfalto ledó  
apregoa em fina voz perde o receio conquista o recreio  
perdido na infância

e desce a calçada gingando apressada  
ternura de lince no olhar contorna a imensidão do espaço  
vai fina airosa ridente e vigente erguendo o edifício da vida

## Soneto para uma flor oculta

vem exposta vem morena alegre  
apregoar a todos os ares teu sorriso lindo e alado  
vem não recuses a flor oculta do milagre  
quero ter-te extasiada ao meu lado

deixa-me sentir o aroma do teu perfume  
rastejar perdido e impedir das sombras o queixume  
vem negramulata só me faltas só tu és grata  
à criação com luzir de teus olhos prata

quero deixar o brilho das mãos em teus seios  
chancelar em ti meu existir sem tristezas e sem receios  
sentir as feições do teu coração no meu do compasso

clandestino em desatino côncavo de meu regaço  
deixar tangível em teus lábios o odor agradável  
quão valioso meus beijos no rio de um sonho navegável

acácia em flor africana  
4º devaneio

se pudesse ainda colher de teu ventre a fragrância rubra das acácias  
teria ainda benevolência para digerir o compêndio das frases  
douradas  
que cativam a orla do tempo  
se pudesse ainda sentir em deitada areia brisa em cada instante de  
amor  
convocaria o surrealismo de meu âmago e deixar-me-ia  
sequestrado  
quicá entorpecido na silhueta de teus lábios quão belos são meus  
depositando flores e suores em teu prado por ti por mim por nós  
e por vós  
para que nossos dias forjassem um novo edifício no sémen da  
Pátria



## ONDJAKI\*

---

\* Ndalú de Almeida nasceu em Luanda em 1977. Obras Publicadas: «Momentos de Aqui» (2001), «Bom Dia Camaradas» (2001), «Acto Sanguíneo» (2000), Menção Honrosa do Grande Prémio António Jacinto, «O Assobiador» (2002), «Ynari: A Menina das Cinco Tranças» (2003), «Quantas Madrugadas tem a Noite» (2004) e «E se Amanhã o Medo» (2004), Prémio Literário Sagrada Esperança.



## “De noite”

escreve-se de noite.  
 na casa de um amigo onde o  
 chinelo da volúpia é roto;  
 escreve-se para o outro.  
 para que a metade ausente do sonho  
 se liquidifique  
 e apareça;  
 no justo retorno à cama,  
 na merecida temperatura calma.  
 morena, serena.  
 escreve-se o torto para intimidar  
 o direito;  
 afaga-se a diagonal, o caminho férreo  
 na cicatriz do peito.  
 no apertado adorno da campa  
 na esmorecida quentura da alma.

## “Pomba”

voto na pomba.  
 azul, preferencialmente.  
 que a paz do branco está gasta  
 e triste,  
 e o azul me invoca o céu,  
 porta do que não viste.  
 voto no corvo;  
 gritante, matinalmente.  
 de suas espessas penas

onde o negro me reboca ao veludo,  
 braço macio para quase tudo.  
 voto no jacó;  
 mas que fosse mudo.

## “Era de noite”

noite de vulcão mais que acordado peço-te  
 deixa-me em paz;  
 e grão de areia sendo  
 sopra-me como se precisasses de  
 empunhar e empurrar  
 uma pedra não amigável.  
 e rompe o céu através de mim;  
 joga-me verticalmente contra as  
 tuas vísceras mais aladas,  
 faz-me brilhar na velocidade,  
 desaparecer no contacto químico  
 com o universo.  
 chama-me átomo e cospe-me.  
 preciso de não estar aqui.

## “Denotações & algibeiras”

para ser grilo  
 há que ter algibeiras  
 onde também caibam silêncios.  
 ser sorrateiro  
 espreitando entre dois fios de relva.  
 saber fazer uma teia invisível



onde o infinito se armadilhe.  
 encarar o universo com  
 demasiada intimidade  
 – a modos que quintal.  
 saber que:  
 as estrelas encarecem  
 de carinho  
 e brilham para mais desanonimato;  
 sonetar com rancos de garganta  
 mas desminar rebentamentos no coração.  
 para ser grilo  
 há que ter desnoções.  
 viver que:  
 há só uma distanciaçãozinha  
 entre apalmilhar um quintal  
 e acomodar estrelas num abraço.

### “Para vivenciar nadas”

borboleta é um ser irrequieto.  
 para vestes usa pólen.  
 tem um cheiro colorido  
 e babas de amizade.  
 descola por ventos  
 e facilmente aterrissa em sonhos.  
 borboleta tem correspondência directa  
 com a palavra alma.  
 para existir usa liberdades.  
 desconhece o som da tristeza  
 embora saiba afogá-la.  
 usa com afinidades

o palco da natureza.  
nega maquilhagens isentas  
de materiais cósmicos. como digo:  
pó de lua, lápis solar  
castanho-raíz, cinzento-nuvem.  
borboleta dispõe de intimidades  
com arcos íris  
a ponto de cócegas mútuas.  
para beijar amigos e vidas ela usa olhos.  
borboleta é um ser  
de misteriosos nadas.

## PAULA TAVARES\*

---

\* Ana Paula Ribeiro Tavares nasceu na Huíla a 30 de Outubro de 1952. Obras publicadas: «Ritos de Passagem» (1985), «O Sangue da Buganvília» (1998), «O Lago da Lua» (1999) e «Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos» (2001) e «Ex-Votos» (2003), «A Cabeça de Salomé» (2004) e «Manual Para Amantes Desesperados» (2007).



## Cerimónia de passagem

«a zebra feriu na pedra  
a pedra produziu lume»

a rapariga provou o sangue  
o sangue deu fruto

a mulher semeou o campo  
o campo amadureceu o vinho

o homem bebeu o vinho  
o vinho cresceu o canto

o velho começou o círculo  
o círculo fechou o princípio

«a zebra feriu na pedra  
a pedra produziu lume»

## A nêspira

Doce rapariguinha-de-brincos  
amarelece o sonho  
deixa que o orvalho  
de manso

lhe arrepie a pele

SABE A POUCO

## Circumnavegação

Em volta da flor fez  
a abelha  
a primeira viagem  
circumnavegando  
a esfera

Achado o perímetro  
suicidou-se, LÚCIDA  
no rio de pólen  
descoberto.

## RODERICK NEHONE\*

---

\* Frederico Manuel dos Santos e Silva Cardoso nasceu em Luanda aos 26 de Março de 1965. Obras Publicadas: «Génese» (1996), «Estórias Dispersas da Vida de um Reino» (1996), «O Ano do Cão» (1999) «Peugadas de Musa» (2001) e «Uma Bóia na Tormenta» (2007).





## Aniversário

Hoje o tempo comunga  
em mais um aniversário  
e continuo pensando ainda  
que o calor do teu corpo  
envolve o espaço que ocupo

Estás ao meu lado  
aqui, apesar da distância  
Estás mais aqui  
pelo tempo que se esfuma  
e o amor que perdura  
degelando os *icebergs*  
que as nossas mukandas  
bem sabem ludibriar

Gostaria de ter-te  
mas se te tenho!  
em mim, claro!  
Gostaria então de tocar-te  
beijar com meus dedos tua pele suave  
e deixar-me cair como galo conquistado  
na ingénua armadilha do teu sorriso

Gostaria de tropeçar embriagado  
com a cadência melíflua da tua voz  
e lentamente  
com o teu rosto  
apagar as velas que se multiplicam  
por este  
por muitos mais

Aniversários!

## Sem Poesia

Poesia vazia no seio  
sem leite  
vazia no delgado  
sem quilo  
poesia vazia na bexiga  
sem urina  
vazia na merda  
sem peste  
poesia vazia na mulher  
sem útero  
vazia no corpo  
sem crânio  
poesia vazia no soldado  
sem testículos  
vazia no tanque  
sem obuses  
poesia vazia na guerra  
sem sentido  
vazia no país  
sem paz  
poesia vazia, no poema  
sem alma.

## Uma perna perdida

A perna  
decapitada pela energia  
da explosão  
da mina

disse adeus ao dono  
e partiu  
no fumo

Uma perna  
camuflada  
rota  
escondendo seu pé  
numa bota  
esburacada  
anda pedindo esmolas  
pela rua

Leva no sangue  
que das suas veias  
escorre  
o percurso do dono  
que recorre  
recuando o tempo

Já trepou caminhões  
desceu  
andou aos empurrões  
cresceu  
pela parada marchou  
subiu  
nos gabinetes entrou  
fugiu  
nos musseques pululou  
rugiu  
de tristeza chorou  
e sumiu

Sumiu dos escombros  
do que fora seu tugúrio  
uma perna fardada  
tomou de assalto a marginal  
e desfilou  
sonhou!

Sonhou  
a perna dilacerada  
encostada  
no verde do semáforo  
apagado  
na cidade queimada  
Sonhou  
de boca aberta  
ao pó  
dos 4x4 fumegando  
luxo e distância

Uma perna  
rasga a paz urbana  
e viola o sono da seda  
que veste o perfume  
exalado  
de seus ex-camaradas

Decapitada uma perna  
pela energia da explosão  
vermelha uma lanterna  
parindo a luz  
do dia

Que se apague para sempre  
a penumbra  
do olhar!

## Concessão

o laço soltou-se...  
 e teus cabelos envolveram-te  
 as costas, o busto  
 deixando tão só ranhuras  
 por onde assomavam  
 em gesto presente  
 teus mamilos

o laço desfez-se  
 quando disseste:  
 ... entra em mim!

## Referências

Há sempre um passado  
 gravado na extensão das coisas

há sempre um trilho invisível  
 perceptível no corpo das existências

Há sempre um defeito no feito  
 no peito do que parece direito

há sempre um jeito perfeito  
 para adular qualquer conceito

Há sempre um passado  
 sustentando as nossas ousadias

há sempre um homem acordado  
 quando se ouve: já se fez dia!

## Manhã de Praça (Soneto shakespeariano)

Apanhei de manhã o candongueiro  
“...Mutamba-Roque, Mutamba-Roque...”  
Ia o miúdo num cantar domingueiro  
Enquanto saboreava um maboque.  
Velozes cruzamos o Sambizanga  
Deu p’ra ver a casa de meu avô  
Das mulheres na rua, a banga  
E dos carros, as nuvens de pó.  
Num bolso afundei meu fio d’ouro  
Cheguei às bancadas qual *grego* atento,  
Saquei então meu calão mais puro:  
Cumuê canuco, faz lá batimento!  
*“Kota só vó ganhá lá cem,  
Mi dá lá uma ajuda também!”*

## ROSÁRIO MARCELINO\*

---

\* Rosário Marcelino nasceu em Malanje aos 22 de Outubro de 1955. Obras Publicadas: «Ibundus Vermelhos» (1979) e «Jisabhu» (1984).





## Ibundus Vermelhos

Mikonda acordando o bairro  
Mana Luzia peixeira já. Stá passáa  
Seu dikelengu dessufocado  
Larga meu canto

Andorinhas no ar coreando  
Manhãs de ibundus vermelhos

## Assim

Assim  
que meu corpo é fio de guitarra  
assim  
que meu sangue é kandingolo  
nas veias correndo, correndo  
assim  
que minha cabeça é fogo  
meus olhos sol de meio-dia  
assim  
que não conheço o sono  
o vaguear do meu espírito  
assim  
não espero mais sábado.

## Mulher Angolana I

Que se amachuquem os seios  
Contra pedras impiedosas  
Que as domaremos no porvir

Que se bronzeiam as maçãs do rosto  
Com esta lama cor de utuma  
Neste estojo trincheira

Que se pintem os lábios  
Com o bâton da ferida

Mas o inimigo cairá hoje!  
Esta manhã... esta madrugada!  
Eis que me ergo com a Pátria  
Eternamente livre

## Reviravolta

Saltámos a vida errante  
nas grutas de Calolo  
Cambaleando, bambaleando afogou-se  
no Kuanza

sobretudo negro despimo-lo  
no Calahari

túmulo dele é duna e  
o deserto reclama

Quando  
soam as badaladas da meia-noite  
quando  
o dia despe o véu na aurora  
Kifangondo, Kapolo, kanhala...

Tristezas desmesuradas com eles se foram  
Valas comuns com eles se foram  
Magia e Bugigangas com eles se foram  
E vi as palmeiras xaxualhar.



## RUI AUGUSTO\*

---

\* Rui Augusto Ribeiro da Costa nasceu no Kwanza Norte aos 25 de Julho de 1958. Obras Publicadas: «A Lenda do Chá» (1987), «O Amor Civil» (1991) e «Colar de Maldições» (1994).



## Flor oculta

Desperto sinto como o tempo  
vem morar em mim  
Devagar como quando crescemos  
e se nos apagam indelevelmente  
no rosto  
os traços da mocidade

O meu destino ambíguo destino  
se mistura ao destino  
das coisas que passam  
e eu colho a embriaguez  
do efémero  
essa flor oculta  
nas raízes do mundo

Inundada a fronte do existir  
cristalizam-se-me no coração  
imenso pomar  
onde os frutos tardam  
a amadurecer  
as sementes do tempo

Sinto a luz e a sombra  
dos contornos do tempo  
cristalizando na pródiga  
arte dos dias  
sinalizados com números  
nos calendários  
a minha comunhão com o mundo  
Humilde sou pois essa dia

que anónimo passa  
cheio de antigas  
e quotidianas coisas;  
o crepúsculo rubro  
a que a ciência  
não retira a beleza  
e que se apaga pouco a pouco  
acompanhado do rumor das ondas  
e da dança ritual do mar.

## As Minhas águas

São diferentes hoje os olhos  
com que te abraço a cintura azul  
Ó mar diferentes também  
as nossas posturas ontológicas.

Hoje sou eu que te tenho  
como espectador atento  
do quebrar violento  
do vidro das minhas águas.

E quase me igualaria a ti  
no mimetismo das cores  
não fossem tão escuros  
os meus tons.



## Fala baixo coração

Ela vinha toda mar  
deixava em minha praia  
seus vestidos seus perfumes  
as algas dos seus pés.

Foi quando a criança  
que mora em mim  
ainda saía a passear  
pelas ruas então estradas  
todas cheias de brinquedos  
das minhas vãs certezas.

Hoje tudo aquilo já passou  
dizem até que ela morreu  
vejam só tanta volta  
o mundo deu  
Agora o amor  
só de velhas fantasias  
se traja.

Dessas coisas pequenas  
que mais parecem contos de fadas  
fala baixo coração  
Não vá forte tua voz  
acordar  
o que há muito adormeceu.

## Se o Amor voltasse

Eu sei que o amor  
nos visitou  
mas nós não estávamos  
atentos

Tínhamos dezoito anos  
e éramos velozes  
como os corcéis na pradaria  
e efémeros como as flores  
que morrem  
na estação das chuvas

Hoje se o amor voltasse  
eu sei que o reconheceríamos  
pela ansiedade  
que provoca  
e pelo brilho que nos deixa  
no olhar

Mas maduros  
talvez não o aceitássemos  
porque lavrado  
o seu incêndio  
sobre os meridianos  
do coração  
pouca certeza teríamos  
de sobreviver.

## Talismã

Pesada é a bagagem do viajante  
que vai do não existir ao existir  
e do existir ao não existir

Enquanto me dura essa viagem  
que outros me doaram como herança  
e à força de tanto vivê-la  
fiz minha  
de bom grado me desembaraçaria  
de tanta coisa que levo  
e me curva os ombros

Para que a vida me fosse leve  
tão leve que pudesse voar  
como um papagaio  
de pronto me desembaraçaria  
do lastro de lágrimas  
que me torna escorregadio o piso  
ou do cantil de fel  
que se mistura à água que sedento  
bebo  
De bom grado me desembaraçaria  
dos amores perdidos  
das más recordações  
e principalmente  
das culpas  
que tive  
e me fazem arrastar os pés  
como pesadas grilhetas

Acontecesse porém o que acontecesse  
não me separaria nunca  
dum pequeno talismã  
que me ofereceram e eu aprendi  
não sem amargura:

“A imperfeição das coisas  
é o espelho do sonho  
e nele é quase perfeita a face do que amamos”.

## RUY DUARTE DE CARVALHO\*

---

\* Ruy Alberto Duarte Gomes de Carvalho nasceu em Portugal aos 22 de Abril de 1941. Obras Publicadas: «Chão de Oferta» (1972), «A Decisão da Idade» (1976), «Como Se o Mundo Não Tivesse Leste» (1977), «Exercícios de Crueldade» (1978), «Sinais Misteriosos... Já Se Vê...» (1979), «Ondula Savana Branca» (1982), «O Camarada e a Câmara» (1984), «Nelisita» (1985), «Lavra Paralela» (1987), «Hábito da Terra» (1988), «Ana a Manda. Os Filhos da Rede. Identidade Colectiva, Criatividade Social e Produção da Diferença Cultural: Um Caso Muxiluanda» (1989), «Memória de Tanta Guerra» (1992), «Ordem de Esquecimento» (1997), «A Câmara a Escrita e a Coisa Dita... Fitas, Textos e Palestras» (1997), «Aviso à Navegação. Olhar Sucinto e Preliminar Sobre os Pastores Kuvale da Província do Namibe, com um Relance Sobre as Outras Sociedades Agropastoris do Sudoeste de Angola» (1997), «Observação Directa» (2000), «Vou Lá Visitar Pastores. Exploração Epistolar de um Percurso Angolano em Território Kuvale 1992-1997» (1999), «Lavra Reiterada» (2000) e «Os Papéis do Inglês» (2000).



## II – Do alto da falésia

Do alto da falésia  
guardo um breve instante de prenhez nocturna  
que ao Continente me devolva inteiro.

Da noite eu sei  
todo o rumor da gesta mineral  
no acto de ferver as gerações passadas.

Deslizo a carne eréctil de uma orgânica torrente.

Estou no regaço vítreo dos desertos.

## Nu sentado

Trazida à cozinha pela fome da insónia

essa mulher que chora cavalga os saltos altos  
alheia nua à dimensão que tem  
quando atravessa a sala e impõe o aprumo  
da carne e a força do porte que ostenta.

Quando lhe vi assim de madrugada  
nua e sentada  
bebendo o leite e a chorar à toa  
disse para mim, já dado:

– à noite, sempre, é quando mais magoa

## A Aranha

Tece a teia juvenil  
A baba, o brilho, a brancura  
do pensamento em branco.  
E a presa cai  
na tessitura firme.  
Rompe-se a rede que o tempo atravessa.  
E a aranha é cega para não ver-se só.  
Devora-se a si mesma e morre assim.

Um anjo adorna o corpo e morde o chão  
por não ter porte para tamanhas asas.

Cresceram-lhe excessivas de soberba  
e não cuidou do barro que as sustinha.

## 9. A Imprevista graça de um soluço infante

Alguma dor cortante, violina, um gume, acorda uma saudade do que nunca foi, inventa um tempo afável, o da distância aberta no olhar da tarde que se debruça sobre o meu deleite, sobre a surpresa de a achar suspensa no limiar daquilo que previa, e assim já a sabia, sem saber de ti.

Saudade de algum tempo já por certo inscrito na memória dos génios, pois de quem mais, da luz? Tal luz de maio velho que vem do mar para arder-te o rosto e a luz e a cor e dar-me a ver, perplexo, no instante de um relance, que era preciso ter chegado aqui para entender as devoções remotas, o brilho inscrito na exaustão dos dias que agora enfim, no espelho do teu porte, revelam os segredos para



que me votavam, porque era de ti mesma que falavam e me induziam a aguardar-te intacto?

Há quanto tempo é que afinal me habitas, vigias a intenção de imagens que entreguei, esquivas leituras que retive em sons para enfeitar o céu de tanta gente? É pois desse fervor, que era já teu (e algum lugar em mim já sabia) e me ateava para fundir-me às pedras, às rotas da caça, aos rumos dos homens e à prenhez das mães, à matriz das noites e à glória dos dias,

É pois de um tal fervor que purga essa saudade, resina em brasa na salva do peito, e assim germina, frágil e tenra, a imprevista oferta de um soluço infante?

Ou é do que há para ler na cor que expões, e o que aprendi e disse, colhi e partilhei, urdi, não foi senão o que era azado dar-se para me cumprir maduro, em ti, por fim?

Saudade então de uma noção de mim que me previa inteiro, antes de ser já sendo e por fervor de ti. Dessa costura que une tempo ao tempo. De um tempo a haver, portanto, devolvido a mim e pronto para me dar, isento e feito para vencer-me em ti.

## Segunda tirada

Ondula, ondula  
 savana branca  
 até que tudo se confunda em ti.  
 Oh fragmentadores da noite crepuscular,  
 por detrás dos animais só há obscuridade  
 e obscuridade só  
 pela sua frente.

O poderoso hipopótamo  
está perdido num bosque sem saída.  
Já quando quis entrar  
recorreu a uma pequena criatura  
cega como ele e como ele perdida.  
Como fará o cego para que possa ver?  
Será capaz de assegurar ao passo  
a graça da cadência original?

A fornalha poupou-nos  
preparou-nos  
para atravessar as portas do mistério.

Verga-te, oh céu,  
e entrega-te tu, oh terra,  
para que eu veja essa clareira branca  
a mata abandonada  
e nada se oculte  
tudo esteja lá.

A fornalha poupou-nos e é tempo de dizer  
velhos e vãos fragmentadores do céu  
que o corpo não findou  
e está ressuscitado.

Submetei-vos  
asas brancas do crepúsculo  
ao lugar do encontro dos espaços  
à primeira das palavras  
a que remonta à parição do homem  
e viajou por todas as clareiras  
até desembocar na casa do saber.

Eis a Palavra, é esta  
 a que não dorme  
 a que não cessa de aguardar  
 no coração dos homens.  
 Conhece-a apenas o urso formigueiro  
 visionário que escava no mais fundo  
 e o porco-espinho  
 que é o mestre protector do conhecido herdado  
 e o falcão branco  
 que é rápido e ladino  
 e se apercebe de tudo ao mesmo tempo.

Mas foge ao falcão cinzento  
 que não se fixa e voa distraído.

Aquilo que eu sei  
 alguém mo legou.  
 Pai Palavra  
 Mãe Palavra  
 Palavra anterior  
 vem e transforma já o meu futuro.

Repartamos a carga pelas nossas cabeças  
 oh filhos dos fragmentadores do céu  
 unamos a perseverança do aprendiz  
 à perseverança do mestre.  
 Transformação!

Acalmai-vos  
 fragmentadores alados do crepúsculo  
 eu sou a Palavra  
 a abóbada celeste  
 o encontro dos espaços.

A noites é escura  
 Vazia não é.



## SAMUEL DE SOUSA\*

---

\* Alberto Samuel de Sousa nasceu no Bengo aos 27 de Abril de 1927. Obra Publicada: «Poesia 1972» (1978).



## I – Os garotos

Os garotos  
no areal  
acácias rubras  
palavras silenciosas  
ninguém entende  
os cristais de cacimbo  
nos olhos das nascentes dos rios

ninguém entende  
os esqueletos nas fronteiras  
juncando os caminhos  
descalços  
percorrendo as ruas das sanzalas

ninguém entende  
nas corolas das sombras  
a cópula  
dos ventres da mahamba

garotos  
acácias rubras  
palavras

e nas corolas  
corpos púberes  
mahamba

## II – Na memória do sol

Na memória do sol  
olhos  
olhos  
comitivas de bantos  
cais  
barcos  
bantos ao sol  
cais ao sol

na memória do sol  
olhos  
nas pontas das árvores  
olhos  
bantos  
olhos  
sol  
no diálogo com o vento

bantos  
olhos  
sol  
vento

e mais adiante  
galope da cavalgada  
batucada  
cavando o campo  
moendo açúcar  
bebendo aguardente



bantos  
sol  
vento  
algodoais  
açúcar  
aguardente

## VII – Luanda à noite

Luanda à noite  
estrelas arranhando a pele  
com a luz líquida das muralhas  
estrelas fendendo a pele  
com o açúcar dos amores

risos de diamantes nas sombras  
de mulheres apavoradas  
com os sexos nas mãos

Luanda à noite  
espreitam pirâmides  
luas  
relógios  
sacodem o manto  
anunciando o amor

## IX – E ela chegou

E ela chegou  
vestida  
com o rubro da lukula  
com o seu sorriso  
sol  
sol  
sol

e com os braços de sol  
e com os olhos de sol  
e com a alma de sol  
entregou o filho à Lemba

mulemba em sol  
a terra em sol  
nos cristais de cacimbo  
sol  
sol  
sol

## XI – O sol tremendamente africano

O sol tremendamente africano  
risca caminhos de sangue sobre a sanzala

na minha sanzala o sol tremendamente africano  
enche as cabaças com o silêncio dos imbondeiros

e semelhantes ao sol o tapete verde enche os peitos  
nas liturgias da puberdade com os sexos cheios de  
[futuro

na minha sanzala o sol arde  
enche os sexos  
com apelos de amor



## SAPYRUKA\*

---

\* António João Manuel dos Santos nasceu em Luanda aos 14 de Novembro de 1963. Obra Publicada: «Quando o Sol Nascer Comum» (1995), Menção Honrosa do Prémio Literário António Jacinto e «A Erosão do Fogo» (2002).



## Aritmética elementar

Ânsia + açaimo x desidratação = Eclipsol

E o resto?

Beber a náusea no cálice da esperança.

## Estratagemas

Tudo o que se come tem sabor a vômito  
Aqui tudo é tão estranho  
Que até o preço da utopia  
Vem disfarçado nos noticiários da televisão

E quantos lábios confessam solidariedade?  
Oh! Que penoso calote.

## A Psicanálise dos céus

Que véu d'haste veremos ainda  
Se o Sol soletra o sofisma do sólio

&

A terra aterra o berço onde nasce a Ave fecunda?

E quem descobrirá a psicanálise dos céus?

Quem?

E quem há-d'afinal regular o termómetro do tempo  
E hastear os braços da luz que luz nas ondas do mar?

Quem?

## Sobre a velhice da idade da pedra

Caçadores de azagaias em mística procissão  
Sentam-se à volta da chama da noite

Arrastam recordações ocultas no útero estéril do passado  
E contam histórias do futuro violado pela eutanásia

E ao som do deserto que menstrua  
Eles cantam a menopausa do fogo da noite

Aqui e além estão imersos em naufrágios  
Mas cantam e cantam. Oh! Eles (en-)can-tam

E marcham vitoriosos sobre a velhice da idade da pedra.

## A Arte de ser poeta

Sinto-me poeta  
Quando bebo o ópio do teu ósculo  
E ressuscito na maré-alta da tua kilapanga

Sinto-me poeta  
Quando sinto a calefação da tua nudez  
A insuflar este desejo de peregrinar em ti

Sinto-me poeta  
Quando desfaço o fracasso dos meus passos  
No pulso do teu abraço melado e castiço

Sinto-me poeta



Quando me derreto em ti  
 E loucamente te contorces zumbindo  
 – Qual um’abelha cantarolando -

Sinto-me poeta  
 Quando nos encontramos a sós  
 Descalços & famintos  
 À hora da ceia p’ra refrega

Sinto-me poeta  
 Quando reclinas a cabeça no regalo do meu colo  
 E m’insinuas a escalar o teu monte-de-vénus

Sinto-me poeta  
 Quando me deixas brincar  
 Com a escultura ginecológica do teu atelier

Sinto-me poeta  
 Quando desfilo est’olhar geodésio  
 Na arquitectura poética do teu rosto de Kyanda

Sinto-me poeta  
 Quando oiço a sexta sinfonia  
 Do teu sorriso de Gioconda.

## Flores penduradas

Flores penduradas n’alcofa d’acrópole  
 Anestesiando o desabafo das muletas de canto estropiado  
 Pela incerteza das profecias da alcateia  
 Esvoaçando sobre o aeródromo da Ave ferida

Pelo apetite egocêntrico dos bastões/coroas de cristais

&

Enquanto as lágrimas de vidro

Trepam a transparência do rosto exangue do rebanho

Coberto de insónias e carquilhas dolentes

O auditório questiona:

– «Mãos limpas ou a hipocrisia dos deuses?».

## Máscara de natal

Só risos em riste

Ocos

Como

Socos

&

Nada no palco é bíblico

E a máscara de Natal

De cores

E sem odores

Engravida o caudal da hipocrisia.

## Génese

No princípio era a semente da mente imaculada  
 Sem serpente que mente em procissão  
 Entre o ascendente-criação e o descendente-tentação  
 Na maré-alta da bem-aventurança incubada

A cobaia arrastou a tentação e despoletou inflação  
 &  
 Ao Sol escapou-se-lhe a geografia de paz

Quando fechar-se-ão as comportas do dilúvio sagaz  
 Para que Evadão suba ao altar da remissão?

Ou somos apenas as moléculas da grande tribulação?

## Metabolismo

A coruja & o rinoceronte  
 Dialogam com a esperança do Sol lactante  
 &  
 Enquanto as mãos do Sol agasalham o adubo dos céus  
 A terra mergulha as suas raízes no Sol da Lua

A decantação do óvulo germina o metabolismo  
 Da água  
     Da terra  
         Do fogo  
             &  
                 Do ar

E o paladar do arco-íris sonega a míngua da lepra

Vós tendes diante do Sol o termómetro da vida

&

O esfingnomanómetro da inércia  
Navegando entre a cólera e a mansidade  
O que fazer?

## Código azul

– Depois da noite escura, vem sempre o brotar do Sol –

Desci as escadas do drama  
Onde desfilam os sinos do esqueleto  
E as silhuetas afónicas  
Estateladas n'amnésia d'ópio do fogo-fátuo  
Dançando com a alma no palco do meu sonho  
&

Cansei-me de aclamar papagaios a trepar o Embondeiro  
E de ouvir as gargalhadas da guilhotina Real  
Comemorando a sinfonia anónima do concerto de lágrimas  
Que ecoa nas grutas deste paraíso virtual

## TRAJANNO NANKHOVA TRAJANNO\*

---

\* Jordão Augusto Trajanno nasceu em Luanda aos 12 de Dezembro de 1958. Obras Publicadas: «A Morte do Pão» (1993), «Fronteira da Lágrima» (1995), «De que Lado Está Deus», Menção Honrosa do Prémio Sagrada Esperança, «Terra Nova» (2000), «Pedestal de Argila» (2001), «Melodia da Água», Prémio do Concurso MPLA Dr. Agostinho Neto (2003), «Caminhos da Mente» (2004) e «Fisionomia do Limite» (2006)



## 1.ª Balada para devaneio das sementes

tudo que há para além das mãos são factos  
talvez infância  
talvez lembrança  
enumerar algas enumerar ancas enumerar pragas

é inútil não reconhecer o grito dos olhos  
tudo que há para além das mãos são factos  
onde se esconde o repicar dos sinos dúbios sinos  
todos os sinos levam-nos a mesma ideia  
manto de prece sobre nobre cidade  
arquitectura de carne tempo templo e voz  
insígnia e vinha  
demência sacra e vinha  
rito dissonância e vinha  
ante o mel de chuva na pele da uva que já é celeste

tudo que há para além dos beijos são inúteis segredos  
memórias descodificadas no útero das águas  
mágoas inocentes nos passos das aves  
insígnia e vinha  
demência sacra e vinha  
túneis nubentes anéis de cera e vinha

tudo que há para além das estrelas da mão dela  
são pomos que amamentam o prana da alma da terra!  
memórias descodificadas no útero das águas  
mágoas inocentes nos passos das aves  
insígnias e vinha  
túneis nubentes anéis de cera e vinha  
tudo que há para além das estrelas da mão dela  
são pomos que amamentam o prana da alma da terra!

## 2.<sup>a</sup> Canção fisiológica do tempo

dúlcido!...

nunca o dia esteve tão lícido pela harmonia da cigarra  
em meus pés

no convés desta tarde qualquer onde arde a alma  
e a palma da mão de nocturna forma disforme

apascenta a rede na parede e no chão

de velho sonho de pão e espora

fora do ventre do tempo dentro da fragilidade da  
vida

nunca o dia esteve tão lícido

ante ilustre espantalho na insónia do espelho

côncavo espelho tímido de farelo amarelo

e a mão dela grudada ao juízo e ao martelo

a mão dela à entrada do milénio

se reconhece cansada desnuda calçada de luvas

nunca o dia esteve tão lícido entre a mão e o  
horizonte

oh alegre céu alegre infância alegre morte!



## Mitos & epepeias

recuso-me acariciar o umbigo húmido do jazigo  
 com a rima da mesma lágRIMA ridente  
 ao longo dos olhos da demência  
 consciência esCAMoTEADA em vénus  
 pela ausência de vénus  
 as sombras deste lugar dédalo  
 derramam sOmBRAS sobre as árvores  
 todo dia  
 os jORnAIS mancham os jornais e as mãos  
 do dia todo dia  
 as insígnias jorram canções em pés escolhidos  
 pela manhã hodierna mente  
     – recuso a mente  
 a mente da cédula e a cédula da mente  
 a mente do pão e o pão da mente  
 a dançar sobre o umbigo húmido do jazigo húmido  
     – recuso a mente  
 entre mim e o sémen resta-me a poesia  
 que inebria de ebriez a heresia dos mitos e epepeias  
 rasgando o véu infantil dos sonhos!

## Exílio interior

escrito diante do retrato de meu velho pai.

inexplicavelmente este é o sítio por mim escolhido  
ruas longas e estreitas  
paredes marcadas pelo tempo  
suspirando gastos rostos femininos com jimbûmba

Horizontes confundindo-se com camas  
onde o arrebol troca com a terra  
abençoados  
ósculos de corpo inteiro

Paisagens virgens em virgens olhares  
de úteros expostos  
aos céus  
como na longínqua cidade rural  
onde por felicidade nascera meu pai

Inexplicavelmente este é o sítio  
sobrevoadado por fábulas  
estórias de ontem  
e Hinos guerreiros de sempre  
sobretudo hinos do amor guerreiro no terreiro  
que exalam dos corpos andantes dos rios  
com margens grávidas de pescadores  
também prenhe de músicas por cantar  
e versos por pintar  
nas tetas das sereias empoleiradas nos coqueiros

Inexplicavelmente  
este sítio lembra-me uma criança  
todas as manhãs  
e a uma mulher em todas outras horas.

## Ventre lúcido de luz

Procuro motivos para sorrir  
 nos lábios cerrados chegam rostos como ter  
 desejo e desejar bailar  
 sobre a palavra cristalizada no  
 Cálice dos dias

desfilam colmeias de chamas entre o esboço  
 e o poço  
 na palavra de mãos atadas  
 ao mamilo adolescente no crepúsculo do sonho

Em busca de ventre lúcido de luz eterna  
 como convém às abelhas lucidamente amarelas  
 nadar em rios de argila feminina

Pela libertação dos corpos e as frutas

Pela hibernação dos sonhos rejeitados e as frutas  
 entre lábios cerrados reflectindo em mim  
 um jardim de mulheres grávidas  
 e uma criança procurando motivos para sorrir.

## Universalidade do gesto da ave

os pífaros da minha dança sugerem árvores  
derrubadas no grito do meu silêncio sugerem lágrimas  
a rima do batom marrom sugere prata suor e ouro

que fenómeno matará a distância?

no deserto eros mãos e sol anunciam o cântico do arco-íris  
ao mesmo tempo que a ave  
o hino pleno da ave plena anuncia de cristal  
o fim do canto do pranto que habita em mim em cada gesto

de riso em riso  
tece o convexo sacro-belo da génese da nova poesia  
em cada gesto humano da ave  
há expresso ensejo universal de nação

## Retrato onírico de meu rosto

ledo alado e brando elevei-me  
para além de mim ungido de mito rito e ansiedade

ignorei o oceano de porta escancarada ajoelhado a meus pés  
ledo alado e brando  
encontrei-me mais vezes viçoso trepando árvores  
derrubadas do que a plantar sentimentos e dar sentido azul  
a sedimentação das dunas  
as mãos fecundas do tempo acenando a idade

ao ridente horto de tetas ridentes  
a ondulação das ancas dos cavalos-marinhos  
desconhecidos das capitánias

a todo instante ledo alado e brando  
anda uma geração  
distante da intimidade azul quando o céu o é bastante azul

## Ingresso do verso na prancha da alva

ordenho em minha escrivantina saudades de outra  
cidadania  
onde só a imagem feminina retêm a emoção do piano  
balanço na prancha da alva  
e na origem do passo em direcção ao verso

há um outro universo no qual ingresso na nave do  
verso

um outro rio de curso azul que me atravessa os pés  
uma outra voz em outro meridiano  
um outro prado de um outro altar hodierno  
onde preparo o encanto de minha morte  
para a escadaria abandonada da academia de aves a  
paisano

## Na pele das coisas boas

para ti, Paty-Faria, na pele das coisas boas.

*tumbummm, tumbucaaa... tumbummm, tumbucaaa*

enche o espaço o sincopar da ngoma  
inflama o prana da terra de chama eterna da alma  
soltam-se os corpos de ansiedade  
esvai-se furtivo o ai amargo do âmago em dor

*tumbummm, tumbucaaa... tira-pé põe-pé, tira-pé põe-pé*  
febril na dança exuberante e louca louca e exuberante em flor  
*tira-pé põe-pé, tira-pé põe-pé*  
*tumbummm, tumbucaaa... tumbummm, tumbucaaa*

destacam-se sinuosos sinais da escultura  
satura de ópio e manha a respiração e o tempo  
acelera o ritmo diastólico e sistólico do coração  
onírico na plateia em silencioso delírio  
embalo no rio de suor e olor que me puxa endiabrado na dança

tumbummm, tumbucaaa tira-pé põe-pé  
tumbummm, tumbucaaa... tumbummm, tumbucaaa  
tumbummm, tumbucaaa... tumbummm, tumbucaaa

## Realidade exótica da idade da âncora

nuvens secas anunciam chuvas de um tempo errante  
se cai no ventre do dia alguma folha seca em busca de mel

brada na palma da mão o gemido da alma  
se não chove brada o gemido da terra se chove  
insígnias  
na idade máscula da âncora imersa  
no peito sem leite numa paisagem de leite sem peito  
medra recente e regente semblante prudente de aurora virtual  
plantado num chão de coroa ainda exilada

em ruas asfaltadas pela demência exótica da saudade  
na marcha da âncora presente e exótica  
ausente e exótica  
inexistente e exótica presa a cauda de um cometa amortalhado





## TOMÁS JORGE\*

---

\*Tomás Jorge Vieira da Cruz nasceu em Luanda aos 26 de Maio de 1928. Obras Publicadas: «Areal» (1961) e «Talamungongo!... Olha o Mundo!...» (2006).



## Duas idades iguais

Uma criança chora na rua  
Andou a brincar com outras crianças

Subiu árvores  
Sujou a camisa de caju  
Agora não sabe onde deixou  
O seu carrinho de papelão

Chora e procura o seu carrinho de papelão

Foi um velhinho já todo curvado  
Viu a guita do automóvel  
Pegou nele a sorrir  
Brincou e levou contente como uma criança

Toda a gente viu  
Mas ninguém disse nada

O velhinho reencontrou o seu mundo puro de ingenuidades  
As suas mãos tornaram-se pequeninas e saudosas

Uma criança chora na rua  
Um velho brinca distante  
Com um brinquedo de papelão.

## Manga, manguinha...

A manga é um símbolo d'África:  
No seu sabor  
No seu aroma

Na sua cor  
Na sua forma.

A manga tem o feitio do coração!  
A África também  
Tem um sabor forte, quente e doce!  
A África também.  
Tem um tom rubro-moreno  
Como os poentes e as queimadas  
Da minha Terra apaixonada.

Por isso te gosto e te saboreio  
Ó manga!  
- Coração vegetal, doce e ameno.

Tu és o amor do abacate  
Porque ele guarda no seu meio  
Um coração que por ti bate;  
Bate, bate, que bate!  
Ó manga, manguinha,  
Amor do abacate!

## História

Não havia sol  
Não havia sombras  
Não havia noite

Havia o mar e o luar  
Numa hora indefinida

Havia a voz marítima

Num boiar de ossos  
E de cascos de caravelas

E ninguém sabia ver  
Para separar  
Os ossos  
Dos negros  
E dos brancos

Havia uma vela branca  
Sem barriga de vento  
Mas cheia de cantos de Paz.





